

**FACULDADES ALVES FARIA
MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL**

Rosa de Fátima Tavares Souza

**IDENTIDADE, MEMÓRIA E AFETIVIDADE: um estudo de caso das migrações
internas na formação do bairro Bacuri de Imperatriz–MA**

**GOIÂNIA
ABRIL DE 2016**

**FACULDADES ALVES FARIA
MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL**

Rosa de Fátima Tavares Souza

**IDENTIDADE, MEMÓRIA E AFETIVIDADE: um estudo de caso das migrações
internas na formação do bairro Bacuri de Imperatriz–MA**

**Dissertação apresentada ao Curso de
Mestrado Profissional em Desenvolvimento
Regional das Faculdades Alves Faria, como
requisito principal para obtenção do Título
de Mestre, sob a orientação da Profa. Dra.
Eliane Lopes.**

**Linha da pesquisa:
Análise e Políticas de Desenvolvimento Regional**

**GOIÂNIA
ABRIL DE 2016**

**FACULDADES ALVES FARIA
MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL**

Rosa de Fátima Tavares Souza

**IDENTIDADE, MEMÓRIA E AFETIVIDADE: um estudo de caso das migrações
internas na formação do bairro Bacuri de Imperatriz–MA**

AVALIADORES:

**Prof^a. Dr^a. Eliane Lopes – ALFA
(Orientadora)**

ALZINO FURTADO DE MENDONÇA - ALFA

HELIANE PRUDENTE NUNES (PUC - GO)

**GOIÂNIA
ABRIL DE 2016**

À minha amada Família.

Felizmente tenho muito a agradecer.

Certo dia um homem muito sábio me disse que as pessoas eram divididas em dois grandes grupos, aquelas que possuíam um projeto de vida e aquelas que não tinham projeto algum. De imediato essa frase me fez refletir, e compreendi de plano quais eram os meus objetivos e projetos de vida, e um deles é a realização desse Mestrado, que tenho na minha trajetória, não apenas como mais um curso, mas como a realização de uma meta de vida.

Agradeço a Deus por me fazer amar estudar e poder ter vivido intensamente essa minha paixão, de estudante à professora, sempre em sala de aula, feliz e com muita realização pessoal.

Lembro-me com muita clareza e estranha lucidez da minha tenra infância. Às vezes me pergunto se uma lembrança tão nítida é normal em todas as pessoas. Não me lembro de todas as coisas, mas de coisas especiais, entre elas, me recordo do enorme desejo de ir pra escola, de aprender a ler, de estudar. Era tão forte a vontade de ir pra escola que o meu primeiro dia de aula é um filme que nunca se apagou da minha memória.

As lembranças da minha primeira professora, primeira sala de aula, primeiros amigos, primeiras lições são fortes. O certo é que estudar foi e é para mim condição de existência, é vital. Entre tantos caminhos e opções de vida, eu não poderia seguir e elegei outro senão aquele que me permitisse viver em um constante ambiente de aprendizagem, o que me fez reconhecer professora muito cedo.

Diante de tão intensa paixão, desde aquele mês de março de 1985 (infelizmente não me recordo o dia), os meus primeiros momentos na escola, na salinha do Pré Escolar da Tia Joviana (in memoriam) nunca mais eu vivi sem um compromisso escolar, uma sequência sem interrupções.

Meu coração é eternamente agradecido por poder viver sempre fazendo o que mais amo, com muito apoio da minha família e amigos, e com os meus professores sempre me direcionando ao melhor caminho, eternamente grata por conseguir realizar esse trabalho, com apoio especial da minha orientadora Professora Eliane Lopes, que com uma generosidade ímpar, paciência e responsabilidade me conduziu à concretização de mais uma etapa desse sonho, mais um propósito de vida, da vida que eu escolhi.

Soneto do Centenário de Imperatriz

*Imperatriz cidade sertaneja
Em riquezas como outra não se iguala
Vives a esperança de quem quer que seja
Entorpecida em sonho cor de opala*

*Guardas no solo dádiva querida
Aos teus filhos e gente que aqui veio
Como a donzela que guarda em seu seio
Pomo que nutre, seiva que dá vida*

*Terra de fartura, como nunca vi
Desde o rio Lajeado ao Gurupi
Onde o lavrador mora bem feliz*

*Comemorando hoje o teu centenário
Abrasado em civismo extraordinário
Eu te saúdo, rica Imperatriz.
(Vieira de Melo, 26/07/1952)*

*Aos novos e velhos imperatrizenses
desejando que irmanados num só propósito
transformem esse amontoado
de riqueza numa maravilhosa metrópole.
(Edelvira Marques de Moraes Barros)*

RESUMO

SOUZA, Rosa de Fátima Tavares. IDENTIDADE, MEMÓRIA E AFETIVIDADE: um estudo de caso das migrações internas na formação do bairro Bacuri de Imperatriz-MA. Dissertação de Mestrado. Faculdade Alves Faria. Goiânia – GO, 2016

A identidade de um povo diz muito sobre o seu passado, seu presente e seu futuro, por isso é de relevância o estudo das suas expressões, tendo em vista que por meio delas também é possível uma mudança de realidade. O presente trabalho tem por objetivo principal investigar as relações existentes entre os conceitos de identidade coletiva, memórias e sentimento de pertença que a população do Bairro Bacuri tem com o lugar em que mora, de modo a avaliar até que ponto o fortalecimento de uma identidade coletiva pode contribuir para o desenvolvimento social e cultural do bairro estudado. A pesquisa ora apresentada é explicativa de caráter descritivo, tendo como procedimento a observação da comunidade e a escolha do método indutivo. O universo da pesquisa são os migrantes voluntários que chegaram ao bairro Bacuri da cidade de Imperatriz-MA no período de 1960 a 1980 e fixaram residência na localidade. Como instrumentos de coleta foram escolhidos: levantamento bibliográfico; aplicação de entrevista semiestrutura direcionada a nove pessoas-chave do bairro, como forma de observação indireta da população; um questionário fechado com temáticas obtidas com a observação da localidade e itens em destaque na entrevista. Os resultados observados indicam a existência de sentimento de pertença no morador em relação ao bairro, devendo tal pertencimento ser visto e explorado como mobilizador, impulsionador e facilitador das ações que visem melhores condições de vida e de desenvolvimento social e a preservação do lugar.

Palavras-chave: Identidade Coletiva. Sentimento de pertença. Desenvolvimento Local. Bairro Bacuri. Imperatriz-MA.

ABSTRACT

SOUZA, Rosa de Fátima Tavares. IDENTIDADE, MEMÓRIA E AFETIVIDADE: um estudo de caso das migrações internas na formação do bairro Bacuri de Imperatriz-MA
. Dissertação de Mestrado. Faculdade Alves Faria. Goiânia – GO, 2016

The identity of a people says a lot about your past, your present and your future, for that is of relevance to the study of their expressions, in order that through them it is also possible a change of reality. The present work has as main objective to investigate the relationship between the concepts of collective identity, memories and sense of belonging that the population of the neighborhood's place in Bacuri who lives in order to assess to what extent the strengthening of a collective identity can contribute to the social and cultural development of the neighborhood. Now research is descriptive in character, with explanatory as the Community procedure and the choice of the inductive method. The universe of search is a voluntary migrant who arrived to the neighborhood the Bacuri city of Imperatriz-MA in the period 1960 to 1980 and settled in the locality. Collection instruments were chosen: bibliographic survey; application of interview semi structure directed the nine key people in the neighborhood, as a form of indirect observation of the population; a closed questionnaire with themes obtained from the observation of the locality and items featured in the interview. The results observed indicate the existence of sense of belonging to the tenant in relation to the neighborhood, and such belonging be seen and explored as a mobilizer, booster and facilitator of actions aimed at better living conditions and social development and the preservation of the place.

Keywords: Collective Identity. Sense of Belonging. Local Development. Bacuri Neighborhood. Imperatriz-MA.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – As correntes migratórias para Imperatriz-MA – Esboço manual.. Erro! Indicador não definido.	
Figura 02 – Bairro Bacuri – Imperatriz-MA	51
Figura 03 – Feira do Bacuri Imperatriz-MA	60
Figura 04 – A Tradicional panelada de Imperatriz-MA	60
Figura 05 – Riacho Bacuri próximo à BR 010	80
Figura 06 – Riacho Bacuri próximo à BR 010	80

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Evolução do Número de Migrantes – Brasil: 1940/1980	35
Quadro 02 – Evolução da população do município de Imperatriz-MA	38
Quadro 03 – Imperatriz – Residentes não naturais do município, por lugar de nascimento – 1960 a 2000.	43
Quadro 04 – Crescimento local dos últimos 50 anos.	46
Quadro 05 – Fragmentos das respostas obtidas em entrevista.	69
Quadro 06 – Fragmentos das respostas obtidas em entrevista.	70

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 – Situação econômica antes da mudança para Imperatriz – MA	74
Gráfico 02 – Motivo da Mudança.....	75
Gráfico 03 – Conservação dos hábitos de vida do local de origem.....	77
Gráfico 04 – Preocupação do morador/migrante com os problemas do bairro	78
Gráfico 05 – Quanto à afetividade migrante / bairro.....	81
Gráfico 06 – Prioridades do Bairro Bacuri - Apresentando as 3 mais indicadas	82
Gráfico 07 – Quanto à participação popular para a efetivação de mudanças.....	82
Gráfico 08 –A vida melhorou ou piorou com a decisão de migrar para Imperatriz.....	83

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 IDENTIDADES, MEMÓRIAS E AFETIVIDADE TERRITORIAL	18
1.1 Identidades individuais e coletivas.....	18
1.2. Memórias.....	25
1.3 Sentimento de pertença e afetividade territorial	29
2 AS ORIGENS HISTÓRICAS E A MIGRAÇÕES INTERNAS DO BAIRRO BACURI EM IMPERATRIZ	33
2.1 Breves reflexões sobre a migração interna no Brasil e no Estado do Maranhão no século XX.....	34
2.2. Notas sobre a história do município de Imperatriz.....	38
2.2 A formação da população do Bairro Bacuri	46
3 UM OLHAR SOBRE IDENTIDADE COLETIVA, MEMÓRIA E AFETIVIDADE DA COMUNIDADE DO BAIRRO BACURI DE IMPERATRIZ–MA E AS CONTRIBUIÇÕES NO DESENVOLVIMENTO LOCAL	53
3.1 Aspectos metodológicos da pesquisa empírica.....	53
3.2 Resultados e Discussões.....	56
3.2.1 Entrevista.....	56
3.2.2 Questionário	73
3.3 Contribuições	85
CONCLUSÃO.....	88
REFERÊNCIAS	92
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTA.....	102
APÊNDICE B – ENTREVISTA 1.....	104
APÊNDICE C – ENTREVISTA 2	109
APÊNDICE D – ENTREVISTA 3	114
APÊNDICE E – ENTREVISTA 4.....	118
APÊNDICE F – ENTREVISTA 5.....	122
APÊNDICE G – ENTREVISTA 6	125
APÊNDICE H – ENTREVISTA 7	129
APÊNDICE I – ENTREVISTA 8.....	133
APÊNDICE j – ENTREVISTA 9.....	136

APÊNDICE K – ENTREVISTA 10	139
APÊNDICE L – FORMULÁRIO DO QUESTIONÁRIO FECHADO.....	141

INTRODUÇÃO

A Cidade de Imperatriz – MA, em 1960, contava com uma população de 39.169 habitantes. Já no início dos anos 1980, os censos apontavam 220.079 habitantes (IBGE, 2008). Nesse período, ocorreu um aumento superior a 200% (duzentos por cento) na população da cidade, impulsionado pelo dinâmico crescimento local advindo em razão da construção da Rodovia Belém Brasília. (FRANKLIN, 2005).

Segundo Sanches (2003) as correntes migratórias voluntárias para Imperatriz foram representadas por uma significativa quantidade de pessoas procedentes de outros países e ainda de pelo menos 24 (vinte e quatro) estados, fora o Maranhão. Essa mencionada corrente foi responsável por 45% (quarenta e cinco por cento) da população do Município no período de 1970 a 1980. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), incluindo migrantes de outros municípios maranhenses, foram 100.096 pessoas que chegaram a Imperatriz, somente no citado decênio.

Na atualidade, Imperatriz é o segundo município em população no Estado do Maranhão. A última contagem populacional apontou 247.553 habitantes, segundo o último censo realizado em 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010). Já no ano de 2015 o número de habitantes é 253.126, segundo estimativa oficial. (IBGE, 2015). Nota-se que a população imperatrizense não parou de crescer, no entanto, sem a mesma intensidade das décadas de 1960 a 1980, sem variações muito significativas.

Em decorrência do fenômeno migratório voluntário, surgiu na cidade a convivência de um número muito grande de pessoas com modos de vida diferenciados, as quais vivenciavam novos hábitos de vida, propostos não apenas pelo novo momento e pelo novo lugar, mas principalmente pela interação e o convívio com pessoas de vários estados do país e de outros países. Rompendo-se, assim, com um passado estável de práticas diárias pessoais e de identidades, substituindo essa estabilidade por uma multiplicidade de novos conhecimentos, que são desenvolvidos conforme as necessidades de convívio dos sujeitos com a nova cidade e também da própria interrelação entre os novos habitantes.

Bauman (2005) revela, mas, ao mesmo tempo, não fecha a discussão sobre a questão das identidades surgidas na era da globalização. Para o autor, a identidade não necessariamente é vinculada ao nascimento, mas pode evoluir para uma constante construção e transformação ao longo das vivências e das modificações do mundo moderno. Assim, não

representa ou demonstra uma imposição, mas pode se reproduzir e se constituir em um produto de escolhas, condicionamentos ou omissões.

Como *locus* escolhido para a presente pesquisa, tem-se o bairro imperatrizense denominado Bacuri, espaço urbano formado por invasões, sem qualquer planejamento direcionado pelo poder público. A ocupação dessa localidade se deu em decorrência do recebimento de migrantes de diferentes origens, motivados pelos empreendimentos públicos e privados na região nas décadas de 1960 a 1980.

A cidade atualmente, conta com 85 bairros (IBGE, 2010), mas o local onde hoje é o bairro Bacuri foi o primeiro lugar de instalação das pessoas que chegavam a Imperatriz e não conseguiam comprar lotes na região central da cidade. Assim, geograficamente foi onde os migrantes conseguiram estabelecer residências e onde muitos ainda moram até hoje, justamente pela proximidade do Centro da cidade, onde estão fixados o comércio e os serviços do município.

Segundo dados do IBGE (2010), o bairro analisado conta com 53.000 (cinquenta e três mil) habitantes, predominantemente residencial, com poucas incidências de empreendimentos industriais e comerciais, sem saneamento básico e com baixos índices de qualidade de vida. É justamente a essa citada população, levando em consideração a forma como a mesma se formou e se instalou, que a presente pesquisa se dedica, buscando os aspectos de identidade coletiva, sentimento de pertença e suas contribuições para o desenvolvimento do lugar, justamente por ter sido o Bacuri o primeiro local de destino das pessoas que chegavam a Imperatriz em busca de melhores condições de vida.

Devido à singularidade e a importância do local para a temática do presente trabalho, apresenta-se como objetivo principal da pesquisa a investigação das relações existentes entre os conceitos de identidade coletiva, memórias e afetividade territorial que a população do Bairro Bacuri tem com o lugar em que mora, de modo a avaliar até que ponto o fortalecimento de uma identidade coletiva contribui para o desenvolvimento social e cultural do bairro estudado.

Diante dessa temática, emergem alguns questionamentos:

- Quando esses migrantes reinseridos em um novo ambiente habitacional começam a desenvolver vínculos de afeto e pertença com a nova localidade escolhida ou até imposta para morar? Até que ponto a possível falta de identificação entre as pessoas pode prejudicar o desenvolvimento da localidade, ressaltando aspectos como organização e militância social, cultural e até mesmo aspectos de política partidária?

Pretende-se elucidar aspectos relacionados à identidade das comunidades, às possíveis conexões desses fatores com a origem dos moradores, e aos traços culturais preservados e difundidos ao longo do período de ocupação do território mencionado.

Com relação à abordagem e procedimentos metodológicos, a proposta de pesquisa ora apresentada é explicativa de caráter descritivo, tendo como procedimento a observação direta e indireta da comunidade proposta, além da escolha do método indutivo.

Destaca-se que a pesquisa tem como procedimento a coleta de dados, uma revisão bibliográfica e uma pesquisa documental, tendo por base materiais já elaborados sobre a temática, observando conceitos e ideias sobre a semântica de conceitos como memórias, sentimento de pertença e relações entre o homem e o local onde vivem.

O universo da pesquisa são os moradores do bairro Bacuri da cidade de Imperatriz que chegaram à localidade por meio das migrações dos anos 1960 a 1980. Na coleta de dados, a pesquisa contou com a utilização de dois instrumentos:

Uma entrevista semiestruturada aplicada para nove pessoas-chave do bairro, entre essas pessoas destacam: um padre (Igreja Católica); um pastor (Assembleia de Deus); um morador antigo do bairro (mais de 40 anos de residência); uma professora; um trabalhador de serviços gerais; um comerciante; uma advogada do núcleo de assistência judiciária; dois estudantes universitários (um do sexo feminino e um do sexo masculino). Convém se observar que o fato de se optar por pessoas-chave foi justamente para que de maneira indireta a população fosse consultada, pois cada pessoa entrevistada é inserida em um subgrupo diferente do bairro e foi abordada sobre a sua própria opinião e também o que a observação no seu contexto de vida no bairro. O número inicialmente proposto de pessoas entrevistadas era de 10, sendo que a décima pessoa era o representante da associação de moradores do bairro, que não foi encontrado, depois de frustradas tentativas. Ressalte-se que em todo o contexto da pesquisa os entrevistados serão denominados e apresentados, quando da análise de suas falas, pelas respectivas funções ou profissões, visto que optou-se pela não identificação dos mesmos, por motivo de maior liberdade de manifestação das opiniões, sem preocupações com qualquer desconforto ou problemas que eventuais relatos possam ocasionar, assim, serão assim apresentados no decorrer do trabalho: padre, pastor, professora, morador antigo, advogada, serviços gerais, comerciante, estudante universitário e estudante universitária

Um questionário fechado, elaborado a partir da observação *in locu* no bairro e das temáticas mais destacadas nas entrevistas, sendo utilizado para se observar a percepção e a identificação do morador com o bairro, bem como os aspectos de desenvolvimento do lugar observados pelos moradores. O questionário é de muita importância para a pesquisa, pois traz

para o trabalho uma confirmação do que se discutiu nas entrevistas, destacando com um instrumento um pouco mais objetivo e direto, que corrobora as temáticas e as percepções obtidas com as pessoas-chave, sendo aplicado para 30 (trinta) migrantes com mais de 30 (anos) de residência no bairro estudado.

A pesquisa está organizada em três capítulos, sendo que o primeiro capítulo traz a reflexão sobre os conceitos de identidades individuais e coletivas, memórias e sentimento de pertença, apontando ideias dos autores e traçando conexões entre as teorias abordadas e a influência no desenvolvimento da localidade.

Em sequência, no segundo capítulo, a pesquisa apresenta uma análise do bairro Bacuri, identificando a formação e origem da população do bairro imperatrizense, além da dinâmica de crescimento da população urbana do bairro, contextualizada com o histórico das migrações voluntárias.

Já o terceiro capítulo trata da população do bairro Bacuri em Imperatriz – MA, elaborado inicialmente com a exposição da metodologia, onde se demonstra de forma mais detalhada a classificação da pesquisa e obtenção e tratamento dos dados obtidos nas entrevistas e no questionário realizado, analisando-se os sentimentos de identidade coletiva, memória e pertença da população e a interconexão desses sentimentos com o desenvolvimento social e cultural da localidade, partindo da observação de relatos orais dos moradores e dos dados obtidos com a aplicação do questionário fechado.

A pesquisa traz para a sociedade local o reconhecimento da construção de suas identidades coletivas, e essas informações poderão ser transformadas em ações e projetos sociais, conduzidos por lideranças locais ativas e associações de moradores, conquistando melhores condições de vida e maior conscientização na utilização dos recursos naturais do lugar. O conhecimento social da identidade coletiva motiva a organização social e direciona o grupo a buscar um desenvolvimento baseado em laços cooperativos e uma participação política mais ativa da sociedade.

1 IDENTIDADES, MEMÓRIAS E AFETIVIDADE TERRITORIAL

*“Não importa que a tenham demolido:
a gente continua morando na velha casa
em que nasceu” (Mário Quintana)*

O presente capítulo apresenta a base teórica e conceitual, a partir do qual é discutida a temática da pesquisa: as identidades individuais e coletivas, a memória e afetividade territorial, enfocando o entendimento de alguns estudiosos sobre os conceitos, contribuindo assim na composição de todo o trabalho.

Primeiramente destaca-se o conceito de identidade individual e coletiva e suas conexões com o espaço. Em seguida, o conceito de memória como elemento de representação da identidade coletiva, além do conceito relativo ao sentimento de pertença dos habitantes com a localidade, visando compreender se a dinâmica de crescimento da população do bairro Bacuri em Imperatriz - MA influencia os sentimentos de identidade coletiva, memória e pertença dos moradores locais.

1.1 Identidades individuais e coletivas

Entende-se por identidade individual a conscientização da construção da subjetividade de cada ser individualizado e o reconhecimento de tal processo. Nesse sentido, Freire (2003, p. 36) afirma que:

A subjetividade é um sistema complexo de significações e sentidos subjetivos produzidos na vida cultural humana, e ela se define ontologicamente como diferente dos elementos sociais, biológicos, ecológicos e de qualquer outro tipo, relacionados entre si no complexo processo de seu desenvolvimento. Temos definido dois momentos essenciais na constituição da subjetividade – individual e social -, os quais se pressupõem de forma recíproca ao longo do desenvolvimento. A subjetividade individual é determinada socialmente, mas não por um determinismo linear externo, do social ao subjetivo, e sim em um processo de constituição que integra de forma simultânea as subjetividades social e individual. O indivíduo é um elemento constituinte da subjetividade social e, simultaneamente, se constitui nela.

Subjetividade ou identidade individual também é descrita como a percepção que o ser humano tem de si mesmo, vinculada à auto-realização. Conforme as palavras de Wagner (1996, p. 29):

De um modo geral, as identidades individuais se constituem de inúmeros aspectos, tais como ser um pai de família, ser um fiel empregado de uma companhia, ou um bom cidadão de um país. Como indicam os exemplos podem variar em amplitude, se referindo a outras pessoas e grupos, situados a uma distância maior ou menor do indivíduo. Costuma-se dizer que, no mundo moderno, a identidade individual está estreitamente vinculada à noção de auto-realização. Mas essa noção também pode ser entendida de várias maneiras. Numa linguagem romântica, significaria a descoberta de um eu interior e a tentativa de realizar as exigências desse eu. Numa linguagem mais profana, poderia ser entendida como aquela que dá prioridade aos objetivos pessoais, mesmo que negligenciando valores mais elevados. Neste último sentido, a identidade individual toma uma feição extremamente individualista, referindo-se à possibilidade de uma escolha de identidade e à responsabilidade exclusivamente individual por esta escolha. Contudo, é preciso levar em consideração que todo processo de formação de identidade tem uma natureza social. Até mesmo uma concepção mais individualista de identidade está associada à uma cultura individualista, em que se realiza e da qual, até certo ponto, depende.

Observe-se, no entanto, que Wagner (1996) encerra a apresentação do conceito de identidade individual afirmando que mesmo em contextualizações que priorizem a individualidade, a formação da identidade individual não se realiza sem um contexto social, refletindo nesse pensamento a importância do meio social para a formação psicológica do indivíduo.

Em uma visão intensa, moderna e quase poética, Bauman (2003, p. 20) também define assim o termo identidade:

Identidade, a palavra do dia e o jogo mais comum da cidade, deve a atenção que atrai e as paixões que desperta ao fato de que é a substituta da comunidade: do lar supostamente natural ou do círculo que permanece aconchegante por mais frios que sejam os ventos lá fora. Nenhuma das duas está à disposição em nosso mundo rapidamente privatizado e individualizado, que se globaliza velozmente, e por isso cada uma delas pode ser livremente imaginada, sem medo do teste da prática, como abrigo de segurança e confiança e, por essa razão, desejada com ardor. O paradoxo, contudo, é que para oferecer um mínimo de segurança e assim desempenhar uma espécie de papel tranquilizante e consolador, a identidade deve trair sua origem; deve negar ser apenas um substituto — ela precisa invocar o fantasma da mesmíssima comunidade a que deve substituir. A identidade brota entre os túmulos das comunidades, mas floresce graças à promessa da ressurreição dos mortos.

Já no sentido denotativo, a palavra identidade representa características individualizadas e personalíssimas dos seres humanos ou um grupo de comportamentos coletivos praticados por uma sociedade ou grupo social, conforme se observa nas palavras de Rattner (2001, p.5):

Há crescentes evidências de similaridades de comportamento entre indivíduos de diferentes culturas nacionais, assim como grandes diferenças entre indivíduos da mesma sociedade. A personalidade pode ser considerada tanto um produto de nossas predisposições inatas, quanto de nossas experiências de vida adquiridas à medida que crescemos. Fatores fisiológicos e sociais modelam nossa história pessoal e coletiva.

Em consonância com o entendimento de que a formação das identidades individuais é influenciada ou transformada por fatores sociais e territoriais, é destacado abaixo um fragmento de uma entrevista que o sociólogo Zygmund Bauman concedeu a Benedetto Vecchi no ano de 2005. Destaque-se que a resposta obtida relata um episódio da vida do entrevistado no qual o mesmo teria se auto questionado sobre a sua própria identidade, sem reconhecê-la, conforme os relatos de Bauman (2005, p. 15):

Segundo o antigo costume da Universidade Charles, de Praga, o hino nacional do país da pessoa que está recebendo o título de *honoris causa* é tocado durante a cerimônia de outorga. Quando chegou a minha vez de receber essa honraria, pediram-me que escolhesse entre os hinos da Grã-Bretânia e da Polônia... Bem, não me foi fácil encontrar resposta. A Grã-Bretanha foi o país que escolhi e pelo qual fui escolhido por meio de uma oferta para lecionar, já que eu não poderia permanecer na Polônia, país em que nasci, pois tinham me tirado o direito de lecionar.

O que o autor demonstra é uma dúvida de quem ele verdadeiramente é, seria britânico, por ter sido ali acolhido e convidado a lecionar? Ou seria Polonês, por ter nascido naquela terra e lá ter vivido por muitos anos? A solução encontrada por Bauman (2005, p. 15) na ocasião foi uma forma ainda mais clara e enfática acerca da necessidade de ligação entre o homem e o local em que vive, no qual se inclui como parte, ao qual se identifica e se diz pertencer. Escolheu o hino europeu, contemplando, assim, o lugar onde nasceu e o que o acolheu, simultaneamente:

Nossa decisão de pedir que tocassem o hino europeu foi simultaneamente incluyente e excluyente. Referia-se a uma entidade que abraçava os dois pontos de referência alternativos da minha identidade, mas ao mesmo tempo anulava, por pouco relevantes ou mesmo irrelevantes, as diferenças entre ambos e assim, também, uma possível cisão identitária. Tirava da pauta uma identidade definida em termos de nacionalidade – o tipo de identidade que me foi negado e tornado inacessível.

Alguns versos comoventes do hino europeu ajudaram: *alle Menschen werden Brüder...* A imagem da fraternidade é o símbolo de se tentar alcançar o impossível: diferentes, mas os mesmos; separados, mas inseparáveis; independentes, mas unidos.

De acordo com essa visão, a identidade não necessariamente é vinculada ao nascimento, mas evolui para uma constante construção e transformação ao longo das vivências e das modificações do mundo moderno. Assim, não representa ou demonstra uma imposição, mas pode se reproduzir e se constituir em um produto de escolhas.

Outra definição de identidade também importante é a identidade social, apresentada por Wagner (1996) na qual se refere às inserções das identidades individuais em contextos sociais e territoriais, refletindo a convivência e a cooperação entre os indivíduos e os grupos sociais ou o local onde se vive ou trabalha, destacando que as identidades representam na modernidade, fatores determinantes para a formação de grupos sociais:

Com a expressão identidades sociais me refiro à efetiva inserção das identidades individuais nos contextos sociais de outras pessoas. Ver-se como membro de um grupo maior pode ser o aspecto essencial da identidade de uma pessoa. Exemplos clássicos são as identidades nacionais e as identidades de classe. Assim, filhos de pais alemães, nascidos em solo alemão, podem se sentir parte de um grupo maior, os alemães, aos quais se sentem ligados pelo destino histórico, ainda que, na realidade, jamais venham a conhecer a maioria. Ou então, operários podem se sentir ligados a outros operários em qualquer parte do mundo, porque definem da mesma maneira sua situação social e se vêem empenhados numa mesma luta. Identidades de gênero e identidades étnicas “não-nacionais” têm constituído, nos últimos tempos, focos explícitos de formação de grupos sociais, como é o caso do movimento de mulheres e dos grupos afro-americanos e hispanoamericanos nos Estados Unidos. (WAGNER, 1996, p.30)

Assim, identidade social representa um grupo de características observadas de forma intensa e marcante em um determinado grupo social. Ressalta-se, no entanto, que existe um predomínio de algumas práticas e não a uniformização das mesmas, “a falta de homogeneidade, passa a ser, segundo as novas discussões sobre o termo, a nova formação de identidades pautadas na heterogeneidade dos grupos sociais e indivíduos da pós-modernidade” (SANTOS; CARDOSO; VELOSO, 2009, p.19). O bairro Bacuri, ora analisado, pode ser uma perfeita definição do termo “heterogeneidade”, o que traduz a possível formação de novas identidades.

Compreende-se, portanto, que o indivíduo reflete o meio social e o lugar em que vive. Convém observar que, especificamente nos séculos XIX e XX, surgiram intensas transformações quanto à forma de viver das pessoas, ou seja, as relações de convivência das

pequenas comunidades rurais começaram a ceder espaços para os aglomerados urbanos. Tal mudança na forma de vida associa-se à revolução dos transportes, que oportunizam um rápido deslocamento entre as regiões e consequente domínio de novas terras, facilitando um número maior de convivências entre os indivíduos e possibilitando constantes mudanças e transformações na sociedade e nas cidades.

Nesse entendimento, Bauman (2003, p. 68) afirma que:

A globalização é a compressão, a diminuição do espaço geográfico pelo encurtamento do tempo; o que acontece num determinado lugar tem um impacto imediato sobre pessoas e lugares situados a uma grande distância. Isto é, através dos modernos meios de transporte e de comunicação, as informações, as culturas, as religiões, as ideias, os modos de vida de diferentes grupos/sociedades são divulgados e partilhados por outras pessoas, em espaços diferentes e agora já não (tão) distantes.

Para a Antropologia, o homem é um produto não apenas biológico, mas cultural e também social, produto do ambiente no qual vive e se relaciona com outros seres, assim, “as atitudes comportamentais dependem das relações que estabelecem consigo mesmo e com o meio em que está inserido” (SANTOS; CARDOSO; VELOSO, 2009, p. 17). E se esses relacionamentos estão sendo facilitados por conta do desenvolvimento de tantas tecnologias aplicadas aos meios de transportes e de comunicação, aumenta consideravelmente a possibilidade de convivência e de troca de experiências entre os seres humanos em um mesmo espaço e mesmo em espaços diferentes.

É importante refletir sobre a concepção moderna do mundo, incluindo os avanços e descobertas tecnológicas, que impulsionam o desenvolvimento de novas práticas de vida, tendo em vista que o contato é facilitado, as pessoas se comunicam constantemente sem dificuldade, o que favorece a introdução de aspectos distintos, de características e modos de vida individuais e sociais, impossíveis de se evidenciar em outras épocas da vida, em razão das barreiras de tempo e espaço que proporcionavam a preservação de individualidades e particularidades dos povos, sendo, portanto, mais simples a abordagem e conceituação do que seria identidade.

Santos, Cardoso e Veloso, (2009, p. 19) assim ensinam:

Dá-se a formação de grupos sociais distintos, herdeiros de um processo em que experiências e costumes, crenças e hábitos de diversas sociedades são assimilados, formando, assim, uma nova cultura, única e diferente que reflete os valores apreendidos através das gerações com as quais houve identificação.

Justamente pela facilidade de transporte e comunicação e pelos processos de globalização, decorre a ideia de que a identidade é elaborada socialmente, associada a uma etnia ou a um território. Segundo Castells (2000, p. 23):

Não é difícil concordar com o fato de que, do ponto de vista sociológico, toda e qualquer identidade é construída. A principal questão, na verdade, diz respeito a como, a partir de quê, por quem, e para quê isso acontece. A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados e sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espaço.

No mesmo entendimento, Hall (2002, p. 7) considera que:

A questão da identidade está sendo extensamente discutida na teoria social. Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até então visto como um sujeito unificado. A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social.

“A identidade é relacional, ela é marcada pela diferença” (HALL, 2002, p. 9). É necessário destacar que a identidade territorial defendida no entendimento de Castells (2000), representa um aspecto essencial para a constituição do espaço. Assim, tem-se o espaço como necessidade elementar para que os grupos sociais possam vivenciar suas inter-relações e reconhecerem suas identidades. Quando o espaço muda, os lares são transportados, surgem novas interconexões, novas vidas se misturam, novas identidades podem surgir.

Para Giddens (2002, p. 36):

As transformações na auto-identidade e a globalização, como quero propor, são dois pólos da dialética do local e do global nas condições da alta modernidade. Em outras palavras, mudanças em aspectos íntimos da vida pessoal estão ligadas ao estabelecimento de conexões sociais de grande amplitude. Não quero negar a existência de muitos tipos de conexões intermediárias – por exemplo entre localidades e organizações estatais. Mas o nível de distanciamento tempo-espaço, introduzido pela alta modernidade é tão amplo que, pela primeira vez na história humana, eu e sociedade estão inter-relacionados num meio global. Vários fatores da alta modernidade, influenciam diretamente a relação entre auto-identidade e instituições modernas.

A identidade é delineada como marcas de diferenciação dos indivíduos entre si, elaborada sob aspectos culturais e territoriais específicos, ou baseando-se em um rol de características culturais inter-relacionadas. (HALL, 2002)

No mesmo entendimento, Abramovay (1998, p. 47) afirma que:

Território é o ambiente de vida, de ação, e de pensamento de uma comunidade, associado a processos de construção de identidade. Um território representa uma trama de relações com raízes históricas, configurações políticas e identidades que desempenham um papel ainda pouco conhecido no próprio desenvolvimento econômico.

Hall (2002) posiciona-se no embate de poder proporcionado por esse relacionamento com o outro, posto que as identidades apresentam-se, em crescente ênfase, se fragmentando e se recompondo, ou seja, que “as identidades modernas são definidas historicamente e não biologicamente, porquanto elas (as identidades) costuram o sujeito à estrutura” (HALL, 2002, p.11). Por tal arranjo, é possível se concluir que as identidades se organizam contextualmente e representam as transformações da sociedade, do local e dos sujeitos.

No mesmo sentido, Hall (2002, p. 13) defende que:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significações e representações culturais se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente.

As Ciências Sociais também debatem a noção de identidade. Weber (1991) apresenta-se como um dos primeiros cientistas sociais a analisar a noção consciência étnica à experiência da migração, destacando seu sentimento de pertença a uma comunidade. Identidade étnica, coletiva ou territorial, vista em consonância com construção social e humana.

Conforme visto, pelas diversas acepções expostas, é possível se afirmar que existem várias contextualizações e entendimentos acerca do que seja identidade. No entanto, seja individual, coletiva, étnica ou territorial, torna-se bem mais importante destacar que o reconhecimento das suas identidades representa ao homem sinônimo de empoderamento, ainda que de cunho pessoal. Torna-se ainda mais notório no aspecto relativo à sociedade, a possibilidade dessa identificação entre as pessoas fortalecer o convívio e a busca por melhores aspectos de vida.

Identidade é produto coletivo, especialmente pelas experiências de observação dos costumes, das crenças, das memórias, da ideia de pertencimento e do modo de vida da sociedade, especialmente em sociedades que sofrem alterações muito intensas na sua estrutura, alterações essas advindas de diversos fenômenos, entre os quais, a migração em massa, impulsionada por grandes transformações econômicas e sociais. Ou a noção de identidade é uma, própria e intangível, pertencente individualmente a cada pessoa, independente dos seus caminhos e escolhas? Ou é estruturada na memória individual?

1.2 Memórias

Entre os diversificados sentidos do termo memória, o dicionário Houaiss (2001) apresenta os seguintes:

1 faculdade de conservar e lembrar estados de consciência passada e tudo quanto se ache associado aos mesmos (...) 2 lembrança que alguém deixa de si, quando ausente ou após sua morte, mercê de seus feitos (bons ou maus), qualidades, defeitos, etc; nome, reputação (...) 3 aquilo que ocorre ao espírito como resultado de lembranças já vividas; lembranças, reminiscências.

A memória pode ser individual, quando representada por lembranças de uma pessoa, formada por suas vivências particulares, acrescidas dos acontecimentos marcantes do meio social em que viveu. E também coletiva, estruturada por acontecimentos importantes do grupo social, lembrada por todos que lá viveram e até fora daquela sociedade.

Nesse sentido, Halbwachs (2004, p. 78) diz que:

A memória aparentemente mais particular remete a um grupo. O indivíduo carrega em si a lembrança, mas está sempre interagindo com a sociedade, seus grupos e instituições. É no contexto destas relações que construímos as nossas lembranças. A rememoração individual se faz na tessitura das memórias dos diferentes grupos com que nos relacionamos. Ela está impregnada das memórias dos que nos cercam, de maneira que, ainda que não estejamos em presença destes, o nosso lembrar e as maneiras como percebemos e vemos o que nos cerca se constituem a partir desse emaranhado de experiências, que percebemos qual uma amálgama, uma unidade que parece ser só nossa. As lembranças se alimentam das diversas memórias oferecidas pelo grupo. E dificilmente nos lembramos fora deste quadro de referências. Tanto nos processos de produção da memória como na rememoração, o outro tem um papel fundamental.

A memória é, sobretudo, uma elaboração conjunta. Arquivos de lembranças importantes e significativas pertencentes a cada grupo social, representando “os quadros coletivos da memória não se resumem em datas, nomes e fórmulas, que representam correntes de pensamento e de experiência onde reencontramos nosso passado porque este foi atravessado por isso tudo” (HALBWACHS, 2004, p. 71).

As lembranças unem as pessoas que as possuem, tendem a impulsionar a formação das identidades coletivas, cada detalhe lembrado remete a uma associação de significados e acontecimentos que são comuns às pessoas que vivem contemporaneamente em um mesmo lugar. É o que defende Halbwachs (2004, p. 89):

O que justifica ao historiador estas pesquisas de detalhe, é que o detalhe somado ao detalhe resultará num conjunto, esse conjunto se somará a outros conjuntos, e que no quadro total que resultará de todas essas sucessivas somas, nada está subordinado a nada, qualquer fato é tão interessante quanto o outro, e merece ser enfatizado e transcrito na mesma medida. Ora, um tal gênero de apreciação resulta de que não se considera o ponto de vista de nenhum dos grupos reais e vivos que existem, ou mesmo que existiram, para que, ao contrário, todos os acontecimentos, todos os lugares e todos os períodos estão longe de apresentar a mesma importância, uma vez que não foram por eles afetados da mesma maneira.

Assim, “memória representa trabalho, no sentido de que a memória é e sempre será um trabalho do presente” (BOSI, 1999, p. 55). A lembrança é reflexo de um ideal reconstruído a partir de acontecimentos que existem no presente na consciência atual. Mesmo que tal lembrança seja clara, jamais será a mesma imagem que se vivenciou no passado. Assim, a memória é um ponto de vista, sempre será recriação da realidade por meio do pensamento (BOSI, 1999).

Essa referência material pode ser exemplificada pelos monumentos, ou lugares fixados na memória, o patrimônio arquitetônico e seu estilo, que acompanham a vida, as paisagens, as datas e personagens históricos cuja importância se apresenta incessantemente revividos, assim como, as tradições e costumes, certas regras de interação, o folclore e a música, e até mesmo a culinária (POLLACK, 1992).

A memória é o elemento básico da tradição familiar, pois é por meio da memória que se preservam hábitos de vida, práticas, condutas que foram ensinadas e, normalmente, se tentam preservar, rituais diários, evitando-se o esquecimento. Para Pollak (1992), só haverá construção da memória se esta for relacionada diretamente ao tema da identidade. Aponta que, na construção da identidade, é preciso levar-se em conta três elementos essenciais: a unidade física, ou seja, a concepção espacial; a continuidade dentro do tempo; e, “o sentimento de

coerência, ou seja, de que os diferentes elementos que formam um indivíduo são efetivamente unificados” (POLLAK, 1992, p. 204).

Pollak (1992) destaca, ainda, que a memória pode ser classificada como seletiva, pois nem tudo de fato fica registrado, mas apenas aqueles acontecimentos muito marcantes para o meio social ou para o próprio indivíduo. Ela acaba por sofrer algumas alterações que ocorrem como consequência do momento em que ela está sendo articulada. Com isso, pode-se dizer que a memória é construída ao longo da vida e pode ser reconstruída se o curso dos acontecimentos diários for intenso e continuamente oscilante, podendo ser essa construção consciente ou não. Ou pode-se ainda afirmar que essa seleção feita pela memória possa refletir certo grau de importância afetiva, ou seja, os fatos mais marcantes na vida de uma pessoa ou de uma coletividade se conservam por mais tempo que as coisas corriqueiras do dia a dia (POLLAK, 1992).

Para Pollak (1992), existe uma conexão muito forte entre memória e identidade. Pensar em uma memória que seja substrato para uma identidade social é pensar em uma memória coletiva, ou seja, a memória individual está inserida em uma coletividade.

Daí, a importância que a memória seja vista em relação à intrínseca conexão que é estabelecida entre o homem, a sociedade e os espaços físicos ocupados, principalmente quando se ressalta a convivência e a troca constante de hábitos de vida e meios de se enfrentar dificuldades oriundas de vários aspectos, entre eles, a falta de condições dignas de vida e até de esperanças de dias melhores. É preciso se ressaltar que as lembranças comuns podem aproximar as pessoas, unir em condições de reconhecimento e de identificação, tendo em vista que as dificuldades são as mesmas para todos.

Ribeiro (2001), também aponta que o desenvolvimento da identidade tem por base as lembranças guardadas e preservadas dos acontecimentos mais visíveis de uma sociedade. Assim, para a autora, a memória urbana ou coletiva determina e condiciona a identidade cultural de um povo. Essas memórias representam as leituras particulares e coletivas do mundo e das formas de vida, vistas como fontes da formação da identidade cultural de um território e seus moradores. Esse entendimento é defendido por Ribeiro (2001, p. 10):

O registro da memória é percorrido e encontra-se nos documentos escritos, nas falas, nas vivências, nos signos, nas imagens. (...) A maneira como a população faz do seu habitat e como se organiza mostra a memória como construção da cidadania, originada pela necessidade de reconhecimento do direito à vida e a um espaço na cidade.

Para Ribeiro (2001), a memória é descrita como elemento que sustenta a identidade, tanto coletiva quanto individual justamente porque ambos os conceitos têm como referência o presente e o passado de uma sociedade. Para a autora, o tempo e o espaço representam mudança na sociedade e as lembranças fixadas na memória ligam as pessoas aos lugares em que viveram tais acontecimentos, proporcionando por meio da memória individual e urbana a formação de identidades com o lugar em que tenha vivido tais experiências.

Dentre as definições expostas, é necessário distinguir a memória das cidades de outra, a da memória urbana que, por sua vez é, “o estoque de lembranças do modo de vida urbana por si, sem obrigação de relacioná-las a uma base material particular, a um lugar específico”. (ABREU, 1987, p. 18).

Esta distinção é importante para a compreensão do papel da história no processo de resgatar a memória e, principalmente, os embates que decorrem do ato de resgatar o passado de um determinado lugar. No mesmo sentido, são esclarecedoras as palavras de Jucá (2010, p. 238):

Entretanto, vale ressaltar que o uso da memória não deve ter como parâmetro fronteiras fixas, delimitadas pela racionalidade, impondo restrições à livre interpretação sobre experiências históricas. A evocação dos sentimentos manifestos, nas práticas vividas, por mais rígidas que sejam os padrões de vigilância e manutenção de tradições, mesmo assim, a expressão dos sentimentos, manifestos nas práticas individuais e coletivas, quaisquer que sejam os agentes históricos, se revelam como preciosas fontes, capazes de propiciar um mergulho íntimo nas experiências observadas. Para captar o sentido revelador das representações, que molduram o imaginário social, os sinais observados nos remetem ao alcance das sensibilidades, como testemunhos das experiências vividas. Embora as sensibilidades estejam envoltas nas individualidades observadas, o cenário cultural nos remete à observação das experiências plurais, onde o coletivo se manifesta, mas envolve no aspecto revelador da ação dos agentes individuais. À primeira vista, as sensibilidades se afigurariam como uma forma de conhecimento fora do âmbito científico, pois não emanam da racionalidade, limitando a outrora tão almejada busca da verdade histórica. Entretanto, a realidade apreendida pelos sentidos desde a antiguidade clássica se manifestava, revelando o significado de seu conteúdo, como complemento de argumentos explicativos da ação humana. Embora os sentidos se manifestem como anteriores à capacidade de reflexão humana, eles não deixam de ser uma oportunidade de reação dos indivíduos diante das experiências vividas.

No presente estudo, a concepção de memória que mais interessa são as interpretações acerca de memórias urbanas e coletivas, isto é, aquelas que constituem o patrimônio histórico das cidades, dos bairros e até das comunidades de uma mesma rua e que impulsionam a formação das identidades coletivas, no caso em tela, da comunidade do Bairro Bacuri, da cidade de Imperatriz-MA.

O desafio é conectar a ideia de memória urbana, bem como da ligação entre os moradores do Bairro Bacuri da Cidade de Imperatriz-MA com a construção dos hábitos, modos de vida, práticas comuns, observando se existem essas associações entre os moradores e a localidade, objetivando entender se essa citada relação influencia no modo de viver dos moradores, visto que “a defesa do lugar é vista como condição necessária de toda segurança, devendo ser uma questão do bairro, um “assunto comunitário” que caberá à comunidade — a comunidade local, uma comunidade corporificada num território habitado por seus membros e ninguém mais” (BAUMAN, 2003, p. 102).

Ante o exposto, pode se perceber que existe um tipo de memória afetiva que é construída a partir dos acontecimentos diários, conectada com o local onde se vive, e transformada diante de mudanças muito intensas na vida, como um novo lugar para se viver. Essa memória, como essencialmente seletiva, apoia a construção de uma identificação com a localidade, compreendida pelos hábitos e modos de vida, e pela nova inserção no novo espaço de vida. É o que se pretende observar com a presente pesquisa, verificar se a identidade local do morador, baseada nas lembranças e práticas comuns, já se desenvolveu ao ponto de os mesmos se reconhecerem como peças fundamentais daquele espaço, ao ponto de a ele pertencerem.

1.3 Sentimento de pertença e afetividade territorial

Segundo definição exposta no dicionário Aurélio, o vocábulo pertencimento ou a expressão sentimento de pertença é um pensamento subjetivo, um nexos que liga distintas pessoas (FERREIRA, 2012). As pessoas reconhecem a si mesmas como componentes de uma coletividade identificando-se por terem os mesmos valores, mesmos medos e anseios comuns.

No entendimento de Spinelli Júnior (2006, p. 01), “a definição de comunidade tem passado, sobretudo, pela afirmação de sua dimensão subjetiva: a comunidade se estrutura a partir de um sentimento de comunidade, de um senso de pertencer à determinada coletividade”.

A sensação de pertencimento significa que o morador se sente como parte integrante do lugar e que esse espaço também lhe pertence, e que assim desenvolve o poder de interferência na rotina e nos rumos desse tal lugar.

Em igual sentido, Freitas (2008, p. 47) afirma que:

Quando há um forte sentimento pelo lugar, quando existe um sentimento afetivo por ele, quando temos no interior da comunidade a presença de um sentimento de pertença, as possibilidades de uma população se unir em torno de um objetivo comum são muito maiores do que naqueles lugares onde estes sentimentos não estejam presentes, ampliando as potencialidades de se alcançar um efetivo e abrangente processo de desenvolvimento.

Para Bonnemaïson (2002, p. 91), “A correspondência entre o homem e o lugar, entre uma sociedade e sua paisagem, está carregada de afetividade e exprime uma relação cultural no sentido amplo da palavra”. Os moradores podem se identificar ou sentir-se inseridos como parte de um determinado território, tendo como base as memórias dos fatos vividos, tendo tais fatos associações cronológicas com o próprio curso de vida das pessoas.

No mesmo entendimento, Freitas (2008, p. 46)

Tal necessidade de buscar uma centralidade no mundo se torna ainda mais intensa com o acelerado processo de globalização que assistimos e a necessidade dos territórios em se diferenciar dos demais lugares. Esse processo potencializa por parte da população os sentimentos de pertença por suas comunidades. Quanto mais forte são tais ligações emocionais, maior será o sentimento de pertencimento dos indivíduos em um grupo ou comunidade. Sentimento esse, por sua vez, indispensável para a solidificação e preservação de um determinado agrupamento de pessoas. Fato que ganha maior relevância quando se verifica que o homem é um ser social por natureza.

Os debates sobre o assunto pertença não são recentes, visto que os sentimentos em relação ao grupo em que se vive e ao lugar já eram compreendidos desde a antiguidade, como se observa nas palavras de Le Bourlegat (2000, p. 15):

A configuração da cidade romana na antiguidade e a constituição da cidade-estado nos ajudam a entender o sentimento de pertença, uma vez que ser romano significa ter pelo menos duas identidades: (1) de pertença ao grupo, na condição de ‘patrício’, na medida em que ele se origina de um patriarca comum; (2) de pertença ao lugar, a ‘pátria’, espaço coletivo e demarcado dos patrícios.

O sentimento de pertença surge da vivência e dos acontecimentos entre os moradores de determinado território. Assim, os encontros cotidianos geram afetividade e identidade coletiva. O pertencimento pode ainda ser interpretado como um aliado do desenvolvimento ou da preservação local uma vez que, além de criar forte identificação do indivíduo com os elementos ambientais, os socioculturais, as memórias, as crenças, os valores e o jeito de se

viver em um determinado lugar, pode, inclusive, despertar a participar das formulações e decisões sobre seus destinos.

É o entendimento de Santos, Souza e Silveira (1999, p. 251), ao afirmar que:

A apropriação pode assumir uma dimensão afetiva, derivada das práticas espacializadas por parte de grupos distintos definidos segundo renda, raça, religião, sexo, idade ou outros atributos. Neste sentido, o conceito de território vincula-se a uma geografia que privilegia os sentimentos e simbolismos atribuídos aos lugares. Apropriação passa a associar-se à identidade de grupos e à afetividade espacial.

Esse despertar impulsionado pelo sentimento de pertença também pode ser direcionado para a preservação do lugar, ou seja, se existe um sentimento de apego ao lugar, quando existe um sentimento afetivo por ele, existindo, assim, maior motivação para uma população se unir em torno de um objetivo comum, ampliando as potencialidades de se alcançar um efetivo e abrangente processo de conservação e conseqüente desenvolvimento e melhores condições de vida para o local.

Nas palavras de Santos (1999, p. 264), “a memória coletiva é apontada como um cimento indispensável à sobrevivência das sociedades, o elemento de coesão garantidor da permanência e da elaboração do futuro”.

No mesmo sentido, Silva, Andrade e Priori (2009, p. 32) afirmam que:

O sentimento de afetividade com o lugar parte das memórias afetivas, das lembranças e do apego sentimental com seus moradores e a sensação de ser parte integrante do espaço desperta nas pessoas a iniciativa de preservar aquilo como se fosse uma extensão de sua casa, isso não ocorre por imposição, nem por conscientização, ocorre devido à própria afetividade em relação ao espaço natural e artificial, ou seja, preservação ambiental e patrimonial.

O pertencimento à comunidade, como reflexo do dia-a-dia, emerge como uma força vital que pode ser canalizada para o processo de desenvolvimento e para a preservação do local (LE BOURLEGAT, 2000). Assim, o pertencimento deve motivar o envolvimento e a participação da comunidade nas ações em prol da melhoria das condições sociais e ambientais da comunidade.

Nesse sentido, Martins (2015, p. 16) entende que:

Na essência do desenvolvimento local, a participação popular é a força motriz necessária à sua implementação e continuidade. Na atualidade, a participação é cada

vez mais considerada indispensável na concepção e prática das políticas públicas. Ainda que, em muitos casos, a participação popular acabe por funcionar como fator de legitimação das ações governamentais, o que se observa é a exigência cada vez maior de meios que viabilizem o diálogo com a sociedade civil organizada ou não. Por outro lado, a participação popular tem sido requisito indispensável nos projetos que buscam o apoio financeiro de organismos internacionais.

Assim, entende-se que a cidade, o bairro, a comunidade proporcionam ao indivíduo a percepção e elaboração de identidades territoriais e de pertença, que podem ser utilizadas, por meio de sensibilizações e mobilizações, utilizadas na conquista da melhoria social (ABRAMOVAY, 2002).

No mesmo entendimento, as palavras de Freitas (2008, p. 42), reforçam que:

A noção de identidade e pertencimento a um determinado local é fundamental para o sucesso do processo de Desenvolvimento Local. A construção social, resultado dos laços territoriais, econômicos e culturais de um determinado espaço geográfico gera um sentimento, que por sua vez, é de grande relevância ao conceito do Desenvolvimento Local. Desta forma, existe uma conexão importantíssima entre a apropriação do território e a apropriação do projeto de desenvolvimento a ser aplicado em determinada comunidade. Uma vez que quanto maiores as relações emocionais e os sentimentos por determinado local, maior o desejo de vê-lo progredir e crescer, tanto econômico, social e culturalmente.

Com a presente pesquisa, busca-se investigar se o morador do bairro Bacuri de Imperatriz-MA, que chegou ao local por meio das migrações voluntárias ocorridas nos anos 1960 a 1980, época de implementação de projetos nacionais que beneficiavam a região, já desenvolveu afetividade e pertencimento com a sua “nova” terra, ou seja, se as memórias construídas nesse novo lugar, nessa nova vida, já se mostram suficientes para influenciar a sua identidade a ponto de desenvolverem e demonstrarem sentimento de pertença com o bairro e, conseqüentemente, se essa conexão afetiva com o local pode ser usada como elemento motivacional propulsor de mudanças na vida daquele lugar.

2 AS ORIGENS HISTÓRICAS E A MIGRAÇÕES INTERNAS DO BAIRRO BACURI EM IMPERATRIZ

*Sua Majestade Imperatriz. Flor da Amazônia,
 vitória-régia — grande, incultivada e bela.
 Imperatriz. Cidade de antônimos.
 Pólo de concentração e dispersão.
 De importação e exportação. Imigração e
 migração. Desejo e decepção.
 Imperatriz anfíbia: Nordeste e Amazônia. Sol
 e água. Seca e selva.
 Areia e relva. Sofá e sela. Porta e porteira.
 Pórtico e cancela. Mansão e palhoça. Carro e
 carroça. Asfalto e roça.
 Misto de trabalho e desemprego, de produção
 e carência,
 de oferta e procura, desperdício e fatura,
 resultado de seus contrários,
 pastel de paradoxos, Imperatriz é o retrato
 ampliado de nossos acertos e imperfeições,
 virtudes e incompletudes.
 Um São Paulo no interior do Maranhão,
 todos nós brasileiros temos algo a ver com
 esta cidade.
 (Edmilson Sanches)*

O presente capítulo apresenta uma breve reflexão sobre as migrações internas no território brasileiro no século XX e a história de ocupação do município de Imperatriz, estado do Maranhão, destacando os grandes períodos de desenvolvimento econômico proporcionado por obras públicas, como a construção da Rodovia Belém-Brasília, a qual impulsionou um contingente significativo de migrações para o município.

A análise também explica, por meio de informações obtidas com vários autores que pesquisam sobre a cidade, como se deu a formação da população de alguns bairros

imperatrizenses, em especial o bairro Bacuri, observando o acomodamento humano após os períodos em que a cidade foi o destino de muitas pessoas, de todas as regiões do Brasil e até de outros países.

2.1 Breves reflexões sobre a migração interna no Brasil e no Estado do Maranhão no século XX

Migração consiste no ato da população deslocar-se espacialmente, ou seja, pode se referir à troca de país, estado, região, município ou até de domicílio. As migrações podem ser desencadeadas por fatores religiosos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos e ambientais. A migração interna corresponde ao deslocamento de pessoas dentro de um mesmo território, dessa forma pode ser entre regiões, estados e municípios. Tal deslocamento não provoca modificações no número total de habitantes de um país, porém, altera as regiões envolvidas nesse processo. A história do povo brasileiro é comumente relacionada com o fenômeno da migração, desde os primórdios do Brasil Colônia e, em um momento mais atual, pelo deslocamento interno, induzindo um momento migratório específico. Na década de 1930, as migrações internas começaram a desenhar uma nova composição espacial do território nacional. (VALE; LIMA; BONFIM, 2004)

No Brasil, o percentual de pessoas que se deslocam dentro do território nacional, com o objetivo de trabalhar ou fixar moradia em uma unidade da federação diversa da que nasceu, representa 40% da população, de acordo com os números da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) do ano 2007, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2007).

Mesmo com uma grande incidência de migrações internas entre de 1960, 1970 e 1980, conforme se observa no quadro 01, a movimentação ainda é significativa, pois segundo o IBGE (2010), 10 milhões de pessoas (5,4% da população) declararam ter mudado de cidade quando da realização do último censo. Os imigrantes (assim denominados os que chegam) eram 1,2 milhão e, entre 1999 e 2004, passaram a somar 870 mil, de acordo informações expostas na Pnad.

Quadro 01 – Evolução do Número de Migrantes – Brasil: 1940/1980

Década	Migração interna (milhões)	População Brasileira	Migração interna pop. Brasileira %
1940	3,4	41.165.289	8,5
1950	5,2	51.941.767	10,3
1960	12,5	70.070.457	18,2
1970	29,5	93.139.037	31,7
1980	40,0	119.070.865	33,6

Fonte: CEM – Centro de Estudos Migratórios 1988

As razões que justificam um número tão alto de deslocamentos no território brasileiro estão relacionadas com o surgimento e conseqüente ampliação das relações capitalistas, especificamente substanciadas na questão da busca por terras para agricultura familiar e pecuária, por novas oportunidades de empregos nas regiões de maior industrialização e urbanização, configurando-se como uma intensa busca por equilíbrio social. Assim, a maioria das pessoas envolvidas nas migrações internas buscam melhores condições de vida e, portanto, projeta-se na nova moradia ideais de melhores ofertas de terras, melhores salários, equilíbrio social. Nesse sentido Estrela (2003, p. 240) afirma que:

Pode-se afirmar que os deslocamentos em nosso país estão claramente relacionados, entre outros fatores, com o processo de desenvolvimento das relações capitalistas, com a questão fundiária, o crescimento econômico, a urbanização e as desigualdades regionais.

Nesse mesmo entendimento Durhan (1973, p. 20) esclarece que:

No Brasil, o desenvolvimento econômico resultante da industrialização está associado a dois fenômenos complementares e concomitantes: o incremento das desigualdades regionais e a constituição de grandes metrópoles. Tanto um quanto outro fenômeno implica na formação de grandes correntes de migração interna através das quais se processa uma maciça redistribuição da população.

Convém observar, no entanto, que “em se tratando de migrações internas o que caracteriza os movimentos migratórios não é o tempo de permanência e sim a finalidade de residência”. (PATARRA, 2003, p. 240). É importante compreender que uma movimentação migratória interna intensa tem reflexos na forma de vida dos sujeitos envolvidos, bem como no desenvolvimento de novos hábitos de vida. Assim, a partir desse deslocamento espacial da população os lugares sofrem influências culturais tanto para quem chega, quanto para quem já morava no lugar de destino.

Um ponto a ser considerado nesse processo é a fixação de nova residência, pois nesse novo contexto, o morador diversifica seus convívios sociais, trabalhistas, econômicos e transforma a dinâmica de sua vida e também dos nichos de relacionamentos (TROVÃO, 2008).

O fenômeno demográfico brasileiro destaca intenso crescimento das regiões Norte e Centro-Oeste, especificamente a partir da década de 1970, resposta ao projeto da Marcha para o Oeste, de 1940, bem como do campo de trabalho ofertado na região. Contudo, é importante lembrar que as zonas menos habitadas do país não recebem novos migrantes com a mesma velocidade que o Sudeste recebeu outrora. Dados do IBGE (2010) confirmam que o número de migrações internas no Brasil caiu 37% nos últimos 15 anos.

No cenário maranhense, as migrações internas foram impulsionadas pela primeira vez com a abertura dos caminhos do gado, que conectaram os estados da Bahia e Piauí chegando ao sudeste do Maranhão, fixando-se em uma localidade denominada Pastos Bons, lugar propício ao desenvolvimento da atividade pecuária e pelo destaque da borracha na região amazônica (TROVÃO, 2008)

Os referidos viajantes “encontraram em terras maranhenses aquilo que não tinham no seu Estado de origem: terras abundantes e devolutas, índice pluviométrico satisfatório e solo úmido, graças à cobertura arbórea e à presença constante das chuvas” (TROVÃO, 2008, p. 24).

Tais movimentos são citados por Almeida (1995, p. 93 *apud* FERREIRA 2015, p. 43) como segue:

Em muitos momentos desenvolveram-se migrações oriundas das províncias do então norte do Brasil em busca de atividades econômicas mais atrativas. No século XVII, muitos nortistas da Zona da Mata seguiram os *caminhos do gado* rumo ao **sertão**, no XVIII, outros foram contaminado pela *febre do ouro* na região das minas e, nos oitocentos, pelos *louros do café* no Sudeste. A historiografia, porém, dá mais destaque aos movimentos migratórios que tem como razão de expulsão a seca, e de atração a abundância de chuvas, rios e terras devolutas e, posteriormente, o *boom* da borracha na Amazônia se refere ao movimento das chamadas *bandeiras verdes*: [...] dirigido sempre para uma terra onde as folhas nunca secam. Mais ou menos o sul do Pará e o oeste do Maranhão, onde as folhas nunca secam, onde as águas sempre correm.

Com reflexão análoga sobre o recebimento de migrantes no Estado do Maranhão Ferreira, (2015, p. 43) afirma que:

A historiografia maranhense registra desde a segunda metade do século XIX a chegada de levas de migrantes oriundos de outras províncias da região hoje designada Nordeste. A atração da economia extrativa da borracha em direção à Amazônia e a expulsão da terra natal pelo fenômeno natural das secas periódicas são apontados, consensualmente, como explicação para o deslocamento de indivíduos e famílias e da sua fixação, pelo acaso da existência de terras devolutas, no território referido como “Maranhão”. Abordou-se o problema da migração oitocentista de piauienses, pernambucanos, potiguares, paraibanos e, em maior proporção numérica, cearenses, especialmente sob a égide da transformação das formas de trabalho no campo. A desagregação do escravismo exigia a reformulação do eixo produtivo e o advento de novos personagens (os migrantes nordestinos) ia construindo, na prática, uma alternativa que vinha sendo estudada por intelectuais e administradores. Os migrantes nordestinos das primeiras décadas do século XX, são um dos componentes privilegiados para o entendimento dos rearranjos do Maranhão, com a ocupação de terras devolutas abundantes no Estado até a década de 1960, e se tornam parte integrante das linhas traçadas por historiadores, economistas, geógrafos, sociólogos e antropólogos.

Já na realidade imperatrizense quanto ao recebimento de migrantes, algumas referências podem ser destacadas: a construção da BR 010 (Belém- Brasília), com o objetivo de mais acessos à Capital nacional, interligando-a com o Norte do país; a os investimentos na extração de recursos minerais do Distrito Carajás; e, 1980 o fenômeno de Serra Pelada, a construção da Hidrelétrica de Tucuruí e a Estrada de Ferro Ponta da Madeira – Carajás e o potencial do rio Tocantins (BARROS, 1996).

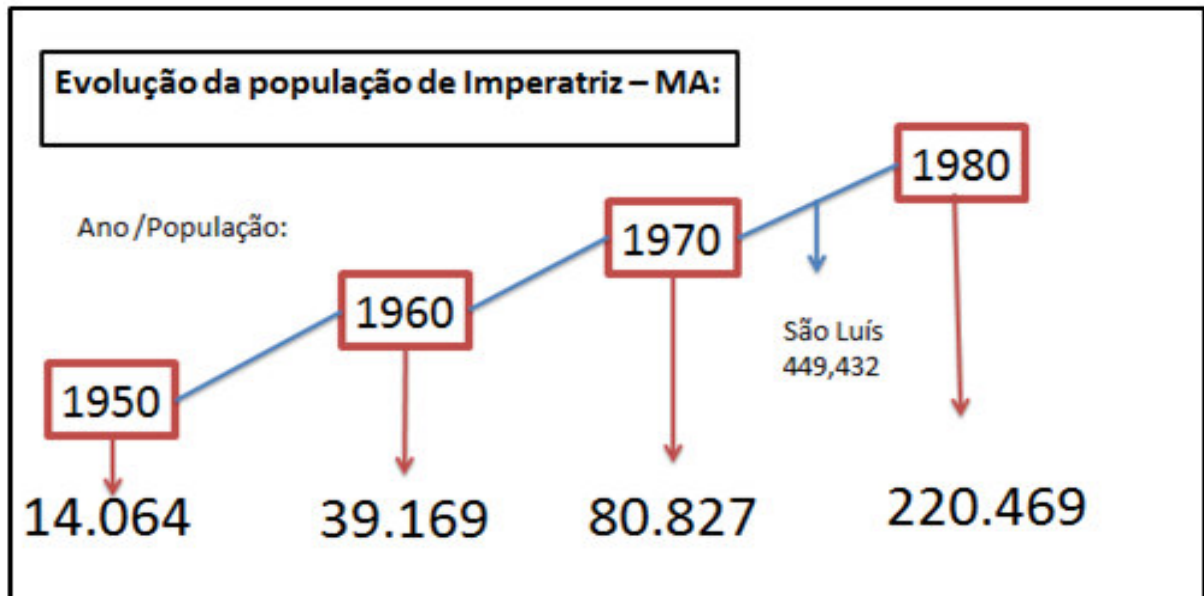
Serra Pelada foi um influente garimpo localizado na região Sudeste do Pará e chamou atenção de pessoas de todo o país, em especial, do Norte e Nordeste. As pessoas deixavam sua cidade pelo sonho dourado. A cidade de Imperatriz, por está localizada na fronteira e por já possuir muita oferta de serviços, passou de porto à moradia de muitos aventureiros em busca do Eldorado paraense. (BARROS, 1996).

No mesmo sentido Franklin (2005, p. 172):

É possível perceber que no período de 1970 a 1980 a população imperatrizense mais que dobrou. Esse crescimento pode ser atribuído ao período dos diversos ciclos econômicos ocorridos na região, em especial à corrida do ouro, que acontecia na localidade conhecida como Serra Pelada (Sudeste do Estado do Pará), na qual havia um grande fluxo migratório. Partindo de um desfecho do cenário nacional, de investimentos de programas federais, estaduais e condições endógenas, Imperatriz é considerada como uma cidade de média concentração urbana, que impulsiona com certo dinamismo a economia regional.

Com o recebimento de tantos migrantes, o município de Imperatriz teve uma transformação populacional muito intensa, como demonstra o quadro 02:

Quadro 02 – Evolução da população do município de Imperatriz-MA



Fonte: Elaborada pela autora, 2016 a partir de IBGE: Censos demográficos e Estimativa da população

2.2. Notas sobre a história do município de Imperatriz

A cidade de Imperatriz encontra-se localizada às margens do Rio Tocantins, entre as Rodovias BR-010 (Belém-Brasília) e MA-122, a 618 (seiscentos e dezoito) quilômetros da capital São Luís, tendo no seu espaço territorial a Estrada de Ferro Carajás e a Ferrovia Norte Sul.

É o segundo maior município do estado do Maranhão, com população projetada de 252.320 (PROJEÇÃO 2014) habitantes e uma área total de 1.369 km² (IBGE, 2014).

Destaca-se que a origem do município em análise foi motivada pelo Movimento das Bandeiras, que oriundo da cidade São Paulo avançava para o centro do país em busca de novas riquezas e de exploração de parte desse território ainda desconhecido do país. A formação e o povoamento do território de Imperatriz - MA tiveram sua estruturação e suas bases primordiais nos séculos XVI e XVII.

Os primeiros passos direcionados à fundação da referida cidade se deram a partir de um equívoco de localização geográfica, ou seja, no ano de 1849, partiu da cidade de Belém uma expedição contando com 11 (onze) embarcações, tendo como finalidade a implantação de um presídio, juntamente com a criação de uma colônia militar e a estruturação de uma missão religiosa, obedecendo a comandos vindos do Imperador.

Nesse sentido, corroboram as palavras de Sanches (2003, p.115) quando afirma que:

A ocupação de Imperatriz ocorreu a partir de uma expedição comandada por Jerônimo Francisco Coelho, que tinha por objetivo inicial a construção de um presídio militar às margens do Rio Tocantins e a remoção de obstáculo que impediam a navegação pelo referido curso d'água.

O fruto dessa expedição foi a fundação da cidade, por Frei Manoel Procópio do Coração de Maria, em 16 de julho de 1852. O religioso, até essa data, pensava estar em terras paraenses, aportou e estabeleceu a cidade denominando-a de Povoação de Santa Tereza do Tocantins, que logo após passou a se chamar Vila Imperatriz em homenagem à Imperatriz Tereza Cristina, chegando a categoria de cidade em de 22 de Abril de 1924.

Conforme as palavras de Sanches (2003, p. 115):

Em 1852, Frei Manoel Procópio, acompanhado de Juvenal Simões e Zacarias Fernandes, juntamente com as famílias dos soldados de expedições anteriores, fixou-se em um local achando que estivessem em terras do Estado do Pará. Enganaram-se, pois se tratava de terras maranhenses. Nesse mesmo ano foi fundada a povoação de Santa Tereza. Esse nome deve-se ao fato do Frei Manoel Procópio ser devoto da Santa Tereza D'Ávila. O povoado crescia rapidamente e quatro anos depois, em 27 de agosto de 1856, de acordo com a lei nº 398, originou-se a Vila de Imperatriz, nome dado em homenagem à Imperatriz Tereza Cristina.

Criada pela Lei Provincial número 398/1956 assinada pelo Barão de Coroatá, então presidente da Assembleia Legislativa Provincial do Maranhão, deixou de ser freguesia e passou à categoria de vila, Vila Nova de Imperatriz, à margem direita do Rio Tocantins, no sítio que o Governo julgou mais apropriado para a instalação da sede da mesma. A essa época na localidade escolhida para implantação construíram de plano uma casa de oração e uma igreja, sendo que em 1859, pela Lei provincial 594/1859 foi transferida a sede desta vila para o povoado de Porto Franco, somente retornando, em 1862, por outra lei provincial, a número 631 (SANCHES, 2003).

A Vila foi descrita por Manuel Maria do Amaral, juiz de Direito e Deputado provincial da época, de acordo com Sanches (2002, p. 146):

A população tem crescido, e com ela, a indústria, três engenhos de cana acham-se montados, cujos produtos excedem ao consumo da população, servindo as sobras às necessidades dos viajantes, dando-se ainda ultimamente uma circunstância muito atendível, e que incontestavelmente garante um grandioso desenvolvimento futuro no predito lugar [...] a população não se esqueceu do culto divino, uma capela existe

onde é a missa celebrada [...] Santa Teresa contém em seus subúrbios uma população de indígenas superior a duzentas almas [...] é inegável que Santa Teresa, elevada à categoria de vila, poderá dispor de recursos, com que civilizando esses indígenas há de vir a conseguir proveito deles.

Note-se que desde o início da sua construção, a cidade de Imperatriz apresentava potencial para o desenvolvimento, não somente industrial, como os citados engenhos, mas também a preocupação em demonstrar desenvolvimento das pessoas, afastando-as da condição de “selvagens”, pois se aproximavam da divindade, através das missas, vendo os indígenas habitantes do lugar apenas como meio de exploração e proveito. (CARVALHO, 2000)

A localidade também é descrita na obra “O sertão” de Carlota Carvalho, onde a mesma transcreve a formação inicial nos primeiros anos do século XX, de acordo com Carvalho (2000, p. 166):

Inicialmente, a Vila de Santa Teresa da Imperatriz foi uma única rua de 84 casas, parte coberta de telhas, edificadas ao longo do rio, rua que terminava num largo ou praça esboçada com poucas casas, um quadrilátero em que foi construída a igreja matriz. Atualmente tem duas longas ruas paralelas. O largo nunca chegou a completar-se. A rua principal, a primeira. Quadruplicou o comprimento e ornou-se bons prédios. A segunda é do mesmo comprimento com predileção inferior. Aumentando o comprimento para cima, a rua principal tem a extremidade longe do rio porque este volve para o lado oposto. No abaixamento da terra para o lado do rio, brotam olhos d’água em tanta abundância que todos os quintais das casas, que dão de fundo para o rio, possuem fontes perenes que fornecem água para uso doméstico e para cultura de hortaliças. No verão, a fragosa ribanceira do Tocantins, de altura de 30 metros, obliquada na rampa, o que triplica a extensão, veste-se de especial verdura: ninfáceas com suas bonitas flores e camomila, vulgo marcela, matizam-na com lindas cores.

Além da descrição poética acima transcrita, Carvalho (2000) também expõe em sua obra uma pouco sobre os moradores da localidade nas primeiras décadas do século XX: “Fisionomia triste, sorumbática, mau grado e amabilidade dos habitantes, em geral, cortes, prestimosos, hospitalares, bons amigos, embora sempre doentes” (CARVALHO, 2000, p. 166), destaca-se especial atenção ao início das primeiras correntes migratórias em virtude do Eldorado do Rio Itacaiúna, de acordo com Carvalho (2000, p. 166):

Apesar dos inconvenientes apontados, sem embargo dos dezoito quilômetros de lama, atoleiros e grotas, mato, carrapato, berno, e muriçoca, essa vila fez comércio bem desenvolvido e teve oportunidade de tornar-se sadia, bizarra e fazer boa estrada. Essa oportunidade deu-lhe descoberta das árvores que produzem o caucho (castilhas) pelos dois irmãos Pimentais e o reconhecimento do que eram ex-sargento

Francisco Coelho, nas margens de Itacaúna, afluente do Tocantins pela margem esquerda. A fama dessa riqueza atraiu emigrantes da Bahia, Piauí, Ceará, Paraíba, Pernambuco e Maranhão.

Após as impressões da autora, o mais importante documento que apresenta dados significativos sobre Imperatriz foi produzido e elaborado em 1950 pelo IBGE, um dos primeiros documentos oficiais sobre a cidade, publicado em 1959, tendo como título: “Enciclopédia dos Municípios Brasileiros”. Esse documento mostra a última face de uma Imperatriz antes das transformações da década vindoura, destacando-se a exposição sobre a população imperatrizense da época:

Por ocasião do Recenseamento, em 1950, Imperatriz apresentava uma população de 5.015 habitantes (excluída a do distrito de Montes Altos), dos quais 2.530 homens e 2.485 mulheres. Dessa população 3.863 pessoas localizavam-se na Zona Rural. A estimativa do D.D.E (Departamento Estadual de Estatística) para 1955 calculou em 5.961 habitantes a população. Aglomerações urbanas – atualmente apenas existe um aglomerado urbano, qual seja, o da sede municipal com 1.152 pessoas, sendo 538 homens e 614 mulheres (IBGE 1950, grifo do autor)

Os anos de 1960 transformaram Imperatriz, pois “as realidades e as realizações da década de 60 constituem-se em momento demarcatório de Imperatriz, praticamente a dividir a história do município em duas fases, antes e depois dos anos 60” (SANCHES, 2003, p.167).

Ainda nos dizeres de Sanches (2003, p. 166):

Em 1960, Imperatriz tinha 39.169 habitantes, aí incluídos os residentes dos distritos que são, hoje, os municípios de Montes Altos e Açailândia. Quando a população novamente foi contada em 1970, o total de habitantes mais que dobrou, passando para 80.827 pessoas... E já sem o distrito de Montes Altos, que em 22 de dezembro de 1955 ganhara sua independência de fato ao instalar-se como municípios.

Verificar o espaço geográfico do município é reconhecer que as várias modificações que se desenvolveram ao longo da sua história é vinculada a um processo de ocupação acelerada evidentemente a partir da década de 60. Percebe-se uma fase de expressivo crescimento demográfico depois da “passagem” da estrada Belém-Brasília (1960 – 1980). As casas ainda eram construídas no estilo português e eram estabelecidas enfileiradas, com o objetivo de aproveitar a parede do vizinho. A cidade não tinha estrutura para receber contingente humano tão expressivo. Por tal motivo, a sua formação e o seu crescimento urbano ocorreram de forma desordenada, não havendo estrutura e planejamento por parte do poder público e, por

consequente, sem controle quanto ao ordenamento territorial das atividades e das diversas formas de uso e ocupação dos espaços assimilados ao contexto urbano em expansão. (SANCHES, 2003).

No ano de 1960, com a construção da Rodovia Belém-Brasília, também conhecida como BR 010, no mandato do então presidente Juscelino Kubistchek, a cidade recebeu contingentes de pessoas oriundas de muitas partes do país. A citada rodovia cortava a cidade de Imperatriz - MA, o que motivou a chegada dos novos moradores. Note-se que a transformação do município na década de 1960 foi significativa, tendo em vista que a população praticamente dobrou de tamanho, passando de uma média 31 mil para 80 mil (SANCHES, 2003).

A mencionada migração direcionava-se no sentido leste para oeste do estado do Maranhão, originando um aumento populacional de 278,5% nos anos de 1950 a 1960, passando de 14.064 para 39.169 habitantes, conforme censos demográficos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. (FRANKLIN, 2005).

O contingente populacional continuou crescendo pela década de 1970, conforme se pode observar nas palavras de Sanches (2003, p. 169), a seguir delineadas:

A década de 1970 (1970/1979) foi a de maior crescimento na história de Imperatriz. Pode se dizer até que a estrutura demográfica e econômica do município foi assentada nesse período. Por exemplo, em 1970, Imperatriz iniciou a década com uma população de 80.722 habitantes. Dez anos depois em 1980, o município estava com 220.469, quase três vezes mais.

Faz-se necessário observar que toda a forma de ocupação urbana ao longo da região amazônica brasileira demonstra aspectos diferenciados na sua compreensão. Isto posto, indispensável é diagnosticar o objetivo das dinâmicas de ocupação direcionadas para esta parcela regional brasileira, com início na década de 1950, impulsionadas por grandes projetos econômicos, agropecuários, metalúrgicos e energéticos, de iniciativa pública ou privada. Becker (1982), refletindo sobre a inserção contemporânea destas modificações que se efetivaram no espaço regional amazônico, destaca a urbanização e a migração como um dos dez aspectos mais importantes no contexto das transformações obtidas, conforme se observa do fragmento a seguir exposto de acordo com Becker (1982, p. 52, grifo nosso):

A importância da urbanização como instrumento de ocupação se relaciona assim a três papéis fundamentais exercidos pelos núcleos urbanos: **a atração dos fluxos migratórios, a organização do mercado de trabalho e o controle social, o que atribui à urbanização um novo significado, que se refere à sua dinâmica social e territorial.**

[...] a urbanização que se apresenta na região Amazônica é uma estratégia básica utilizada pelo Estado para a ocupação regional. **A urbanização sustenta a mobilidade permitindo atrair migrantes sem lhes dar acesso à propriedade da terra e inicia a articulação dos antigos e novos núcleos urbanos entre si e com o mundo exterior. A urbanização não implica simplesmente no aumento do número e tamanho das cidades. Ela se manifesta em duas dimensões: (a) a do espaço social; (b) a do espaço territorial.**

A temática migração é muito presente em Imperatriz, chamando atenção até mesmo do IBGE que organizou dados, representando o número de pessoas residentes não naturais do município, por lugar de nascimento entre as décadas de 1960 a 2000, conforme se observa no quadro 03.

Conforme se observa no quadro 03, o contingente de migrantes, além de representarem um significativo número, criando uma série de fortalecimentos sociais e econômicos em Imperatriz, levando-a uma posição de polo sul-maranhense, e pré-amazônico e que a transformou em alvo preferencial de mais investimentos regionais e também de outras partes do país (FRANKLIN, 2005)

Quadro 03 – Imperatriz – Residentes não naturais do município, por lugar de nascimento – 1960 a 2000.

UF	1960	1970	1980	1991	2000
Rondônia	2	20	148	110	213
Acre	2	27	87	63	18
Amazonas	7	42	67	127	194
Roraima	1	12	43	61	123
Pará	162	1.185	2.033	6.779	6.879
Maranhão	30.299	56.639	157.592	213.116	185.084
Piauí	3.867	6.979	14.930	16.227	11.057
Ceará	3.042	5.788	14.164	11.517	7.839
Rio Grande do Norte	208	384	1.235	1.031	718
Paraíba	314	800	2.297	2.308	1.314
Pernambuco	665	1.486	3.401	3.508	2.103
Alagoas	38	89	333	285	222
Fernando de Noronha	1	3	0	0	-
Sergipe	8	118	171	448	59
Bahia	29	1.871	6.581	2.524	1.501
Minas Gerais	19	1.952	5.986	3.532	1.940
Espírito Santo	31	673	1.680	1.053	352
Rio de Janeiro	0	21	208	500	259
Guanabara	9	3	-	-	-
São Paulo	2	10	101	82	77
Paraná	11	121	445	523	331
Santa Catarina	2	10	101	82	77

Rio Grande do Sul	6	22	183	175	270
Mato Grosso do Sul	-	-	227	143	98
Mato Grosso	13	68	45	288	276
Goiás	510	2.233	6.679	5.146	3.378
Distrito Federal	0	39	154	483	472
Moradores que não declararam a origem	23	0	198	567	21
Nascido fora do Brasil					129

Fonte: Censo do IBGE 1960, 1970, 1980, 1991 e 2000

Em especial, o período entre 1970 a 1980 em que a localidade recebeu um expressivo número de migrantes, deixando de contar com os seus 80.827 habitantes para “abrigar” 220.469 moradores, uma elevação de 172%. Dentre os tais, 157.592 maranhenses de outras regiões do estado, 6.679 goianos, 14.930 piauienses, 14.164 cearenses, 5.986 mineiros, 2.033 paraenses, 3.401 pernambucanos e 1.680 capixabas. Destacando-se, ainda, que com esse contingente populacional, o município passava a constar com metade da população da capital maranhense, que à época, segundo os dados estatísticos do IBGE era de 449.432 habitantes. (IBGE)

Ressalte-se que na década de 1970 o Governo Federal também financiava e executava a construção da Rodovia BR 222 e da Transamazônica, entretanto, nas palavras de Franklin (2005) muitos lugares e diversas outras cidades que margeavam ou atravessam as importantes rodovias já mencionadas, algumas inclusive possuíam melhor estrutura econômico-social, no entanto, tiveram crescimento muito menor e menos duradouro que Imperatriz.

Nesse sentido, são esclarecedoras as palavras de Gonçalves (2010, p. 37):

Em uma apresentação mais objetiva sobre a urbanização de Imperatriz, destacamos que esse processo é resultante dos principais acontecimentos influenciados pelas correntes de povoamento, bem como pelos que se expressam dos grandes empreendimentos de infraestrutura e econômicos (caso da BR-010 e Programa Grande Carajás) que podem ser assim, sucintamente apresentados:a) Movimentos das correntes dos criadores de gado e dos migrantes da seca, cujo caminho foi orientado pelas águas dos rios São Francisco, Parnaíba, Itapeturu, Manoel Alves Grande e Tocantins. Desenvolveu-se a pecuária extensiva e a agricultura, que possuíam dinâmicas próprias da atividade original, a agroindústria açucareira. Fundaram as localidades de Riachão, Grajaú, Carolina, Barra do Corda, Porto Franco e Imperatriz, que, mais tarde se tornam sede de municípios.b) Movimentos orientados pelas rodovias, particularmente a Belém-Brasília (BR-010), caminho moderno, que passou a ser o principal elo entre a região de Imperatriz com o Norte e o Centro-Sul do país. Caminho responsável pela chegada de empreendimentos econômicos agroindustriais e minerais, projetados pelo Governo Federal que influenciaram na consolidação de Imperatriz como centro de prestação de serviços.

O que teria dado preferência de permanência e fixação das vidas dos migrantes especificamente em Imperatriz? A resposta é simples: a existência de terras, conforme as palavras de Franklin (2005, p. 171):

Imperatriz possuía uma larga faixa de terras não exploradas, sem domínio ou posse, que compreendia todo o seu território a oeste, margeando o rio Tocantins até a confluência com o Araguaia, e rumo às cabeceiras dos rios Pindaré e Gurupi. Cinquenta léguas de terras não tocadas, como dissera em 1950 o então prefeito Simplício Moreira, em jornal da capital. Desde os primeiros tempos de ocupação do território da Vila de Imperatriz, os criadores preferiram estabelecer suas fazendas nas áreas de cerrado, onde havia maior facilidade para a criação extensiva, motivo pelos quais foram desprezadas as úmidas e densas áreas de florestas. Por isso até a década de 50 a maior densidade populacional de Imperatriz se localizava no que se compreende o atual município de Montes Altos, onde estavam o maior número e as maiores fazendas do município. Nenhuma fazenda existia no território a oeste, que, conforme diversos registros, era local de índio, ocupado tanto pelos Gaviões quanto pelos Krikatis, principalmente nas margens do Rio Tocantins. **A terra, disponível e devoluta, foi, portanto, o fator fundamental para fixação do agricultor nordestino imigrante num primeiro momento, e, em seguida, do elemento fazendeiro, que ocupou o mesmo espaço, expulsando os primeiros ou comprando suas posses.** No rastro da devastação para a formação de pastos ou na investida contra as matas virgens, vieram em seguida os madeireiros, que promoveram o último ciclo extrativista no município e ajudaram a consolidar a hegemonia regional de Imperatriz. (Sem grifos no original)

No mesmo entendimento, Noletto (2002, p. 112) morador antigo, professor e estudioso da formação do município, afirma que:

Foi a proximidade das matas amazônicas, de boas terras para a cultura do arroz e pastagens destinadas à criação de gado, além da riquíssima cobertura vegetal que atraiu para cá levas de aventureiros de todos os rincões do país. **Eram maranhenses e nordestinos desejosos de plantar arroz em terras tão férteis e fáceis de cultivar como jamais haviam visto em suas regiões. Eram baianos, goianos e mineiros buscando terras para criar bois em pastagens de capim colônio, abundantes e livres de pragas como não tinham em seus estados.** Vinham capixabas, paranaenses e gaúchos que tinham nas matas próximas à rodovia a possibilidade de enriquecimento com a venda de madeira serrada ou em toras para as construções do Sul do país. (Sem grifos no original)

Muitas famílias que migraram para Imperatriz foram motivadas por anseios de melhores condições de vida. O vetor mais representativo dessa busca é a terra e a possibilidade de obtê-la em abundância e por menores preços, se comparados a outras regiões do país. Sem contar na qualidade da terra para a agricultura, visto que nessa época da história do Brasil, a vivência no meio rural era em muitos pontos superior à moradia urbana (NOLETO, 2002).

Em números, o Quadro 04, demonstra o crescimento local nos últimos 50 anos:

Quadro 04 – Crescimento local dos últimos 50 anos.

	DÉCADA DE 50	ANO 2000
Área	15.375 km ²	1.531 km ²
População	5.015 habitantes	230.566 habitantes
Eleitores	1.654	134.910
Advogados	1	314 e 2 cursos de direito
Empresas	5 (comércio)	7.762 (SEBRAE)
Hospedagem	3 pensões	24 hotéis
Protestantes	195	35.000 (membros IEADI)

Fonte: SANCHES, Edmilson. Enciclopédia de Imperatriz: 150 anos: 1852-2002. Imperatriz: Instituto Imperatriz, 2003, p. 42.

Com o número crescente de migrantes, a estrutura urbana já organizada do município não comportou tanta gente e, como consequência natural, formaram-se as primeiras periferias da cidade. Sendo o Bairro Bacuri a faixa de terras imediatamente posterior ao centro urbano da localidade, os migrantes foram se instalando aos poucos nesse local, pois o comércio e os serviços já oferecidos pela cidade estavam mais próximos, além da presença de dois riachos, Cacau e Bacuri, o que solucionava a ausência de serviços canalizados de fornecimento de água e, ainda, proporcionava lazer àquela população.

2.2 A formação da população do Bairro Bacuri

É possível perceber que a cidade de Imperatriz não se diferenciava, inicialmente, de outras cidades brasileiras. O município, em sua trajetória, passou por várias mudanças socioeconômicas, sendo que várias transformações ocorreram durante a ocupação do seu espaço urbano, provocadas por fatores, como, os ciclos econômicos do arroz, da pecuária, do ouro, da madeira, e a construção da rodovia da integração nacional Belém-Brasília, fatores esses que se demonstraram preponderantes para que ocorresse a migração de pessoas de várias regiões do Brasil. (MARTINS; KAMIMURA, 2015)

Assim, Imperatriz, a partir da década de 1950 apresenta um crescimento econômico e urbano, em decorrência de investimentos no setor de obras na região tocantina ou adjacência, tais como: construção e pavimentação da BR- 010 (Belém-Brasília), construção da Barragem Boa Esperança, construção da PA-070 e BR-230 (Transamazônica), obras da Usina de Tucuruí (PA) e Estrada de Ferro Carajás. Tais obras causaram correntes migratórias para a região: homens, mulheres e crianças vindos dos mais diferentes lugares do país. De acordo com Franklin (2005, p. 84):

No começo de 1958, engenheiros e técnicos chegavam à cidade para fazer o levantamento topográfico da grande rodovia e instalar um escritório da Rodobrás, empresa governamental que dirigia a obra. O comandante dessa grande e desafiadora empreitada era o engenheiro carioca Bernardo Sayão, ex-vice governador de Goiás e reconhecido por abrir estradas e novas fronteiras de povoamento naquele estado. Esse empreendimento transformou a pequena Imperatriz. Aviões, helicópteros e máquinas passaram a fazer parte do cenário cotidiano da cidade. A derrubada das matas ocupava centenas de pessoas, em diversas partes do Brasil, mas principalmente no Nordeste. Aconteceu a primeira grande explosão demográfica do município.

Em decorrência dos citados empreendimentos públicos e privados, além do fluxo migratório já mencionado deles decorrentes, o cidade sofre uma radical mudança na sua apresentação urbana. Ou seja, foi a partir da citada conjugação de acontecimentos que os terrenos baldios passam a ser ocupados, as poucas ruas e travessas crescem e continuamente frentes de colonização foram abertas. Assim, uma nova configuração espacial se desenha no espaço de Imperatriz, e esta nova ordem traz consigo obviamente conflitos pelo uso e ocupação deste agora concorrido território (VALADARES, 2010).

Uma nova cidade surgiu, a população explodiu numericamente, “foi intenso o processo de expansão da malha urbana da cidade através da criação de diversos bairros na grande maioria instalados de modo a atender aos interesses eleitoreiros dos políticos” (SOUSA, 2009, p. 144)

Pereira (1997, p. 48, grifo nosso) descreve, desta forma, a nova Imperatriz:

Linhas de ônibus modernos, transportes à disposição para toda parte, não havia mais distâncias nem dificuldades para a locomoção. Assim, já como o pólo avançado de desenvolvimento. Imperatriz toma seu lugar e vai se transformando em metrópole do Tocantins. Sua população cresce de modo surpreendente e suas ruas se espalham, se alongam, se multiplicam, tomam o seu chão, invadem as matas ribeirinhas, confiscam os campos, que vão se transformando em bairros, vilas e núcleos satélites que surgem como um milagre, sem interferência do Poder Público, sem a ajuda de ninguém, desordenadamente, é certo, mas se torna grande, complexa, adquirindo estruturas e carecendo de braços e de cérebros para bem administrar. (Sem grifos no original)

É perceptível que, em virtude da dinâmica de ocupação do município de Imperatriz, a estrutura inicial prevista não comportava o tamanho do contingente de migrações, surgindo então, diversos bairros criados por meio de ocupações irregulares, as chamadas invasões que, na época, eram em sua maioria induzidas por lideranças políticas locais, além de loteamentos regulares e irregulares e conjuntos habitacionais, que se estendem a partir do centro antigo da cidade.

Nesse sentido, destaca Sousa 2009 (*apud* LIMA, 1996, p. 144):

Na década de 80 formaram-se muitos bairros em Imperatriz ultrapassando a rodovia Belém-Brasília. Alguns resultaram de loteamento imobiliários regulares e irregulares; outros de ocupações espontâneas de áreas públicas ou privadas; outros de ocupações dirigidas por políticos de áreas públicas ou privadas [...] A Vila Davi que atualmente se constitui em um novo município emancipado em 1997 é um caso emblemático desse tipo de ação.

As citadas invasões, além de ocuparem de forma desregrada o solo, atingiram as margens dos rios e riachos e até mesmo em algumas ocasiões o próprio leito dos rios, além de despejarem os esgotos e os resíduos sólidos nas águas sem política de tratamento ou coleta do lixo. Assim, em meio a essa ocupação dos rios locais foram se descaracterizando, o que antes eram locais até mesmo de lazer e pesca, transformaram-se no decorrer dos anos em verdadeiros esgotos e depósitos de lixo.

Coutinho (1994, p. 217) caracteriza essa ocupação desordenada da seguinte forma:

Quanto aos loteamentos de forma geral, quer pela falta de legislação específica, quer pela facilidade de aforamento de terras, criam-se condições favoráveis e estimulantes ao surgimento de diversas irregularidades. O traçado urbano resultante dessa situação é bastante precário: ruas sem alinhamento, dimensões de quadras e lotes irregulares, etc. Por outro lado também, usos incompatíveis com as características específicas setoriais da cidade foram se desenvolvendo, como implantação de serrarias e usinas de beneficiamento de arroz na área urbana da cidade e atividade comerciais não coerentes com usos residenciais. Estas irregularidades conduziram à espontaneidade na ocupação e uso do solo, caracterizada principalmente pelas localizações inadequadas dos equipamentos sociais, das atividades comerciais, industriais, residenciais e recreativas, determinando uma estrutura urbana desequilibrada. Os serviços de infraestrutura não conseguiram acompanhar o desenvolvimento espontâneo, gerando, conseqüentemente, insatisfatória qualidade de vida.

Negreiros (1996, p. 184) deixa claro que os habitantes ocuparam as margens dos riachos, e, ainda, consideravam-se prejudicados por eles:

Quanto ao Riacho Bacuri, **que vem prejudicando uma população numerosa**, também se soube que o prefeito já teria conseguido recursos para saneá-lo, **de moldes a acabar com a imundície, as doenças e os demais prejuízos** que sempre causou á cidade, a começar pelo seu nascedouro na BR 010 até o Rio Tocantins, onde deságua, poluindo a correnteza milenar, justamente no meio da cidade cujo povo se utiliza daquela água para serviços importantes do seu dia-a-dia. (Sem grifos no original)

Observa-se, portanto, que o processo de uso e a ocupação do solo urbano de Imperatriz não foi realizado de forma direcionada, organizada e pacífica, existindo muitos impasses pela posse de terra, terrenos e espaços. Contratados para a resolução dos ditos conflitos, cite-se a presença dos chamados pistoleiros de aluguel, geralmente contratados por grandes fazendeiros e empresários para resolução efetiva e rápida de desavenças regionais.

Ou seja, os empreendimentos, como as, rodovias, o projeto Grande Carajás, a construção as Usina de Tucuruí (PA), obras de iniciativa da União, proporcionaram um crescimento regional, tanto pela ótica urbana, quanto econômica, no entanto, desenvolveram uma desarmonização da maneira de viver da população da região, incentivando a apropriação privada e, em consequência, o surgimento de muitos problemas e conflitos (VALADARES, 2010).

A abertura da principal avenida da cidade é um exemplo típico das resistências enfrentadas:

A Avenida Getúlio Vargas foi o traçado eixo da cidade nova, por isso mesmo, a primeira que foi aberta. O prefeito não confiou a ninguém a abertura dos piquês. Ele mesmo, experimentado sertanista, foi para a balisa. Mas quanta incompreensão, quanta luta teve de enfrentar o nosso prefeito, Mundico Barros. Os piquês atravessavam aqui e ali pequenas barracas, cercados, capinzais e os donos ficavam brabos com prefeito. Nem por isso ele parou. Conversava com eles e convencia-os da vantagem da nova rua. (BARROS, 1972, p. 141)

O desenvolvimento ou crescimento descontrolado deveu-se à própria política administrativa do município naquela época, onde os grupos dominantes agiam de acordo com seus interesses particulares, em detrimento das necessidades mais gerais e coletivas da região e de sua população. Segundo Sousa (2009, p. 144)

A criação de novos bairros se fez associada aos interesses econômicos, através da difusão das atividades terciárias na cidade e principalmente por intermédio da intervenção política, por meio da atuação de políticos locais, estaduais e federais que buscaram se favorecer nas eleições através da doação irregular de lotes na cidade.

Nesse contexto de desorganização, ocorreram interesses políticos partidários, interesses econômicos e desrespeito ao meio natural na maioria dos bairros imperatrizenses, entre eles, o bairro Bacuri, ora objeto de estudo, de acordo com as palavras de Martins e Kamimura (2012, p. 17).

Surgiram os primeiros bairros: Nova Imperatriz e o Bacuri, cuja área era propriedade particular, e através do decreto municipal foram desapropriadas sob o pretexto de assentamento populacional. Boa parte das terras foi loteada, outras doadas pela prefeitura e outras ocupadas.

A área situada entre a atual Av. Dorgival Pinheiro de Sousa e a Avenida Bernardo Sayão eram pequenas Chácaras e sítios. A prefeitura fez o loteamento destas áreas e fez doação dos mesmos. Os critérios para a doação estavam vinculados a interesses políticos. Os outros bairros foram surgindo, na sua maioria, por iniciativa das imobiliárias, e quando a Prefeitura ou algum político doava lotes, era sempre na base do clientelismo.

A partir de 1981, começaram as grandes ocupações de terrenos pela população de baixa renda. A primeira delas foi a Vila Lobão, seguida, da Vila Redenção II, onde o crescimento desenfreado aliado ao descaso das sucessivas administrações municipais, cristalizou uma gama de problemas de toda natureza.

O solo urbano foi sendo disputado pelo capital e seus mercados, criando um espaço segregado e dúbio. De um lado, bairros nobres dotados de infra-estrutura e de todo o conforto (Três Poderes), onde reside boa parte, daqueles que detêm o poder econômico e político do município e, do outro lado bairros periféricos, onde são mínimas as condições de habitação e vivência (Bairro da Caema, Novo Horizonte), locais com sérios problemas de infra-estrutura: saneamento básico e/ou higiene onde também são precários os serviços públicos, tais como educação, saúde e moradia.

O planejamento urbano é uma das grandes dificuldades encontradas pelos gestores do município, pois a ocupação do espaço territorial se deu de forma desordenada. Pois, até o ano de 2003 a cidade não possuía um plano diretor ou algo parecido que pudesse tratar de forma concreta o zoneamento urbano e a relação do uso e ocupação do solo.

Noleto (2002, p. 117) narra, detalhadamente, nascimento de muitos bairros da cidade, ficando clara a forma como a cidade foi crescendo sem muitos cuidados com a organização:

O Bairro Santa Rita surgiu no final dos anos setenta, em acréscimo a Nova Imperatriz e Boca da Mata, e cresceu rapidamente com o lançamento de vários loteamentos. A empresa imobiliária que aprovou o loteamento Santa Rita, por exigência da Prefeitura, abriu uma avenida bastante larga a partir do Cemitério Campo da Saudade e em Direção à Belém-Brasília e sugeriu o nome de Avenida Industrial, porque limitaria o perímetro urbano da Zona Considerada Industrial, segundo o planejamento municipal. Anos depois a Câmara Municipal prestou justa homenagem póstuma a Ruth Noleto, médica pioneira muito estimada pelo trabalho político e humanitário que desenvolveu em Imperatriz dando seu nome à avenida, mas alguns moradores protestaram porque diziam estarem acostumados com o nome antigo, que na verdade nunca fez sentido porque os planos de zoneamento da Prefeitura não se confirmaram no confinamento urbano da cidade aquele perímetro, nem lá existiam indústrias que justifique o nome escolhido pela imobiliária.

Somente nos anos oitenta, a cidade ultrapassou os limites da Rodovia Belém-Brasília. Antes dessa época, eram edificadas do lado de lá apenas umas poucas casas de morada e oficinas no Entroncamento, marginais da Rodovia. O bairro Vila Nova apareceu grudado à cerca do novo aeroporto ainda nos anos setenta, mas permaneceu isolado e pouco se desenvolveu. Era uma ligação com o antigo bairro Cacauzinho. No começo da década de oitenta, surgiram loteamento do lado de lá, como Vila Ipiranga e Vila Redenção, este em continuidade à invasão que se construiu na Vila Lobão.

Vila Fiquene e outros bairros deram continuidade à Vila Nova e a cidade cresceu naquela direção leste, abrigando grandes populações. À Vila Ipiranga foram acrescidas invasões como Vila Cafeteira, Vila João Castelo, Mutirão e outros bairros. A cidade que se limitava quase totalmente ao espaço entre o Tocantins e a

Belém-Brasília, vem se expandindo desde os anos oitenta, para o outro lado da rodovia, onde boa parte da população reside.

O bairro Bacuri, indicado na figura nº 02 tem o seu reconhecimento e a formação “oficial” do bairro Bacuri se deu no ano de 1974, quando o Senhor José de Ribamar Fiquene, então juiz de Direito da Comarca de Imperatriz, idealizou e mobilizou outros intelectuais então moradores da cidade, para a instalação do primeiro curso superior da localidade, sendo criada a Faculdade de Educação de Imperatriz, transformada em Universidade Estadual do Maranhão no ano de 1981 por uma lei estadual.

Figura 02 – Bairro Bacuri em Imperatriz-MA



Fonte: Google Maps 2015

Noletto (2002, p. 141) apresenta a mesma informação, a instalação do prédio da Universidade foi o fato que direcionou a população para aquela área do município:

A explosão imobiliária na direção dos bairros hoje existentes começou na década de setenta. O Bairro Bacuri foi crescendo com a invasão de terrenos depois do atual prédio da UEMA, ex-ginásio Bandeirante, construído no governo José Sarney, ao longo da Rua Leôncio Pires Dourado antes da Rua Cumaru, estrada que ligava a cidade velha à Belém-Brasília, na altura da ponte do Cacau, em volta da Estação rodoviária, aproximando as ruas da cidade ao meretrício “Cacau”, que foi situado fora do perímetro urbano e longe do convívio com as famílias como alternativa ao Cabaré Farra Velha, no Centro. Do lado norte, a cidade era limitada pelo antigo aeroporto, cuja pista de cascalho ia desde a praça Tiradentes até o cemitério São João Batista, onde hoje se localiza o Hospital Regional, Câmara Municipal, Escola Juracy Conceição, Campus da UFMA, Funasa, Fórum, OAB, SESI, Receita Federal e Prefeitura

Ante todas as informações expostas, entende-se que o surgimento e estruturação do bairro Bacuri não se apresentam diferentes dos demais bairros da cidade, em sua grande maioria ocupados por invasões incentivadas, patrocinadas e exploradas por lideranças políticas partidárias, sem um controle efetivo ou direcionamento do Poder Público e sem o devido respeito por áreas de preservação natural, tais como rios, riachos e córregos.

Na atualidade, segundo dados do IBGE (2010), o bairro analisado conta com 53.000 (cinquenta e três mil) habitantes é predominantemente residencial, com poucas incidências de empreendimentos industriais e comerciais, sem saneamento básico adequado e com baixos índices de qualidade de vida. E é justamente a essa citada população, levando em consideração a forma como a mesma se formou, que a presente pesquisa se dedica, buscando os aspectos de identidade coletiva e as contribuições para o desenvolvimento do lugar.

3 UM OLHAR SOBRE IDENTIDADE COLETIVA, MEMÓRIA E AFETIVIDADE DA COMUNIDADE DO BAIRRO BACURI DE IMPERATRIZ-MA E AS CONTRIBUIÇÕES NO DESENVOLVIMENTO LOCAL

“Como uma sociedade poderia existir, subsistir, tomar consciência de si mesma, se não abrangesse com um olhar um conjunto de acontecimentos presentes e passados, se não tivesse a faculdade de retroceder no fluxo do tempo e repassar ininterruptamente os vestígios que deixou de si mesma?”

(Maurice Halbwahs)

Esse capítulo se apresenta em três etapas de organização. A primeira é o detalhamento dos aspectos metodológicos da pesquisa empírica, na qual se explica qual a classificação da pesquisa, o método utilizado, os instrumentos de coleta de dados, bem como o local da pesquisa e os sujeitos protagonistas do estudo proposto.

Na segunda, são apresentados os dados coletados com a pesquisa empírica (entrevista semiestruturada e questionário fechado), as análises e as correlações dessas informações com os ensinamentos teóricos dos autores estudados no marco conceitual, com a finalidade de se alcançar os objetivos propostos na elaboração do projeto de dissertação.

Já na terceira etapa, são delineadas e discutidas as possíveis contribuições do trabalho para a comunidade estudada.

3.1 Aspectos metodológicos da pesquisa

Com relação à abordagem e procedimentos metodológicos, a proposta de pesquisa ora apresentada é explicativa de caráter descritivo, tendo como procedimento a observação direta e indireta da comunidade estudada, além da escolha do método indutivo.

A presente pesquisa utilizou-se de uma abordagem qualitativa, que de acordo com Mendonça, Rocha e Nunes (2008), se caracteriza pela busca da interpretação dos fenômenos,

pela atribuição de significados, pela descoberta de relações até então ocultas e interrelações estabelecidas.

Acrescentam os mesmos autores que a pesquisa qualitativa, geralmente é feita com a utilização de técnicas de observação e descrição de fenômenos em seu ambiente natural e o próprio pesquisador se transforma no seu instrumento-chave.

Necessário se faz considerar ainda que a pesquisa foi desenvolvida com os migrantes do bairro Bacuri na cidade de Imperatriz. Com isto, objetiva-se realizar um estudo de caso.

Mendonça, Rocha e Nunes (2008) definem estudo de caso como sendo uma situação específica, que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir o que há nela de essencial e característico.

Destaca-se que a pesquisa teve como complemento uma revisão bibliográfica, tendo por base materiais já elaborados sobre a temática, observando conceitos e ideias sobre a semântica de conceitos como identidades, memórias, sentimento de pertença e relações entre o homem e o local onde vive. Entre os documentos analisados, destacam-se teses, artigos, revistas, monografias, dissertações e livros, além de uma pesquisa de campo, optando-se, portanto, pela técnica da coleta de dados.

Além do levantamento bibliográfico para a formação da fundamentação teórica, o procedimento escolhido para a coleta de dados foi a entrevista semiestruturada. Para Triviños (1987, p. 146) “a entrevista semiestruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa”. O foco principal seria colocado pelo investigador-entrevistador. Complementa o autor, afirmando que a entrevista semiestruturada “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]” além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações (TRIVIÑOS, 1987, p. 152).

A entrevista do tipo semiestruturada é descrita como aquela caracterizada pela elaboração de roteiro de temas por parte do pesquisador que deve conduzir o diálogo oportunizando ao entrevistado o maior grau de liberdade, ou seja, entrevista “despadronizada ou semiestruturada – também chamada de assistemática, antropológica e livre – quando o entrevistador tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada” (MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 279).

O universo da pesquisa são os moradores do bairro Bacuri da cidade de Imperatriz que chegaram à localidade por meio das migrações dos anos 1960 a 1980. Na coleta de dados, a pesquisa contou com a utilização de dois instrumentos:

Uma entrevista semiestruturada aplicada a nove pessoas-chave do bairro, entre as quais: um padre (Igreja Católica); um pastor (Assembleia de Deus); um morador antigo do bairro (mais de 40 anos de residência); uma professora; um trabalhador de serviços gerais; um comerciante; uma advogada do núcleo de assistência judiciária; dois estudantes universitários (um do sexo feminino e um do sexo masculino). Convém se observar que o fato de se optar por pessoas-chave foi justamente para que de maneira indireta a população fosse consultada, pois cada pessoa entrevistada está inserida em um subgrupo diferente do bairro e foi abordada sobre a sua própria opinião e também o que a observação no seu contexto de vida no bairro. O número inicialmente proposto de pessoas entrevistadas era de 10, sendo que a décima pessoa era o representante da associação de moradores do bairro, que não foi encontrado, depois de frustradas tentativas. Ressalte-se que em todo o contexto da pesquisa os entrevistados serão denominados e apresentados, quando da análise de suas falas, pelas respectivas funções ou profissões, visto que se optou pela não identificação dos mesmos. Assim, tiveram maior liberdade de manifestação das opiniões, sem preocupações com qualquer desconforto ou problemas que eventuais relatos possam ocasionar. Deste modo, serão apresentados no decorrer do trabalho: padre, pastor, professora, morador antigo, advogada, serviços gerais, comerciante, estudante universitário e estudante universitária.

Foi utilizado um questionário com questões fechadas, elaborado a partir da observação *in locu* no bairro e das temáticas mais destacadas nas entrevistas, foi utilizado para se observar a percepção e a identificação do morador com o bairro, bem como os aspectos de desenvolvimento do lugar observados pelos moradores. O questionário é de muita importância para a pesquisa, pois traz para o trabalho uma confirmação do que se discutiu nas entrevistas, destacando, por meio de um instrumento um pouco mais objetivo e direto, que corrobora as temáticas e as percepções obtidas com as pessoas-chave.

O questionário é tido como confirmação no tocante às prioridades do bairro Bacuri, bem como os vínculos de pertença dos moradores e o potencial de mobilização social em prol do desenvolvimento local, tendo por base a afetividade dos moradores com o local onde vivem.

O questionário foi aplicado durante o mês de janeiro de 2016, a 30 (trinta) migrantes residentes no bairro por mais de 30 (trinta) anos, obedecendo aos seguintes critérios: 15 (quinze) mulheres e 15 (quinze) homens; 10 (dez) entrevistados possuem curso superior completo, 10 (dez) com Ensino Médio concluído e 10 (dez) pararam de estudar no Ensino Fundamental. Ressalte-se que os critérios citados foram escolhidos objetivando obter uma abrangência maior quanto às informações colhidas, principalmente quanto ao gênero e quanto à escolaridade dos migrantes. Os roteiros das entrevistas e do questionário encontram-se

expostos nos anexos desse trabalho (apêndice A e L), observando-se que a transcrição das entrevistas foi feita sem alteração da fala dos entrevistados.

Os dois primeiros capítulos foram organizados tendo por base a revisão bibliográfica, sendo o marco conceitual que serviu de suporte teórico para a análise das respostas obtidas com as entrevistas.

A pesquisa apresenta a dinâmica de crescimento da população do bairro, oriunda dos processos migratórios, os sentimentos de identidade coletiva, memória e afetividade, e as inferências desses sentimentos com o desenvolvimento social e cultural da localidade.

3.2 Resultados e discussões

Foram entrevistadas nove pessoas-chave do bairro, sendo os questionamentos direcionados para temáticas voltadas aos aspectos de práticas comuns de vida e de convivência, após a chegada ao bairro e, também, de momentos anteriores.

Os entrevistados foram escolhidos pelo aspecto marcante da convivência com outras pessoas e famílias do local analisado, assim, por exemplo, o padre entrevistado almoça todos os dias da semana em uma residência diferente há mais de dez anos e só faz uma única exigência, que as famílias não saiam da sua rotina de normalidade quanto aos hábitos alimentares. Já a advogada entrevistada é atendente no Núcleo de Advocacia Gratuita do bairro, atendendo, diariamente, a muitas pessoas da localidade. Assim, as respostas aqui expostas e analisadas além de uma impressão pessoal do entrevistado, também deixam transparecer a vivência coletiva e a observação pessoal da comunidade.

Já o questionário com perguntas fechadas foi aplicado a trinta migrantes, morando a mais de trinta anos no bairro, elaborado a partir da observação do bairro e das temáticas mais levantadas nas entrevistas, sendo utilizado para se identificar a percepção e a identificação do morador com o bairro, bem como os aspectos de desenvolvimento do bairro observados pelos moradores, analisado na sequência.

3.2.1 Entrevista

O ser humano tem uma admirável capacidade de internalizar e tornar comum tudo aquilo que com ele convive no dia-a-dia. Assim, se é visto todo dia, nem sempre os detalhes saltarão aos olhos, torna-se comum a ponto de não aguçar a curiosidade em perceber diferenças. Assim acontece no convívio com as pessoas, com os lugares onde moram, com o ambiente de trabalho. Por conta das coisas comuns não despertarem a atenção, os moradores de algumas cidades extraordinárias e diferenciadas não enxergam a sua exuberância.

Por todas as informações obtidas, todas as leituras, os relatos dos moradores, a observação *in locu* da cidade e do bairro pesquisado, percebe-se que Imperatriz - MA é uma dessas cidades diferenciadas, não é lugar comum, mas na vida diária não se percebe o quão especial essa cidade é, uma verdadeira simbiose de pessoas, de costumes, hábitos de vida, exótica por sua gente, por seus moradores e pela fusão de vidas que a cidade apresenta.

Assim, com o intuito das entrevistas foi de se averiguar se com essa mistura de vidas, de culturas e hábitos as pessoas mantêm suas maneiras de viver ou se aprendem novas práticas, se prepondera a identidade individual ou se são desenvolvidas identidades coletivas, e se essas identificações coletivas e o fato de terem essa noção influenciam na qualidade de vida do bairro, foi proposta e realizada uma entrevista do tipo semiestruturada, direcionada pela sugestão de temas para nove pessoas no bairro. Importante ressaltar que essas pessoas foram escolhidas pela sua convivência diária com a coletividade, são pessoas-chave e que por natureza são observadoras do fenômeno aqui estudado.

A primeira indagação feita aos entrevistados foi composta pela seguinte sequência de temas: tempo de residência no bairro; motivação para a moradia no bairro; a Panelada; e A feirinha do Bacuri.

Sobre os motivos que levaram o entrevistado a morar em Imperatriz, o Padre (2015, informação verbal) menciona:

Meu pai faleceu em 1974, minha mãe tinha vários irmãos aqui e o lugar de referência era Imperatriz, foi realmente pela ocasião da perda do meu pai, que nós viemos morar aqui, **porque a condição financeira era muito ruim** e também porque **lá não tinha escola e no Maranhão tinha possibilidade da gente estudar** e mamãe veio embora pra cá pro Maranhão. Alguns dos irmãos de minha mãe vieram por conta da Serra Pelada e outros por causa da Construção da Belém Brasília. Normalmente as pessoas que moram no Bacuri chegaram a Imperatriz procurando melhorar a vida, ouço muitas histórias de pessoas que passaram meses na viagem de animal para chegarem aqui e outros que conseguiram trocar animais por terrenos no Bacuri, coisa que acontecia muito, e muitos contam essas histórias com muitos detalhes. (Sem grifos no original)

Já a Professora (2015, informação verbal) afirma que:

Bacuri era a periferia da cidade. A cidade estava começando a criar aqueles locais mais distantes do Centro, não era invasão, eu lembro que eram usinas de arroz, eu lembro que na casa do meu avô quando foi aterrar para construir, tinha muita palha de arroz, aqui era o limite da cidade, daqui pra frente não tinha nada do que tem hoje, não tinha Parque Anhanguera. **Meu pai veio morar aqui no Maranhão a procura de terras, então ele queria muito mexer com terra e a terra em Minas era muito cara, ele dizia que as terras daqui eram muito produtivas e baratas, eles foi morar na terra que comprou e eu fiquei em Imperatriz com meu avô que já morava no Bacuri.** De Minas para o Maranhão era uma distância absurda, eu lembro que papai comprou uma Kombi, ele trouxe um ajudante para dirigir com ele, era no ano de 71 por ai, aí eu lembro que nós trouxemos o fogão dentro da Kombi, muitas latas com comida, gibi, onde tivesse um riacho a gente parava pra fazer comida, lavar louça, tomar banho. (Sem grifos no original)

E, ainda, a Advogada (2015, informação verbal) do Núcleo de Assistência do bairro diz que:

Eu moro na mesma casa desde que eu nasci e aí por razões de proximidade desse bairro com o Centro, mesmo depois de casada eu continuei morando no bairro, eu gosto muito de lá, minha família inteira mora no bairro, é meu referencial de casa. Na época em que nós mudamos era um local que estava em formação, as primeiras pessoas foram comprando casa lá mais voltada pra rua 15 de novembro. Escuto muitas histórias de que os terrenos eram trocados por animais, inclusive, por exemplo, a casa do meu pai foi comprada pela troca de 5 porcos, na época. Muito diferente de hoje, tudo muito mais valorizado, qualquer pedacinho de terra no Bacuri vale um monte de dinheiro, mas na época não. Minha mãe veio em 74, mais precisamente em 23/09/1974 porque o irmão dela veio na frente, eles eram do interior do Ceará (Parambu) pela dificuldade de vida lá, ou era roça ou ia embora, e **já tinha outros familiares que já vieram pra Imperatriz por conta da Belém Brasília, o irmão veio trazendo os demais irmãos. Pai (1958) – veio de São João dos Patos – MA, porque a mãe veio, comprou uma terra depois de Açailândia (Buriticupu), a fazenda ficou lá e a morada aqui, depois vendeu e comprou outra na beira do rio Tocantins.**

As respostas expostas apresentam muitos pontos em comum entre tudo que já foi apresentado na pesquisa sobre a cidade, a vinda dos migrantes para o Bacuri foi motivada por anseios por melhorias das condições de vida, econômicas e sociais, ou seja, migrações voluntárias, fortalecendo a ideia de que no local de origem a vida era enfrentada com dificuldades graves. Todos em busca de sonhos e, principalmente, de terras férteis para a agricultura, Imperatriz é vista pelos migrantes como uma oportunidade de mudanças, progressos, um oásis em pleno sertão brasileiro.

Como se observa, os migrantes saíram de sua localidade de origem impulsionados por um sonho de melhoria de vida, e viram na cidade uma oportunidade de terras mais baratas, justamente pela lei da oferta e da procura, ou seja, a fartura de terras inexploradas fazia o preço baixar, seduzindo sonhadores de muitos lugares do Brasil.

O bairro Bacuri foi a opção mais barata para os recém chegados na cidade, ofertando locais para a construção da nova moradia, terrenos eram inclusive trocados por criações ou animais, meios mais facilitados de se conseguir uma casa própria, como se observa nos relatos do Padre: “ouço muitas histórias de pessoas que passaram meses na viagem de animal para chegarem aqui e outros que conseguiram trocar animais por terrenos no Bacuri, coisa que acontecia muito, e muitos contam essas histórias com muitos detalhes

Em observação prévia da localidade e conversas informais realizadas com a intenção de identificar se o bairro contava com pontos de encontro ou lazer que reunissem os moradores e nos quais os mesmos pudessem conviver ou algum elemento que unisse todos os moradores, como uma comida típica ou mesmo uma festa folclórica. Da observação surgiram dois nomes: A Feirinha do Bacuri e a Panelada.

Os entrevistados conseguem identificar traços convergentes entre os moradores e esses dois aspectos destacados. A Feirinha do Bacuri (Figura 3) é apontada como um local de encontro, convivência e comércio; e a Panelada é descrita como comida característica da cidade, como se observa nos fragmentos das respostas. Afirma o Padre:

Conheço a feirinha do Bacuri e tenho costume de ir lá, andei muito na feirinha do Bacuri, em todo o tempo, logo após a missa eu gosto de ir lá comprar sempre alguma coisa, além de rever os conhecidos. A feirinha tem banca de panelada, galinha caipira e sarapatel, não é muito comum, não é característica de lá, aqui em Imperatriz o forte das paneladas é as quatro bocas. A feirinha do Bacuri tem mais frutas e verduras e tem muito pequi, pequi é a carne do pobre. As pessoas se conhecem, são feirantes antigos, e alguns novos também, mas normalmente trato muitos pelo seu nome, se tornaram conhecidos.

Diz a Advogada:

Conheço a feirinha do Bacuri, desde a infância. Vende-se de tudo, é o centro de compras que abastece o bairro todo, todo morador do Bacuri vai na feirinha do Bacuri pelo menos duas ou três vezes por semana porque tem tudo, hortifrúti, carne. Minha mãe vai muito lá, as pessoas mais velhas vão mais.

Ainda, corroborando com o depoimento anterior, o Comerciante, (2015, informações verbais) esclarece que ele e a sua família conhecem e convivem no ambiente da Feirinha do Bacuri, apresentada na Figura 3:

Vou na feirinha do Bacuri desde sempre. Meus filhos começaram a ir muito pequenos, moravam bem pertinho, em outra casa que fui morar depois que me casei. Hoje a feirinha fica um pouco mais longe, mas ainda vou quando tenho tempo. Tem coisas que só acho lá. Outro dia precisei fazer um remédio de fava de sucupira, que é bom pra tudo, só acha lá e no mercadinho. Sei que lá tem muita banca de comida. Já fui muitas vezes, hoje não costumo muito ir, mas meus filhos, que são novos e aguentam muita comida apimentada ainda vão e muito, gostam muito.

Figura 3– Feira do Bacuri Imperatriz-MA



Fonte: Dávila Henrique/2013

O outro ponto bem destacado no bairro, como elemento comum e conhecido por todos é a Panelada (Figura 4). Mas, o que vem a ser essa panelada? A resposta mais simplificada é obtida nas palavras do Comerciante:

Figura 4 – A tradicional panelada de Imperatriz-MA



Fonte: Tavares/2015

O gado vai para o matadouro municipal. Choque e uma lâmina penetra seu corpo meio inerte. O couro é retirado. As vísceras, idem. Do lado de fora, dezenas de pessoas esperam tratar, de forma precária, os rejeitos que não irão para as butiques de carne e similares. De posse das vísceras, repassadores levam às barracas dos restaurantes "de-costas-para-a-rua" - como são conhecidos e reconhecidos em toda a cidade - para que a panelada se efetive em iguaria a ser consumida por todas as classes sociais. Ela é servida quente ou requentada, variando o horário do preparo. Vem com guarnição de arroz branco, rodela de tomate verde, feijão ou fava, macarrão no extrato de tomate e corante. À parte, muita farinha e pimenta "ardilosa".

Imperatriz, hoje, já consolida algumas práticas ou feitos típicos dos imperatrizenses. A panelada representa uma dessas tipicidades, não apenas no Bairro Bacuri, mas em toda cidade. A comida é vista inclusive como oportunidade de encontros, convivências, justamente pela simplicidade dos locais onde são vendidas, no bairro analisado. Como se viu nos relatos, a iguaria é servida nas bancas de comida da feirinha do bairro. Na atualidade, a panelada anula a estratificação social, pois todos, de todas as classes sociais, gostam e todos frequentam as bancas de panelada. Conforme mencionam os entrevistados:

A panelada foi com o tempo se tornando um aspecto de aculturação, porque era o alimento mais prático que se encontra. A origem da panelada se deu por ocasião das grandes festas e boates que existiam no Centro da cidade. Então as pessoas que iam e voltavam com a necessidade de um alimento e o primeiro alimento que se encontrava mais fácil e mais em conta era esse tipo de comida. Então a população foi vendo que era um comércio rentável e daí foi se espalhando com rapidez e a panelada se tornou assim uma característica da nossa região, né [...] Aqui se deu o nome de panelada por causa dessa mistura de vários tipos de partes do boi e daí se colocou tudo dentro de uma panela e virou uma panelada. Na verdade a palavra certa era "panelaço", só que no popularmente foi se tomando conta de outro nome e se tornou a panelada. As pessoas gostam muito e principalmente pelo tempero, como é preparada e tal. [...] Em princípio era mais a classe pobre mesmo até por conta da questão econômica, por ser uma comida barata, com mais ou menos três reais você comia uma panelada e ficava satisfeito, entendeu? Então alguém da elite não ia sentar em um lugar desses, aquele local nas Quatro Bocas, ganhou até o nome de "De costa pra rua ou D Cost pra ru" para ser chique. Foi um apelido que as pessoas colocaram, então uma pessoa de classe média ou de classe média alta, ela tinha vergonha de sentar ali para comer aquela comida né, e também, claro, que a elite optava pelos restaurantes. É, sempre foi e sempre será uma comida da classe média, da classe simples mesmo, da classe mais necessitada, por causa do preço e o volume em si de comida atende as necessidade de qualquer pessoa em qualquer hora, **mas, hoje, ela já é comercializada para todas as classes. Já se tornou tão popular que as pessoas quando recebem amigos na cidade, já levam pra comer panelada, vai se pensando que é uma grande coisa, chegando lá, são as vísceras na verdade. O nome panelada é característico de Imperatriz.** (PADRE)

Tem banca de panelada e há a prática de muita gente que trabalha nas proximidades se alimentarem nessas bancas desde o café da manhã. As pessoas gostam muito de panelada, em Imperatriz. Com certeza, é o prato que se tornou típico. Eu não sei contar do surgimento da panelada, mas sei dizer que todo imperatrizense conhece e gosta da panelada. Mesmo os que não gostam, mesmo assim conhecem e indicam a panelada pra quem vem de fora. O imperatrizense, até quando viaja, sente falta da panelada, é um prato que é assim: tu saiu da festa, tu vai comer panelada, de manhã

cedo, tu tá com fome, tu vai comer panelada. Aí tu tá num grupo de viagem com pessoas daqui e o povo comenta, eita que falta que faz a panelada. A banca de panelada é o único lugar que vai o patrão e o funcionário, o professor e o aluno, todo mundo vai e não tem vergonha, não tem preconceito na banca de panelada. (ADVOGADA)

Comida tímida de Imperatriz, não conhecia no Piauí, lá só tinha carne de bode. Todas as classes sociais frequentam a panelada (ELETRICISTA)

A iguaria era tão simples e tão associada a pessoas que não tinham condições de comprar partes nobres do boi que o posicionamento inicial para se consumir a comida era com as costas viradas para rua, para se evitar ou minimizar a exposição. Fato esse não mais existente, pois como foi dito pelo Padre: hoje, a panelada já é comercializada para todas as classes, “já se tornou tão popular que as pessoas quando recebem amigos na cidade, já levam logo pra comer panelada, vai se pensando que é uma grande coisa, chegando lá, são as vísceras na verdade”. O nome panelada é característico de Imperatriz.”

As informações sobre a panelada em Imperatriz demonstram que já existem práticas de vida comum, conhecidas, repetidas, consumidas, apreciadas e até divulgadas por grande parte dos moradores da cidade. Ainda que esses moradores sejam pessoas oriundas das já detalhadas migrações, os hábitos e os modos de vida podem se transformar, as pessoas mudam o jeito de viver. Assim, a nova cidade, as novas convivências trazem novas práticas, e estas começam a ser repetidas, podendo se consolidar como característica do ambiente local. Assim, as identidades podem se reorganizar em decorrência do novo contexto social.

Na sequência dos questionamentos, foi perguntado sobre a percepção dos entrevistados quanto à origem diversificada dos moradores do bairro, destacando a possível identificação do local de origem desses habitantes, assim como, se haveria alguma predominância ou coincidência em relação à naturalidade dos migrantes.

Em resposta a essa indagação, os entrevistados assim se posicionaram:

A cidade de Imperatriz é bem mesclada, apesar de que eu diria que a maioria são pessoas que vieram de outras regiões, de outras culturas, por exemplo, mais do interior do estado, da baixada. Tem muita gente aqui da baixada que **migrou por causa da situação do campo, que não oferecia mais condições de permanecer no campo, e as terras se concentravam nas mãos de poucos donos, e o local de referência, pelo fato da Belém-Brasil, era Imperatriz, na época do crescimento da Serra Pelada, a Serra Pelada trouxe, a Serra pelada fez Imperatriz inchar da noite pro dia, aí sim, quando se tratar de Serra Pelada, aí a expansão é bem mais vasta, Teresina, Piauí, Ceará, Pará, etc,** todos esses estados que são vizinhos. Houve uma migração muito grande dessas famílias, e após o fechamento e a decepção para alguns da Serra Pelada, o local mais próximo era Imperatriz, então por aqui eles ficaram, construíram, já não tinham nada mesmo e começaram do zero. **Imperatriz tem hoje uma variação muito grande de pessoas, paraenses,**

cearenses, piauienses, diria até que cearense tem muito mais, mas tem muito piauiense também, tem gente de todo lugar. (PADRE) (Grifos nossos)

De acordo com a Professora “Imperatriz tem gente de todo lugar do mundo, parece um caldeirão, não consigo identificar predominância, talvez só de maranhenses de outras cidades.” E, ainda, o Eletricista (2015, informações verbais) entrevistado contribui afirmando que: “Sim, a maioria das pessoas não são daqui, tem gente que veio da baixada de São Luís, de Pernambuco, Ceará, Pará. Muito mineiro. É muito misturado, tem gente de tudo quanto é lugar, como se fosse uma São Paulo da vida.”

Conforme se observa nas respostas mencionadas, a cidade de Imperatriz e, em sequência, o bairro Bacuri, à época ainda não estruturado como bairro, recebeu pessoas de muitos lugares do país. Um entrevistado chama atenção para as pessoas oriundas de outras cidades do Estado do Maranhão, em especial, da região denominada como Baixada Maranhense, local de menor incidência de desenvolvimento humano, justificando e colaborando com o entendimento das migrações voluntárias, impulsionadas pela constante busca por melhoria da qualidade de vida.

No entanto, observa-se que os entrevistados acabam por refletir e concluir que Imperatriz “tem gente de todo lugar” ou “é uma São Paulo da vida”. Mesmo que essas frases denotem hipérboles naturais da linguagem verbal, elas significam muito, pois expressa o quão variada é a origem das pessoas que chegavam ao bairro.

Destaca-se, também, na resposta, que mais uma vez a questão da procura de terras para plantar e a esperança de se encontrar terras mais baratas e mais férteis que em outros lugares do país, também, motivou a chegada dos novos moradores.

Prosseguindo com os questionamentos, objetivando entender os elos entre os moradores e o bairro Bacuri em contraponto ao local de moradia anterior, no tocante à memória, à identidade e à afetividade, foi perguntado aos entrevistados se em sua convivência diária, eles se relacionavam com os habitantes, mencionando ou conversando sobre o seu local de origem, e ainda, quais seriam as saudades ou lembranças mais relatadas, os familiares e amigos que ficaram pra trás, os costumes do lugar, as comidas ou os hábitos de vida, bem como a conservação dessas práticas.

Em resposta à abordagem, foram obtidas algumas narrações transcritas a seguir:

Os moradores não demonstram boas lembranças ou saudades do local onde moravam antes de vim pra cá, as lembranças mais mencionadas são de sofrimento, até mesmo, aí a justificativa de terem deixado a sua terra de nascimento, os relatos

de sofrimento e pobreza são muito presentes. Lembram e falam muito de parentes, relembram muito pouco do local onde moravam, mas as comidas são praticamente as mesmas, sempre muito simples, comida de sempre, comida de pessoas comuns de pouca renda, arroz, feijão, poucas verduras e frutas. Não mencionam muito sobre costumes, ou hábitos, nada que supere as histórias da pobreza e do sofrimento enfrentando antes das mudanças, em sua grande maioria.[...]Raros são os casos em que se conserva alguma prática ou hábito alimentar ou cultural, o “hábito” mais comum que alguns ainda falam são os relacionados à roça, a luta diária nos trabalhos de roça. Como as comidas são muito simples, identifico em raríssimas vezes algum traço ou prato que eles contam ter aprendido ou ter comido nos lugares de onde vieram. Mas eu sempre como na casa dessas famílias e sempre peço pra que nada seja feito de forma especial pra mim, que eu me encaixe na rotina deles, no dia-a-dia da casa deles. Durante onze anos de paróquia, cada dia eu almoçava na casa de uma família, foram muitas casa, poderia dizer que seriam milhões de família, como exagero, mas realmente o número de família seria muito alto, nem dar pra dizer quantas. (PADRE, 2015, informações verbais)

Antigamente nos sentávamos na porta, nas calçadas, e conversávamos sobre tudo, passado e presente, falávamos de tudo do que ficou pra trás, eu mesma me lembro dos casos da fazenda de Goiás, coisas da minha infância, de Sucupira também. As vizinhas também contavam suas histórias, casos alegres e tristes, de fome, da luta da viagem, muitas no começo queriam voltar, muitas choravam e diziam que nunca se acostuariam, mas isso aos poucos foi diminuindo, aos poucos as histórias se tornaram lembranças que as poucos foram sumindo da nossa memória, foram trocadas pelas histórias já daqui, da nova casa, da nova vida, muitas de nós, já tivemos filhos aqui. (MORADORA ANTIGA/82 anos, 2015, informações verbais). Meus pais sentem muitas saudades do tempo deles em Minas, mas não falam de voltar, gostam daqui. Meu pai, que veio com meu avô ainda, conta muito da viagem pra cá que foi de muitos dias e de muito sofrimento. As outras pessoas eu não observo falarem nada de onde moravam, acho que muitas se adaptaram total aqui. (ESTUDANTE UNIVERSITÁRIA, 2015, informações verbais)

Como conservar lembranças que remetem ao sofrimento? Pode-se notar na observação do Padre, que o local de origem dos migrantes, em grande parte, é diretamente associado ao sofrimento e às dificuldades vividas, justificando mais uma vez a busca por melhores oportunidades. Os relatos apontam para os vínculos afetivos unicamente em relação aos familiares que ficaram no local da moradia anterior. Pouco provável que alguém tenha saudades ou tenha boas lembranças associadas à forma. Assim, “não mencionam muito sobre costumes ou hábitos, nada que supere as histórias da pobreza e do sofrimento enfrentados antes das mudanças, em sua grande maioria” (PADRE, 2015, informações verbais).

Por todo o exposto, observa-se que as memórias e lembranças mais marcantes, já que as anteriores são de sofrimento, são as que estão associadas ao Bairro, ao lugar que para muitos, representa esperança e conquistas. Para Pollak (1992), existe uma conexão muito forte entre memória e a identidade.

Pensar em uma memória que seja substrato para uma identidade social é pensar em uma memória coletiva, ou seja, a memória individual está inserida em uma coletividade. E uma

coletividade formada por um processo de migração voluntária em massa como o caso da cidade de Imperatriz é bem mais intenso os aspectos de formação de novas identidades por meio de novas convivências e transformações em relação aos hábitos de vida.

Ou seja, já se passou um tempo relativamente amplo para aquelas pessoas que chegaram à cidade nesse contexto e que permaneceram fixando residência e convivendo com esse espaço plural e diferenciado que a cidade ofertava. Assim, o que teria mudado na vida dessas pessoas com o passar dos anos? Seria possível se perceber alguns hábitos e práticas que foram esquecidos ou aprendidos?

Em resposta à indagação, os entrevistados relataram:

Os moradores são pessoas muito simples, a mudança maior se deu pela melhoria da qualidade de vida, muitos moravam na roça, e a vida no campo era muito pobre escassa, aqui as oportunidades apareceram. Eles trocam muitas informações, gostam de ensinar, os vizinhos mais próximos se ajudam, há uma interação muito grande, outro dia eu presenciei em umas dessas casas em que eu almoço rotineiramente que os ovos eram fritos de maneira especial, no azeite de coco e que isso era desde os tempos que moravam na roça, no íntimo algumas coisas são conservadas, outras coisas, essas pessoas fazem questão de esquecer, são muitas histórias de fome, de seca, de pobreza, de fuga. As mães, mulheres, donas de casa são as que mais convivem e mais se ajudam, muitas casas são “paredemeia” onde uma só parede serve para duas moradias, às vezes as conversas são gritadas de um quintal para o outro, é muita proximidade física, não tem como não se envolver, não se contaminar com modos de vida diferentes daqueles que você conheceu quando criança, na terra onde nasceu. (PADRE, 2015, informações verbais)

Eles falam assim, lá no Ceará a gente tinha costume de comer na tapioquinha o torresmo frito de porco, no sentido de saudade, eu lembro muito que papai matava um animal e usava a gordura, porque não tinha o industrializado de hoje, eles lembram, mas não é mais muito comum se comentar, mas as vezes repetem as mesmas histórias. Meu pai conta que passou 32 dias de viagem em animal, em cavalo burro, pra chegar de São João dos Patos até aqui, como foi a viagem, como foi a chegada, esse fato tem muitos e muitos anos, mas não saiu da sua memória, penso que pelo fato de ter sido muito marcante. (ADVOGADA, 2015, informações verbais)

Não tem como desincorporar da pessoa, quando a pessoa deixa o local, a cultura não fica lá, vem com a pessoa, a cultura e pessoa é uma coisa só. O tempero é mesmo, as músicas, as roupas, a identidade vem. Dizem muito, eu fui criada comendo isso, nem sempre se reporta ao lugar. (PROFESSORA, 2015, informações verbais)

A convivência e a interação são fartas e inevitáveis, conduzidas pelas mães e proporcionadas pela proximidade de uma casa para outra, às vezes com um só parede para duas moradias, a popular “paredemeia”, como disse o Padre. Com essa vivência vem à troca de saberes e a influência mútua de todos os sujeitos inseridos nesse modo de vida.

A tendência é o aprendizado e até o desenvolvimento de práticas que contemplem um pouco de cada um, originando algo novo, que tenha a contribuição de muitos envolvidos e acabe por representar esse todo multifacetário, pois “à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar ao menos temporariamente”. (HALL, 2002, p. 14)

Nesse sentido, a reflexão de Bauman (2005, p. 38):

Em nosso mundo de “individualização” em excesso, as identidades são bênçãos ambíguas. Oscilam entre o sonho e o pesadelo, e não há como dizer quando um se transforma no outro. Na maior parte do tempo, essas duas modalidades líquido-modernas de identidade coabitam, mesmo que localizadas em diferentes níveis de consciência. Num ambiente de vida líquido-moderno, as identidades talvez sejam as encarnações mais comuns, mais aguçadas, mais profundamente sentidas e perturbadoras da ambivalência. É por isso, diria eu, que estão firmemente assentadas no próprio cerne da atenção dos indivíduos líquido-modernos e colocadas no topo de seus debates existenciais.

Colaborando com o ensinamento de Bauman, Giddens (2002), contextualiza a identidade na modernidade como um processo de escolhas quanto ao modo de viver, diretamente divergente do sentido tradicional. Se a sociedade encontra-se influenciada pela globalização e as pessoas não se prendem ao espaço fixo como em épocas passadas, as interações tempo e espaço e as múltiplas formas de vida podem conviver e refletir novas realidades. Assim, “a identidade deve trair sua origem; deve negar ser “apenas um substituto” — ela precisa invocar o fantasma da mesmíssima comunidade a que deve substituir. A identidade brota entre os túmulos das comunidades, mas floresce graças à promessa da ressurreição dos mortos” (BAUMAN, 2003, p. 20).

Com o objetivo de continuar entendendo a conexão entre bairro e os moradores, foi perguntando se esses moradores saberiam contar como se deu a formação do bairro Bacuri (ocupação planejada ou desordenada?) e o que achavam da estrutura física e da conservação da localidade, além da indagação sobre a existência de organizações ou associações de moradores.

Narram alguns entrevistados:

Não sabem um grande número de moradores não sabe. Estão tão acostumados que não reclamam, na verdade o que fica bem claro é que de onde vieram, era pior, muito mais difícil a vida... Em terra de cego, quem tem um olho é rei.- Existe sim associação de moradores, mas eu vejo essa associação muito passiva, esperam que

as pessoas o procurem, não tem preocupação de intermediar e procurar o poder público. (PADRE, 2015, informações verbais)

Quem era daquele tempo antigo sabe que aqui é invasão e depois a prefeitura tomou as rédeas. Mas o povo de hoje, sei não, os mais novos não conhecem nem sua própria história. (MORADORA ANTIGA, 2015, informações verbais)

Alguns sim sabem que muitas pessoas chegaram e épocas próximas e foram fazendo morada. Algumas não viviam em lugares melhores antes, o Bacuri é o melhor lugar que já moraram, acho que a maioria não um parâmetro para comparar, são pessoas simples, é um bairro pobre, de pessoas que lutam pela vida todo dia, alguns com muita dificuldade, quase todos sem luxo. (PASTOR, 2015, informações verbais)

Por meio dos relatos dos entrevistados, é possível se verificar que a comunidade do bairro Bacuri não demonstra autoconhecimento sobre a sua origem e sua evolução, nem tão pouco sobre o poder que possui a sua articulação política no sentido de mobilização por melhorias para o bairro. A resposta demonstra até certa apatia. Talvez a vivacidade da troca inicial, tenha cedido espaço para o marasmo típico de uma acomodação, demonstrada com a frase do Padre se referindo à comunidade observada: “Em terra de cego, quem tem um olho é rei.” Indicando que a finalidade de se conquistar melhores condições já teria sido alcançada.

Uma localidade que não se reconhece como comunidade, que não analisa o seu poder de evolução e mobilização política e social não alcança desenvolvimento e não preserva suas riquezas naturais e culturais. “Há um preço a pagar pelo privilégio de viver em comunidade – e ele é pequeno e até invisível só enquanto a comunidade for um sonho. O preço é pago em forma de liberdade, também chamada autonomia, direito de autoafirmação” (BAUMAN, 2003, p. 10).

Por conta desse desconhecimento e desarticulação, o bairro Bacuri apresenta índices baixos de qualidade de vida, segurança e investimentos públicos, além de uma despreocupação com as riquezas naturais, visto que o rio que corta toda a extensão urbana do bairro é visto por muitos moradores como depósito de lixo e esgoto. O morador é essencial vetor para o desenvolvimento do lugar.

No entanto, para que esse morador queira participar dessa mobilização e buscar contribuir para a melhoria do espaço em que vive, é preciso que a sua identificação com o lugar e as suas memórias afetivas tenham despertado sentimento de pertença, e que ele tenha consciência sobre todos esses sentimentos e reflita sobre o empoderamento que os mesmos podem atribuir à comunidade.

Com a intenção de verificar o nível de pertencimento do morador do bairro Bacuri com o local, perguntou-se ao entrevistado sobre ele mesmo e também sua percepção sobre os outros moradores do bairro demonstram afetividade e pertencimento com a localidade e de

que maneira se percebe essa interação homem / meio. Em resposta ao que foi questionado, alguns entrevistados assim se manifestaram:

Demonstram sentimento sim, outro dia passaram asfalto em uma rua e eu sempre passava por ela, e sempre via, principalmente no final da tarde as mulheres moradoras varrendo a rua, nas frentes de suas casas, é uma coisa bonita de se ver. As pessoas gostam muito daqui, não demonstram vontade de mudar e de viver em outro lugar. (PADRE, 2015, informações verbais)

Aquelas pessoas que vieram pra ficar, pra estabelecer suas vidas aqui, gostam e demonstram isso desde logo que chegaram. Muitos não ligam muito pro local de onde vieram, despegar com um lugar onde a vida não era muito fácil é muito rápido, muitos nem lembram que não nasceram aqui. Mas existem problemas, na minha rua passa o carro do lixo a muito tempo, várias vezes por semana, mas tenho uma vizinha que mesmo passando o carro, ela ainda joga o lixo no rio, é triste ver isso, principalmente porque tomei banho naqueles riachos, tenho lembranças dele limpo, era o local de lazer quando chegamos. Comi muito mandi frito com farinha, pescados lá. (COMERCIANTE, 2015, informações verbais)

Alguns sim, mas não muito. Não vejo muito apego, só vejo uma vida muito corrida. Podiam morar aqui ou em qualquer outro lugar que era a mesma coisa, falo isso principalmente tomando, por exemplo, meus filhos e netos, as pessoas são desgarradas hoje, não querem aprender mais nada, hoje é tudo pronto, é tudo diferente. (MORADORA ANTIGA, 2015, informações verbais)

Não sei não viu, muitos sim, outros nem aí. Aqui é a minha casa, minha terra, mas também não me vejo preocupado em fazer nada para melhorar, pra ter afetividade é preciso se preocupar, eu acho, e olha que o que eu menos vejo aqui é gente preocupada com alguma coisa além das suas casas e das suas famílias, do seu terreiro. (ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO, 2015, informações verbais)

Pertencimento é um sentimento muito maior que apenas gostar, sentir-se dono ou tentar zelar. É conectar-se com o lugar como uma simbiose homem/espaco, de uma maneira que querer o bem do lugar é querer seu próprio bem, a evolução de um prescinde da evolução do outro. Pela análise dos relatos obtidos, nota-se que os sentimentos expostos não chegam a caracterizar a profundidade semântica similar ao que se obtém da expressão sentimento de pertença.

Sentir conexão de pertença com uma comunidade, desenvolvido no dia-a-dia, produz uma força vital que deve ser direcionada para o processo de desenvolvimento e para a preservação do local (LE BOURLEGAT, 2000). Os moradores do bairro Bacuri ainda não sentem ou demonstram essa relação com o espaço que vivem, e isso revela muitas respostas, pois as condições de vida no lugar não são as mais favoráveis e a preservação é absolutamente ausente. Resta, no entanto, trabalhar o resgate das memórias afetivas e o das identidades coletivas, objetivando não o desenvolvimento da pertença nos moradores, mas a revelação desse sentimento que se encontra adormecido no íntimo dos participantes dessa comunidade.

Somente o resgate dessas sensações e dessas lembranças podem sensibilizar os moradores e somente essa conscientização e autoconhecimento pode impulsionar essa mobilização por um lugar digno de se viver. As pessoas podem não saber, mas guardam nelas a chave do desenvolvimento do local onde moram, quando se sentem parte desse lugar, se unem e alcançam benefícios para todos.

Seguem os quadros 5 e 6 que apresentam o resumo das principais respostas convergentes obtidas nas entrevistas:

Quadro 5 – Fragmentos das respostas obtidas em entrevista.

Profissão /Local de Nascimento / Origem	Idade / Tempo de bairro	Motivo da Mudança	Interação com o Bairro (Feirinha /Panelada)	Identificação da origem dos demais moradores do bairro	Percebem as lembranças e os costumes do lugar de origem de outros moradores (no convívio)
Eletricista - Teresina – PI	42 idade 33 bairro	“O pai trabalhava na empresa BAHEMA (de máquinas pesadas) foi transferido”	A panelada é a comida tímida de Imperatriz, não conhecia no Piauí, lá o forte era a carne de bode”	“É muito misturado, tem gente de tudo quanto é lugar, como se fosse uma São Paulo da vida.”	“Contam muitas histórias”
Padre Flexeirinhas – CE	42 idade 11 bairro	“Depois da perda do meu pai, que nós viemos morar aqui”	“ A panelada foi com o tempo se tornando um aspecto de aculturação.”	“Variação muito grande de pessoas, paraenses, cearenses, piauienses”	“Nada que supere as histórias da pobreza e do sofrimento”
Advogada Imperatriz – MA	32 idade 32 bairro	“Minha mãe veio em 74, mais precisamente em 23/09/1974 porque o irmão dela veio na frente”	“Conheço a feirinha do Bacuri, desde a infância, vende-se de tudo, é o centro de compras que abastece o bairro todo”	“Parece um caldeirão, não consigo identificar predominância”	“Não se vejo relatos de mudança de tipo comida, mas sim de aspectos econômicos”
Professora Ipiauçu – Minas Gerais	49 idade 40 bairro	“Meu pai veio morar aqui no Maranhão a procura de terras (...) as terras daqui eram muito produtivas e baratas”	“Panelada é uma coisa cultural (...) Acho que Imperatriz não tem comida típica”	“Não consegue ver predominância”	“Não falam normalmente, (...) a pobreza era maior antes”
Comerciante Belém - PA	46 idade 32 bairro	“O meu pai resolveu vim pra cá com a intenção de arrumar terra pra plantio, dois irmãos mais velhos dele já tinham vindo dois anos .”	“A banca de panelada é um território sem classes sociais aqui no Bacuri, vai todo mundo, patrão e empregado”	“Não consigo enxergar predominância (...) mas cearense e piauiense consigo ver com mais facilidade.”	“Essas histórias nem sempre são boas, muitas relatam sofrimento, dificuldades financeiras, misérias as vezes”
Pastor Grajaú - MA	50 idade 33 bairro	“Minha família sobrevivia da roça, (...) alguns dos meus irmãos mais velhos foram pra Serra Pelada e aos poucos	“Na minha opinião as pessoas gostam mais da galinha caipira do que da panelada, mas a panelada é mais	“A grande maioria das pessoas nasceu em outro lugar, mas se denominam de Imperatriz, já se naturalizaram.”	“Talvez os mais velhos, aqueles que vieram já crescidos pra cá, mencionem vez ou outra alguma coisa”

		foram retornando com a notícia de muitos lugares”	barata, mais fácil de achar.”		
Moradora Antiga Itacajá - GO	86 idade 45 bairro	“Vivendo sempre de roça e muitas pessoas vinham do Piauí e passavam por lá vindo em direção a Imperatriz”	“A panelada é de Imperatriz também, mas é também de outros lugares, com outros nomes, mas em Imperatriz o povo se orgulha”	“Difícil era achar alguém que fosse daqui mesmo. Gente de todo lugar”	“Sentávamos nas calçadas, e conversávamos sobre tudo, falávamos de tudo do que ficou pra trás”
Estudante universitário Imperatriz – MA	24 idade 24 bairro	“Fixaram residência no bairro, pois as condições financeiras da época não permitiam moradia no Centro da cidade”	“Não tem comida melhor do que a panelada com arroz branco, farinha de puba, limão e pimenta”	“Tem mais gente é do próprio Maranhão, de outros lugares, da baixada, de pedreiras, mas tem gente do Nordeste”	“Os mais velhos contavam principalmente de como chegaram, do sofrimento pela condição financeira”
Estudante universitário Imperatriz – MA	22 idade 22 bairro	“Meus pais mudaram porque meu avô comprou uma fazenda aqui”	“Olha, é difícil alguém de Imperatriz não gostar de panelada.”	“Conheço muitas pessoas de fora, minha família mesmo, mas não consigo identificar predominância não.”	“Ainda contam muito da viagem pra cá que foi de muitos dias e de muito sofrimento”

Fonte: Elaborada pela autora, 2016 a partir de Pesquisa realizada com os sujeitos em 2015

Quadro 6 – Fragmentos das respostas obtidas em entrevista.

Conservam práticas/hábitos do local de origem	Outras práticas/hábitos foram aprendidos	Os moradores sabem como se formou o bairro Bacuri	Organização e a estrutura do bairro	Associação de moradores no bairro	Pertença e a Afetividade com o bairro
“Eu esqueci e aprendi outras, eu era pequeno, tinha 8 anos, quem veio maior lembra de muita coisa.”	“Já tinha gente que morava nas beiras dos rios, mas os rios eram limpos.”	“Aqui em Imperatriz planejado só foi o Centro”.	“Os moradores são conscientes que poluem os riachos, mas culpam sempre o prefeito.”	“Tem sim, lá no final da praça do Anhanguera tem uma Associação, mas eu não sei detalhes.”	“Tem sentimento de pertença sim. Quando foram construir a praça da Bíblia, que antes era Praça dos Migrantes, tinha quadra de esportes, tinha gramado pro pessoal brincar.”
“O “hábito” mais comum que alguns ainda falam são os relacionados à roça, a luta diária nos trabalhos de roça”	“Não tem como não se envolver, não se contaminar com modos de vida diferentes daqueles que você conheceu quando criança, na terra onde nasceu.”	“Não sabem, um grande número de moradores não sabe”	“Fica bem claro é que de onde vieram era pior, muito mais difícil a vida...”.	Muito passiva, esperam que as pessoas o procurem, não tem preocupação de intermediar e procurar o poder público”	“Passaram asfalto em uma rua e sempre via, principalmente no final da tarde, as mulheres moradoras varrendo a rua, nas frentes de suas casas, é uma coisa bonita de se ver.”
“Eles falam assim, lá no Ceará a gente tinha costume de comer na tapiquinha o torresmo frito de porco, no sentido de saudade”	“O povo que veio de São João dos Patos tem um negócio de comer rapadura com farinha então dar três horas da tarde eles param o que	“Os mais idosos conseguem falar, bem direitinho, por exemplo, essa rua aqui passavam os	“Sabem apontar o erro, mas não sabem reconhecer que fazem parte desse processo.”	“Não conheço associação de moradores no Bacuri. Só os grupos ligados à igreja, de outro tipo eu nunca vi.”	“Tem um umbigo enterrado no Bairro, todo mundo quer morar, todo mundo q vai casar e que vai constituir uma nova família faz o possível para

	estiverem fazendo”	carros indo (...) fulano cercou alí, fulano passou a máquina, abriu a rua tal,			adquirir um imóvel no bairro”
“O tempero é mesmo, as músicas, as roupas, a identidade vem.	“As tendências eram aprendidas, por exemplo, brincadeiras de épocas, bambolê, elástico, a escola apresentava a brincadeira”	“As pessoas não tem noção de planejamento, mas reclamam da falta de saneamento.”	Não há consciência dos moradores, quanto à contribuição, tem algumas pessoas que sim, a vizinha disse: achei foi que a vizinha foi jogar o lixo no riacho e caiu.”	“Não sei se existe. O Bacuri virou um bairro elitizado, próximo de centro. Tem só os líderes religiosos.”	“Há um carinho muito grande pelo local. Na época da copa, o bairro ficou todo enfeitado, pelos moradores, é um povo muito alegre.”
“Algumas práticas são impossíveis de serem conservadas, como consumir carne de caça nos dias de hoje, o IBAMA não deixa”	“As casas ganharam muros altos, mas antes disso muitas convivências nos quintais, nas calçadas, nos locais onde lavávamos roupa, nas escolas”	“Os moradores sabem que o Bacuri foi formado pelo povo, sabem que aqui é uma mistura grande de gente de todo lugar.”	“Acham que essa desordem é fruto de falta de organização dos poderes públicos que não deram conta de colocar limites no povo.”	“Eu já ouvi falar que tem sim, mas nem sei onde funciona, também não vejo ações nenhuma.”	“Aqueles pessoas que vieram pra ficar, pra estabelecer suas vidas aqui, gostam e demonstram isso desde logo que chegaram.”
“Não sei dizer se essas coisas são daqui ou de outro lugar, ou se representam um produto dessa mistura de vidas”	“Já percebo uma coisa unificada, fiz parte dessa mistura, não sei dizer onde e como as coisas foram inseridas na nossa cultura”	“Alguns sim, sabem que muitas pessoas chegaram e épocas próximas e foram fazendo morada”	“A grande maioria só coloca culpa no prefeito. É moda colocar a culpa na política, nos políticos.”	“Eu sei que tem, fica lá perto da praça Tiradentes (ou tinha), mas não sei falar sobre o seu funcionamento.”	“Sim. Muito. O Bacuri significou melhoria de vida pra muitas famílias. São apegadas com as casas, mais com as coisas conquistadas de forma individualizadas”
“Dos mais próximos sim, dessa minha comadre baiana tinha algumas coisas que eu não comia, era uma coisas muito diferentes”	“Esquecemos sim, e aprendemos, teve muita mistura, a gente esquece as vezes se aprendeu aqui, ou se aprendeu antes, tem fase da vida que a gente nem lembra onde aprendeu”	“Quem era daquele tempo antigo, sabe que aqui é invasão e depois a prefeitura tomou as rédeas”	“Alguns problemas são causados pelos moradores, mas eles não param muito pra pensar nisso não.”	“Não sei bem responder.”	“Não vejo muito apego, só vejo uma vida muito corrida. Podiam morar aqui ou em qualquer outro lugar que era a mesma coisa”
“Tem uma coisinha ou outra, como carne de caça que aqui acolá ainda se ver, como tatu no leite de coco que meu pai ainda faz e sempre lembra da terra dele”	“A panelada e a galinha caipira, enquanto hábito alimentar é de cem por centos dos que eu conheço aqui que gostam e que eu digo que foi aprendido como uma comida de tradição daqui.”	“O que se sabe por aqui é que não tem muita coisa de organização do poder municipal e estadual.”	“A maioria é conformada e acredita que é normal um bairro de gente pobre ser assim. Tem gente que mora quase dentro dos rios, joga dejetos de	“Que eu saiba só os grupos das igrejas mesmo, não conheço outros não.”	“Pra ter afetividade é preciso se preocupar, eu acho, e olha que o que eu menos vejo aqui é gente preocupada com alguma coisa além das suas casas e das suas famílias, do seu terreiro.”

			banheiro, de pia.”		
“Lá em casa o pão de queijo feito com polvilho doce ainda é uma estrela, doce de leite também,”	“Pouco se conservou, e muito se misturou. Talvez já se criou uma característica própria de Imperatriz, com a panelada, a galinha caipira, o sarapatel.”	“Alguns pensam e refletem sobre isso, mas com certeza é um porcentagem bem pequena da população, a maioria não para pra pensar nisso.”	“Alguns moradores contribuem para o problema sim, é notório, mas não refletem sobre isso.”	“Não sei responder.”	“Acho que sim, porque o povo gosta daqui apesar de tudo. Eu gosto e sou feliz, só queria que melhorasse algumas coisas, isso precisa.”

Fonte: Elaborada pela autora, 2016 a partir de Pesquisa realizada com os sujeitos em 2015

Pela observação dos fragmentos das respostas obtidas nas entrevistas e expostas nos quadros 04 e 05 pode-se notar que a maioria chegou a Imperatriz com o objetivo de melhorar a qualidade de vida, anseio esse baseado na grande oferta de terras boas e mais baratas em relação a outros Estados da Federação, sendo estes os maiores motivos da mudança para a localidade do bairro Bacuri.

Grande parte dos entrevistados afirma que conhecem e frequentam a Feirinha do Bacuri e elegem a panelada como a comida característica de Imperatriz, relatando, ainda, que todas as classes sociais conhecem e frequentam as bancas de panelada, apontando-a como uma comida muito popular e importante para o município. Assim, essas respostas apontam para dois pontos em comum entre os moradores “A feirinha do Bacuri” e a “Panelada”, ou seja, o bairro já possui elementos de identificação, os moradores já se reconhecem nesses pontos citados.

Os elementos identificadores são de muita importância, principalmente, quando se ver que os próprios moradores não enxergam predominância quanto à origem dos atuais moradores do bairro, pois nenhum entrevistado afirma que existem mais pessoas de um lugar ou de outro. “Tem gente de todo lugar” foi a resposta mais ouvida no momento da realização da entrevista.

Já em relação à conservação de hábitos alimentares e culturais, os entrevistados, em maioria, afirmam que poucos são as práticas diárias conservadas, relatam apenas alguns procedimentos alimentares, mas algumas respostas foram dadas no sentido de que já não era possível se distinguir muita coisa do que se trouxe e do que se aprendeu, ou quando se aprendeu.

Na sequência, quando os questionamentos foram direcionados para a estrutura e problemas do bairro, para a existência de conscientização dos moradores quanto à contribuição dos mesmos para a incidência de tais problemas, além do conhecimento da existência de Associações de Moradores no Bairro, os entrevistados foram unânimes em

reconhecer os problemas, dividir a culpa pela ocorrência dos infortúnios do bairro e negar a existência de Associação de Moradores, ressalvando apenas as vinculadas às igrejas do bairro.

No entanto, mesmo se culpando por alguns problemas e colocando a existência de alguns na omissão do Poder Público, os moradores, em maioria, apontam para a existência de afetividade e pertença dos mesmos com o bairro, ou seja, existe o reconhecimento de um vínculo afetivo, e este pode ser utilizado como motivação para que o morador seja mais ativo e se envolva mais com os problemas da coletividade. A pertença pode ser a razão das preocupações saírem da esfera particular dos moradores e se encaminharem para o bairro como um todo.

3.2.2 Questionário

Convém mencionar que o desenvolvimento da presente pesquisa teve por base, primeiramente, um levantamento bibliográfico sobre as temáticas propostas para análise, em sequência, realizou-se uma entrevista semiestruturada com pessoas-chave do local de estudo, o bairro Bacuri de Imperatriz – MA.

Para a conclusão da coleta de dados, aplicou-se também um questionário, elaborado a partir dos principais temas identificados na interpretação dos dados bibliográficos e dos pontos destacados no momento da realização da já mencionada entrevista.

Assim, o objetivo do questionário foi o de confirmação ou não, no tocante às prioridades do bairro Bacuri, bem como os vínculos de pertença dos moradores e o potencial de mobilização social em prol do desenvolvimento local, tendo por base a afetividade dos moradores com o local onde vivem.

O questionário com questões fechadas foi aplicado durante o mês de janeiro de 2016 a 30 (trinta) migrantes residentes no bairro por mais de 30 (trinta) anos, obedecendo os seguintes critérios: 15 (quinze) mulheres e 15 (quinze) homens; 10 (dez) entrevistados possuem curso superior completo, 10 (dez) com Ensino Médio concluído e 10 (dez) pararam de estudar no Ensino Fundamental. Ressalte-se que os critérios citados foram escolhidos objetivando obter uma abrangência maior quanto às informações colhidas, principalmente quanto ao gênero e quanto à escolaridade dos migrantes.

Foram elaboradas e aplicadas oito perguntas fechadas, com opções de respostas pré-definidas, sendo que a primeira pergunta foi apresentada com o intuito de se conhecer a

situação econômica dos migrantes antes da mudança para Imperatriz – MA e entre as opções de respostas foram estabelecidos parâmetros de rendimento familiar dos entrevistados.

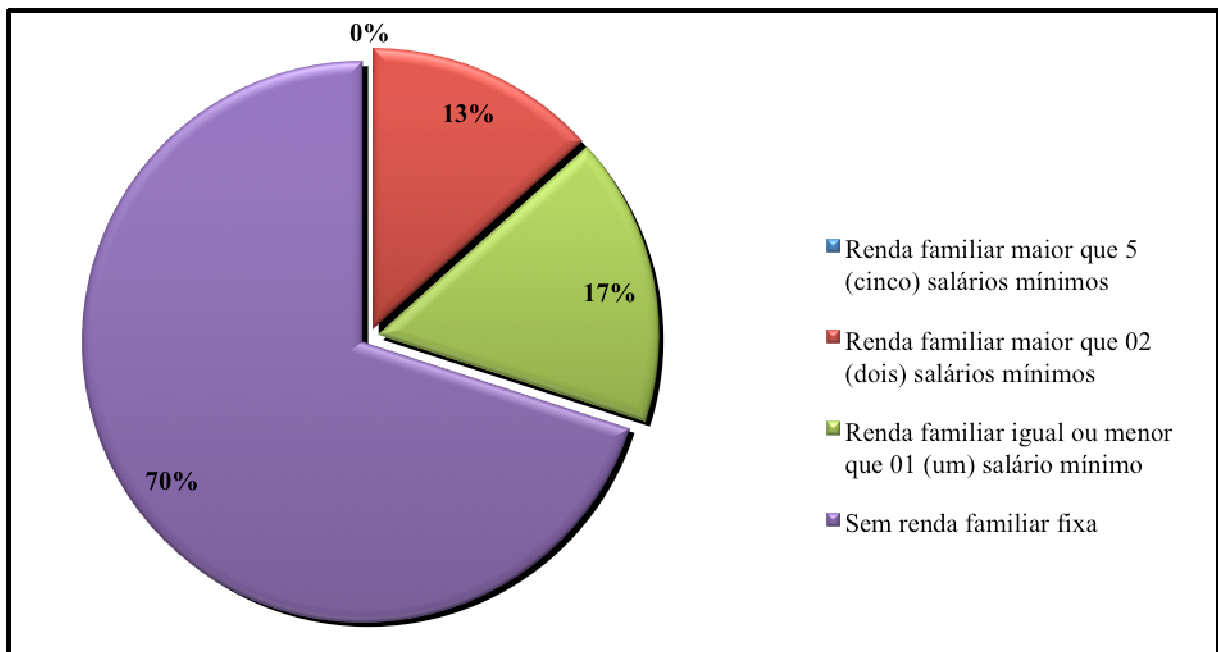
Destaque-se que o quesito renda familiar anterior à migração foi escolhido por ter sido citado por todas as pessoas-chave na aplicação da entrevista semiestruturada, sendo no contexto específico das migrações a motivação prioritária que impulsiona o deslocamento das famílias dentro do território nacional, como se observa nas afirmações

“Minha família sobrevivia da roça, morávamos no interior em uma localidade denominada Jabuti.” (PASTOR, informações verbais, 2016) – Original sem grifo.

“Meu pai faleceu em 1974, minha mãe tinha vários irmãos aqui e o lugar de referência era Imperatriz, foi realmente pela ocasião da perda do meu pai, **que nós viemos morar aqui, porque a condição financeira era muito ruim e também porque lá não tinha escola e no Maranhão tinha possibilidade da gente estudar** e mamãe veio embora pra cá pro Maranhão.” (PADRE, informações verbais, 2016, grifo nosso).

O resultado do primeiro questionamento é apresentado no Gráfico 1:

Gráfico 1 – Situação econômica antes da mudança para Imperatriz – MA



Fonte: Pesquisa de campo realizada com os sujeitos em 2016

Da leitura do Gráfico 1 destaca-se que dentre os trinta migrantes abordados nenhum apresentava renda familiar superior a cinco salários mínimos mensais antes da mudança para Imperatriz, 13% (treze por cento) possuía renda familiar maior que dois salários mínimos,

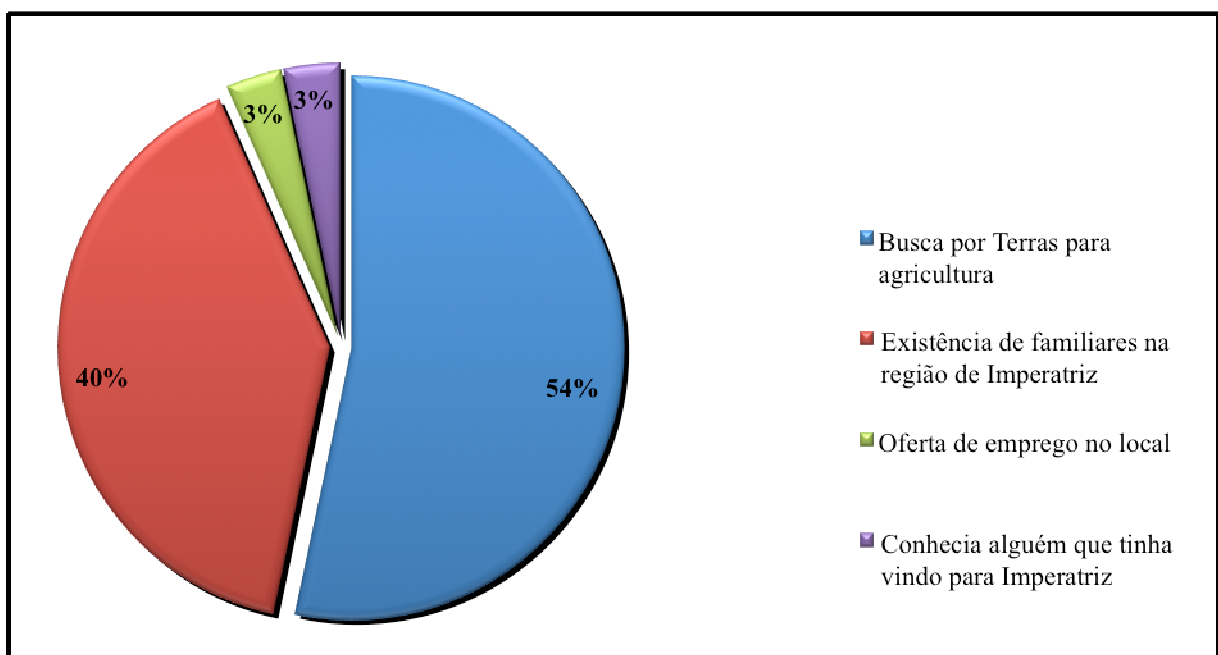
17% (dezesete por cento) renda familiar igual ou inferior a um salário mínimo mensal, e a grande maioria dos abordados, confirma as narrativas expostas nas entrevistas semiestruturadas, tendo em vista que 70% dos moradores afirmam que não possuíam renda familiar definida no momento anterior à mudança para Imperatriz.

É possível, portanto, afirmar que a mudança para a cidade de Imperatriz significava para a grande maioria dos migrantes, uma nova esperança, uma possibilidade muito concreta de melhoria das condições de vida. Já que a nova morada ofertava uma vasta quantidade de terras consideravelmente mais baratas e acessíveis e muitas famílias tinham a sua renda principal estruturada na agricultura e pecuária familiar.

Na sequência do questionário, foi perguntado pelo motivo da mudança para Imperatriz, destacando se tal razão estava baseada na busca por terras para agricultura e pecuária familiar, ou se era a existência de familiares já fixados na região de Imperatriz, ou ainda, a oferta de emprego no local e se já conhecia alguém que tinha vindo para Imperatriz.

Os resultados do segundo questionamento podem ser observados o Gráfico 2:

Gráfico 2 – Motivo da Mudança



Fonte: Pesquisa de campo realizada com os sujeitos em 2016

Os resultados obtidos com o segundo questionamento foi o de apenas 3% (três por cento) para os que tiveram sua mudança para Imperatriz motivada pela oferta de um emprego no local e também 3% (três por cento) aos que vieram para Imperatriz, e o maior número de pessoas questionadas se dividiu em 40% (quarenta por cento) para os migrantes que

escolheram Imperatriz por já possuir familiares morando na cidade e 54% (cinquenta e quatro por cento), mais uma vez maioria, tendo como motivação, a busca por terras para a agricultura, sendo a terra, portanto, razão fundamental da vinda dos novos moradores e também a motivação da permanência dos mesmos na região.

As terras que margeavam a cidade de Imperatriz possuíam características bem vantajosas para as pessoas que queriam viver da agricultura, eram terras acessíveis, pouco exploradas, com cobertura vegetal privilegiada por se encontrarem no portal da Amazônia e conquistaram um grande número de famílias que viam na cidade uma esperança de dias melhores. A importância da existência de terras e da facilitação do acesso de pessoas menos favorecidas financeiramente é bem delineada por Franklin (2008, p. 171, grifo nosso), conforme se nota:

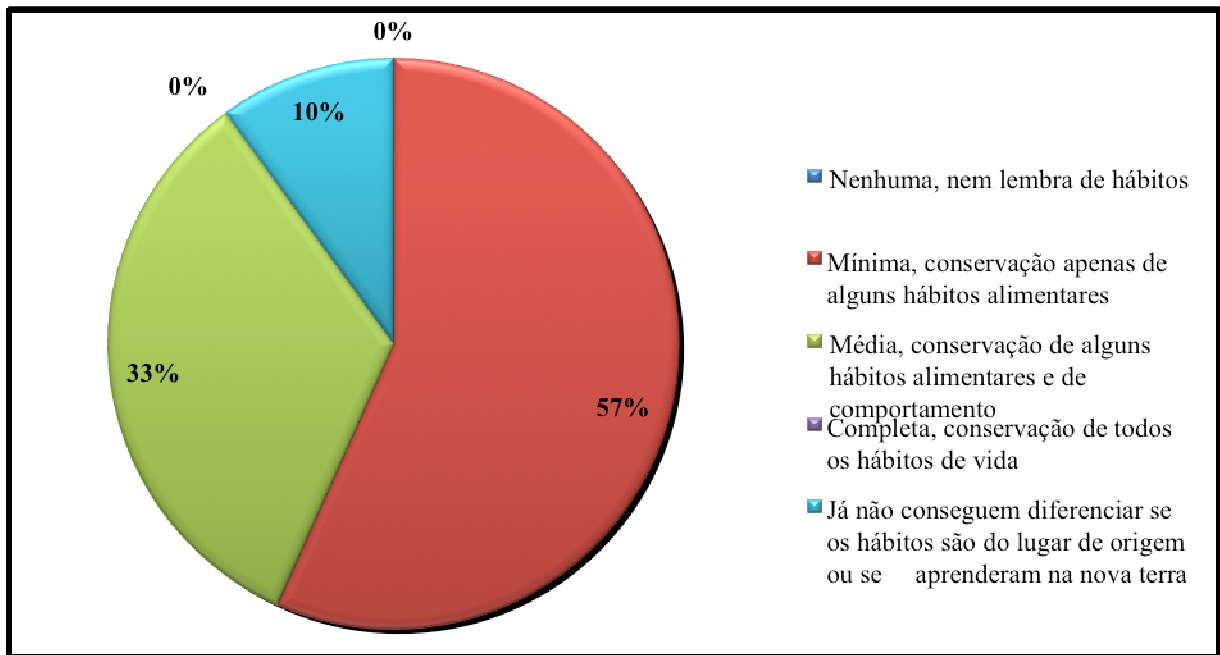
“Cinquenta léguas de terras não tocadas”, como dissera em 1950 o então prefeito Simplício Moreira, em jornal da capital. Desde os primeiros tempos de ocupação do território da Vila de Imperatriz, os criadores preferiram estabelecer suas fazendas nas áreas de cerrado, onde havia maior facilidade para a criação extensiva, motivo pelos quais foram desprezadas as úmidas e densas áreas de florestas. Por isso até a década de 50 a maior densidade populacional de Imperatriz se localizava no que se compreende o atual município de Montes Altos, onde estavam o maior número e as maiores fazendas do município. Nenhuma fazenda existia no território a oeste, que, conforme diversos registros, era “local de índio”, ocupado tanto pelos Gaviões quanto pelos Krikatis, principalmente nas margens do Rio Tocantins. **A terra, disponível e devoluta, foi, portanto, o fator fundamental para fixação do agricultor nordestino imigrante num primeiro momento, e, em seguida, do elemento fazendeiro, que ocupou o mesmo espaço, expulsando os primeiros ou comprando suas posses.**

Observe-se que já foi perguntado sobre as condições financeiras das famílias que chegaram a Imperatriz e que formaram o bairro Bacuri, bem como sobre a importância da oferta de boas e baratas terras na região para a motivação e fixação das famílias migrantes na região. A próxima pergunta do questionário direcionava a investigação para os hábitos de vida das famílias já estabelecidas no bairro, em especial se as pessoas conservaram os hábitos de vida, costumes, condutas do local de origem.

Os quesitos dispostos na referida pergunta foram elaborados para identificar a existência e o grau de conservação dessa conduta de vida anterior à mudança, destacando como possibilidade de resposta: Nenhuma incidência ou lembrança desses hábitos (quesito desprezado pelos questionados, visto que ninguém fez opção por ele); Mínima conservação, apenas de alguns hábitos alimentares (opção de resposta escolhida pela maioria dos abordados, 57%); Média conservação de alguns hábitos alimentares e de comportamento (resposta de

33% das pessoas indagadas); Completa conservação de todos os hábitos de vida (nenhum migrante se identificou com esse quesito); e por fim, a opção que relata que os migrantes já não conseguem diferenciar se os hábitos são do lugar de origem ou se aprenderam na nova terra (opção escolhida por 10% das pessoas abordadas), conforme demonstrado no Gráfico 3:

Gráfico 3 – Conservação dos hábitos de vida do local de origem



Fonte: Pesquisa de campo realizada com os sujeitos em 2016

Como se nota, a maioria das pessoas afirma que a conservação dos hábitos de vida é mínima, sendo apenas conservadas posturas e condutas relacionadas aos hábitos alimentares da terra de origem. Tal informação é perceptível nos fragmentos da entrevista semiestruturada realizada com as pessoas-chave. Ratificando, portanto, as informações do gráfico, como se nota:

[...] Mas algumas coisas são preservadas, mesmo que pequenas, tem uma vizinha minha que ela e o marido só fritam ovo no azeite de coco até hoje. Eu fui experimentar e gostei muito, então comecei a fazer igual, [...] (Comerciante, informações verbais, 2016)

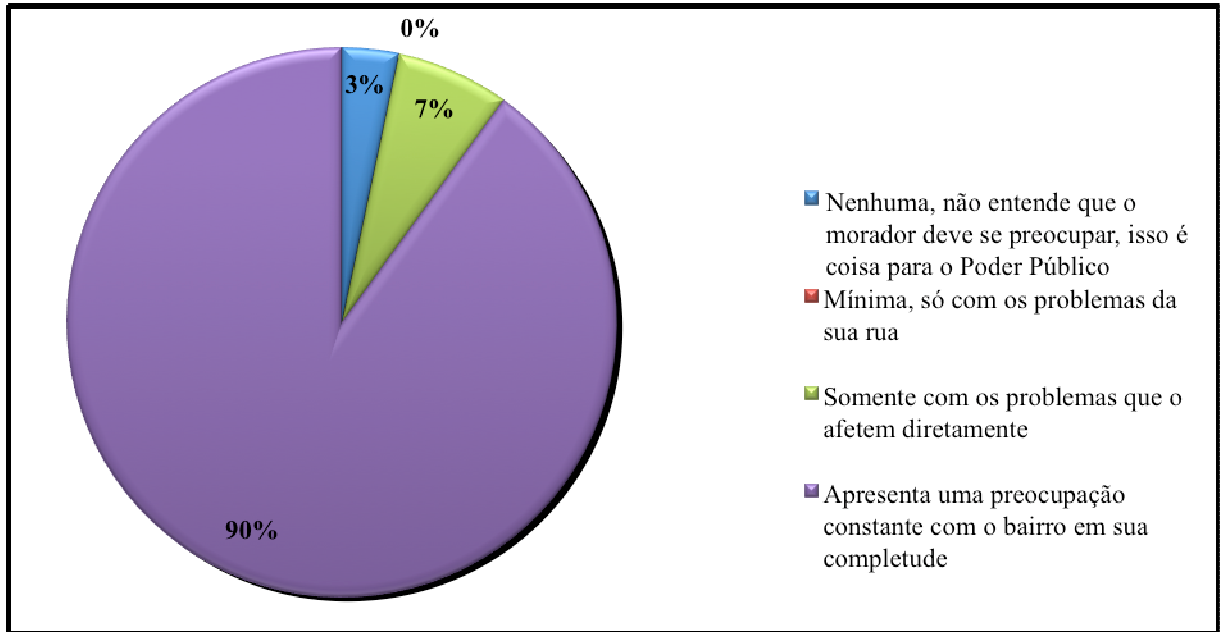
Lá em casa o pão de queijo feito com polvilho doce ainda é uma estrela, doce de leite também, isso meus pais nunca esqueceram, o torresminho também, mas não é uma coisa só lá de casa, algumas famílias tem hábitos e comidas das suas terras, mas já tem outras que aprenderam aqui também, ninguém é mais o mesmo que chegou. (Estudante universitária, informações verbais, 2016)

Dos mais próximos sim, dessa minha comadre baiana tinha algumas coisas que eu não comia, era uma coisas muito diferentes, o vatapá a primeira vez que eu vi foi na casa dela. Mas no geral a comida do povo é arroz, feijão, carne, ovo, coisas muito

simples, isso quando se tinha, no Maranhão assim como no Goiás comiam muito pequi. (Moradora antiga, informações verbais, 2016).

Não parece absurda a informação de que os hábitos alimentares são os que mais se conservam, pois estes são os que diariamente são repetidos, às vezes, mais de uma vez por dia, bem como, é pertinente também se considerar que a forma e o tipo da comida servida em casa era repassada de mãe para a filha, considerando a sociedade patriarcal ainda preponderante nos trinta anos de fixação de residência dessas famílias. Sem contar, que as mulheres, principalmente as mães, em uma estrutura de sociedade onde apenas o marido trabalhava fora de casa, é a que mais convive com os filhos e a que direciona o que é servido nas refeições, e justamente essas mães aprenderam esse ofício da cozinha também com suas genitoras, informações mais íntimas e mais desenvolvidas dentro de cada lar.

Seguindo o questionário foi indagado sobre a existência de preocupação do morador/migrante com os problemas do bairro, sendo apresentadas como opções de respostas as seguintes: Nenhuma, pois não se entende que o morador deve se preocupar, sendo obrigação apenas do Poder Público (opção escolhida por 3% dos migrantes); Só com os problemas da sua rua (nenhum morador optou por esse quesito); Somente com os problemas que o afetem diretamente (resposta de 7% dos questionados); apresenta uma preocupação constante com o bairro em sua completude (resposta de 90% dos abordados). Conforme mostra o Gráfico 4:



Fonte: Pesquisa de campo realizada com os sujeitos em 2016

O resultado desse questionamento destoa da realidade do bairro Bacuri, pois conforme relatou a entrevistada (Professora, informações verbais, 2016):

O que os moradores reclamam é muito do lixo nos riacho pelo transbordamento ocasionado pela chuva, vem cobra, o carro do lixo passa terça, quinta e sábado. As próprias pessoas limpam as porta, mas há uma resistência em arborizar, mas varrem as portas. Não há consciência dos moradores, quanto à contribuição, tem algumas pessoas que sim, a vizinha disse: achei foi que a vizinha foi jogar o lixo no riacho e caiu. Não necessidade de se jogar esse lixo, pois existe coleta regular. O riacho era local de diversão, as mulheres lavavam roupas, pescavam, nós tomávamos banho, os meninos, os homens eles iam lá pra BR pra passar por baixo do bueiro.

Além do desajuste do resultado obtido de 90% (noventa por cento) de pessoas preocupadas com questões gerais do bairro com pontos das entrevistas, também é possível se perceber essa incoerência se observadas nas duas imagens a seguir exposta, pois as fotografias apresentam completo desrespeito dos moradores com os recursos naturais do bairro, ocupando não apenas as margens dos riachos, mas até mesmo construindo em seu leito, conforme se vê, nas Figuras 5 e 6:

Figura 5 – Riacho Bacuri próximo à BR 010



Fonte: Tavares, 2015

Figura 6 – Riacho Bacuri próximo à BR 010

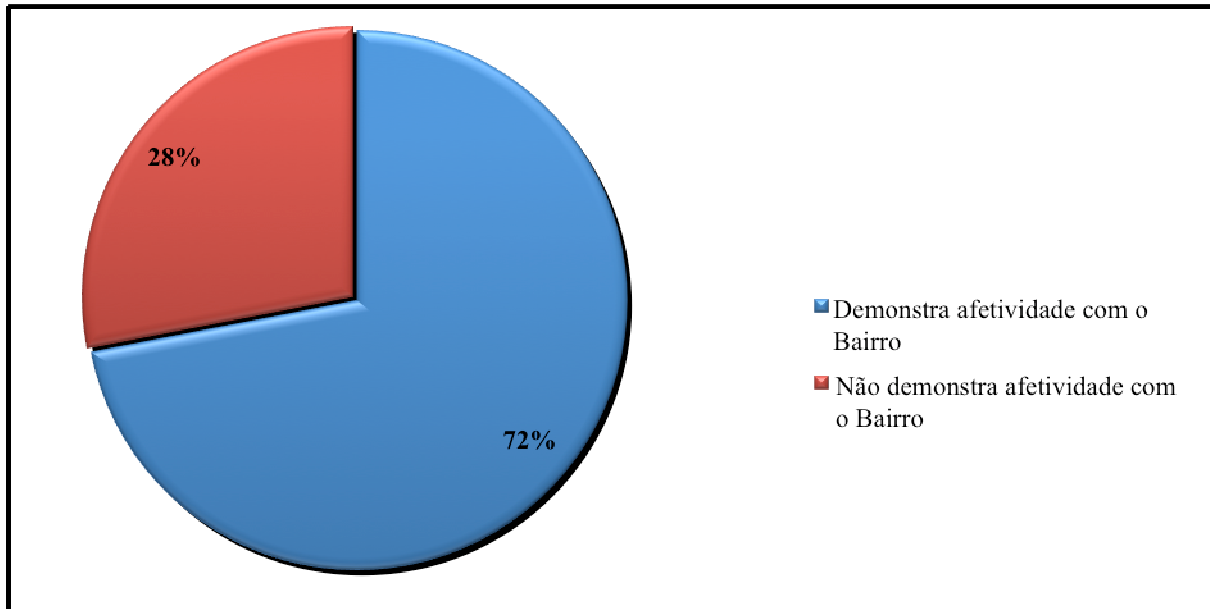


Fonte: Tavares, 2015

Mesmo no contexto das imagens do Rio Bacuri que demonstram degradação do recurso natural e avanço da construção no próprio leito do rio, a quinta pergunta do questionário foi elaborada com o objetivo de se entender se o morador, outrora migrante já teria desenvolvido

afetividade com o bairro Bacuri, obtendo com a resposta positiva o índice de 72% (setenta e dois por cento) dos abordados, como se lê no Gráfico 5:

Gráfico 05 – Quanto à afetividade migrante / bairro



Fonte: Pesquisa de campo realizada com os sujeitos em 2015

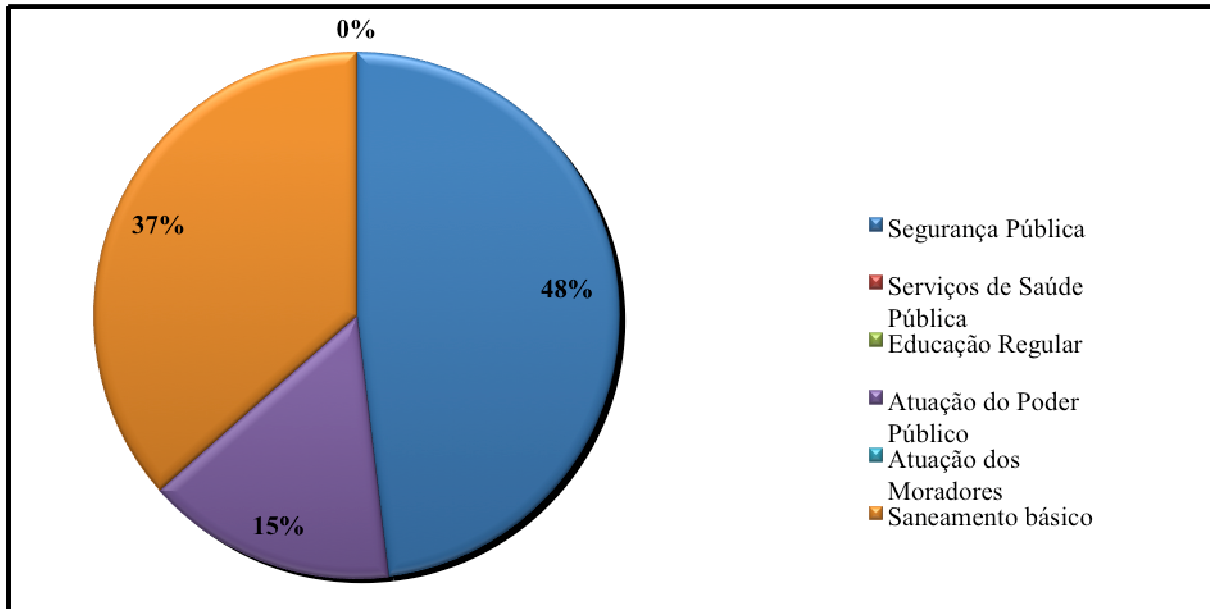
Os moradores podem se identificar ou sentir-se inseridos como parte de um determinado território, tendo como base as memórias dos fatos vividos, tendo tais fatos associações cronológicas com o próprio curso de vida das pessoas.

A afetividade como propulsora de uma mobilização direcionada para a preservação do local ou desenvolvimento e melhoria das condições de vida, é identificado como um forte potencial ainda não explorado do bairro em estudo, pois apesar dos moradores apontarem em grande maioria um afeto com o local onde vivem, não demonstram ações ou realidades que demonstrem a utilização do sentimento de pertença em prol do local.

No entanto, entender a afetividade com o local e conhecê-lo como fator diferencial para a mobilização dos sujeitos é um importante ponto de partida para a elaboração e implementação de projetos de resgate de memórias em benefício do lugar e, principalmente, dos moradores. E para esse reconhecimento, visando à construção de estratégias e projetos de mobilização, elaborou-se a sexta questão, requerendo-se que os questionados apontassem três prioridades do bairro, entre as opções seguintes: segurança pública, serviços de saúde Pública, educação regular, atuação do poder público, atuação dos moradores, saneamento básico, trânsito, coleta de lixo, recursos naturais e meio ambiente, desemprego, lazer/ atividades

culturais e crescimento econômico, sendo as três prioridades escolhidas expostas no Gráfico 6:

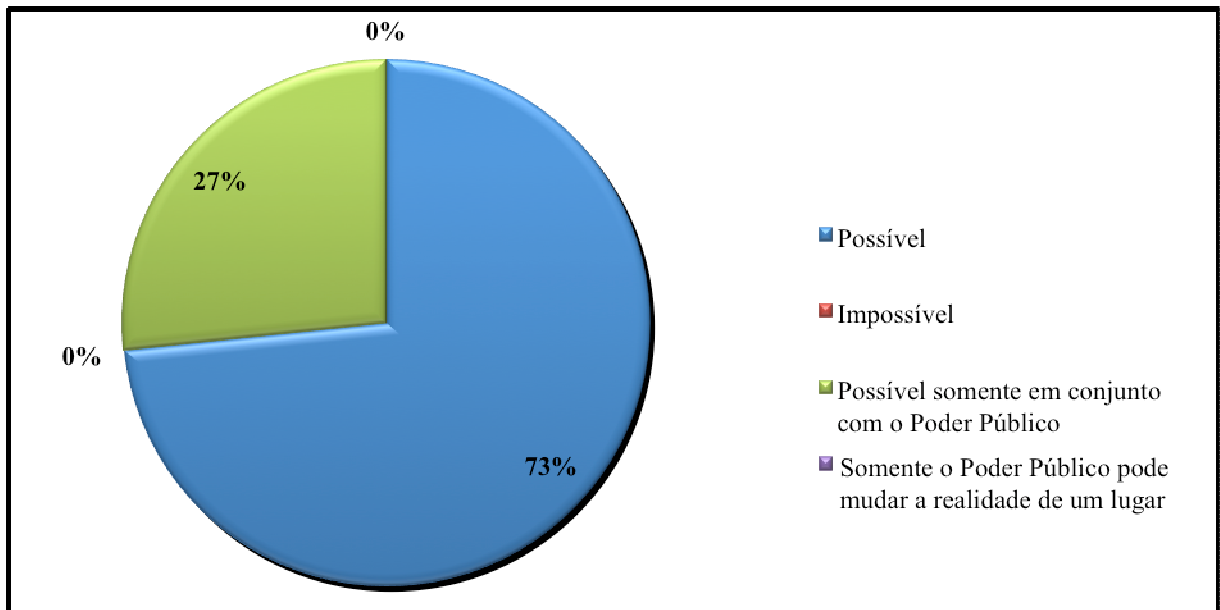
Gráfico 06 – Prioridades do Bairro Bacuri - Apresentando as 3 mais indicadas



Fonte: Pesquisa de campo realizada com os sujeitos em 2015

Tendo as prioridades do bairro definidas, segurança, saneamento básico e atuação do poder público, o próximo questionamento é quanto à possibilidade de participação popular na efetivação de mudanças, sendo as possibilidades de respostas: Possível (70% das respostas); Impossível (ninguém respondeu esse quesito); Possível somente em conjunto com o poder público (26% das respostas); e, Somente o poder público pode mudar a realidade de um lugar (opção escolhida por 4% dos questionados). Como se lê no Gráfico 7:

Gráfico 07 – Quanto à participação popular para a efetivação de mudanças



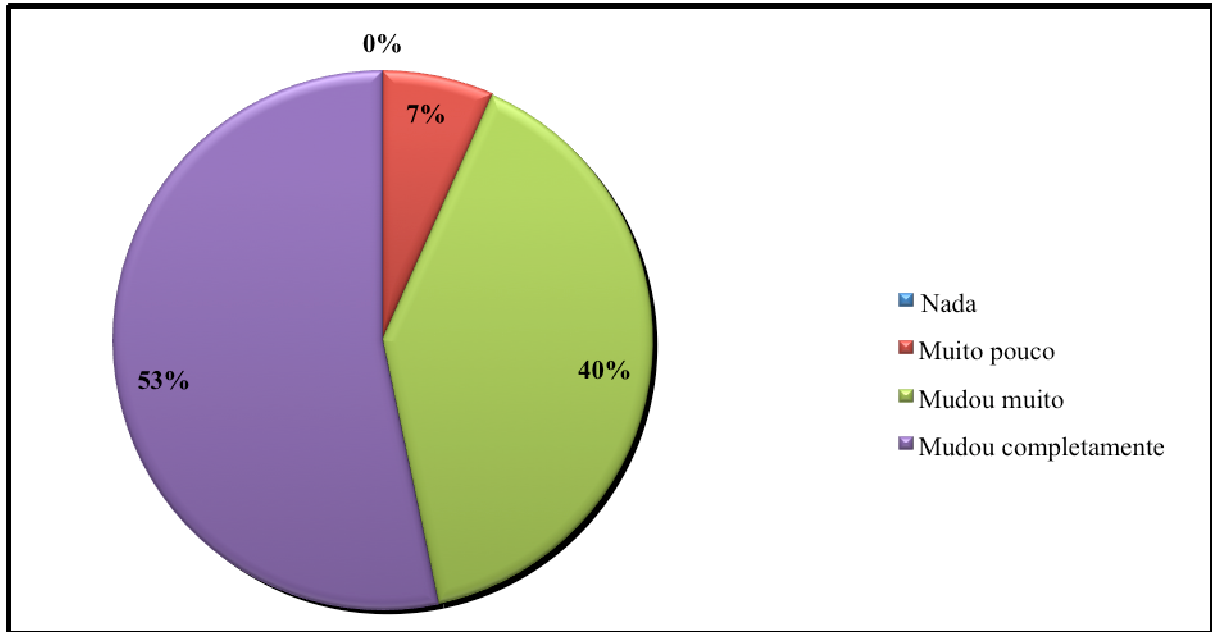
Fonte: Pesquisa de campo realizada com os sujeitos em 2015

Como se percebe, os moradores acreditam na potencialidade da própria população de efetivar mudanças vida da localidade. É preciso explorar essa convicção e direcionar esse sentimento para uma atuação prática e concreta, e não apenas teórica.

E somente é possível a participação popular na efetivação dessas mudanças, se forem impulsionadas pela mobilização que é sensibilizada pelo sentimento de pertencças do local com os moradores.

A mencionada sensibilização é fácil de ser obtida, visto que os moradores já atribuem ao bairro e à cidade uma parcela da responsabilidade pela melhoria de vida obtida, é o que se percebe do Gráfico 8:

Gráfico 8 –A vida melhorou ou piorou com a decisão de migrar para Imperatriz



Fonte: Pesquisa de campo realizada com os sujeitos em 2015

Como se vê no Gráfico 8, 93% dos questionados apontam significativa melhora após a migração para Imperatriz (53% afirmam que a vida mudou completamente e 40% que mudou muito).

Assim, se é notória e reconhecida a melhoria de vida, que esta seja motivação para mudanças contínuas e necessárias, como se nota nas palavras do Padre “(...) a mudança maior se deu pela melhoria da qualidade de vida, muitos moravam na roça, e a vida no campo era muito pobre escassa, aqui as oportunidades apareceram. (...) há uma interação muito grande” .

Note-se que, segundo as respostas fornecidas, a qualidade de vida melhorou. No entanto, é necessário reconhecer quais eram os parâmetros anteriores, ou seja, se as condições eram muito precárias e sofridas. Quaisquer situações de melhoria quanto ao tipo de moradia, seja um pequeno conforto, uma oferta mais diversificada na alimentação, no trabalho, na escola e até mesmo no lazer, podiam encantar o morador antes acostumado com muito menos.

Resta, porém, questionar se essas mudanças não poderiam ser intensificadas, aprimoradas e destinadas a um maior número de pessoas, tornando-se, verdadeiramente, mais eficazes, mais acessíveis e mais transformadoras.

Qual seria o papel do morador na efetivação dessas mudanças? O homem, nesse contexto, é o principal agente de transformação, mas é primordial a identificação com o lugar, sentir-se parte daquele todo, integrar-se, sentir afetividade e, principalmente, querer participar. Esse sentimento de afeto e integração deve ser motivação para que as mudanças sejam planejadas e executadas pela própria comunidade.

Já quanto às transformações que precisam da intervenção do Poder Público, a motivação e a mobilização estão organizadas no sentido de maiores cobranças e maior contribuição na gestão participativa municipal, como frequências em Audiências Públicas, sessões da Câmara Municipal, criação de Associações de bairro, entre outras ações possíveis.

3.3 Contribuições

O bairro Bacuri abriga um número elevado de migrantes voluntários que chegaram ao local, ansiosos por melhores condições de vida. Esses atuais moradores vieram, a décadas, de locais variados e iniciaram uma convivência muito intensa e diária.

No momento da realização da entrevista semiestruturada, ao se perguntar se era possível dizer que alguns hábitos e costumes foram aprendidos, trocados ou aprendidos, a Professora (e moradora) entrevistada relatou o seguinte:

O bairro mudou muito. Estrutura física, sem asfalto, casas sem muro, cercas de bambu, quintais juntos, conjugados, iam lavar roupas no riacho, não tinha essa questão de ficar preso em casa, pelo contrário, se brincavam muito na rua, eu ainda tenho vizinhos desse tempo. Alguns hábitos, são evitados devido a questão da violência, como sentar na porta. As rezas não são mais feitas nas casas, eram as novenas, mês de Maria, rezávamos e tomávamos café. A religiosidade era mais forte. As tendências eram aprendidas, por exemplo, brincadeiras de épocas, bambolê, elástico, a escola apresentava a brincadeira e todas as crianças aprendiam. Pedir emprestado coisas da vizinha, não se faz mais hoje. Hoje o coletivo não mais prepondera. **A escola era unificadora, padronizava os comportamentos.** (Professora) (Grifos nossos)

Note-se que a entrevistada menciona, nessa fala, o poder que possuía a escola em padronizar comportamentos, ou seja, entende-se que as crianças tinham origens diversificadas e ao chegarem ao ambiente escolar aprendiam as mesmas brincadeiras e desenvolviam a prática dos mesmos hábitos, polarizando, em sequência, as novas aprendizagens com a família ao chegarem às suas casas. Assim, grande importância é dada à escola no processo de interação e comunicação dos migrantes no novo local escolhido para morar.

Percebe-se, portanto, que a escola foi importante no começo do bairro, integrando as crianças, e continua tendo primordial relevância também hoje, já que o contexto do bairro, pelo que se observa dos dados coletados, é formado por pessoas que já desenvolveram uma identidade coletiva e um sentimento de pertença com a localidade, no entanto, esses

elementos tão importantes existem, mas não são explorados e canalizados para o desenvolvimento do bairro.

Diante das informações expostas, propõe-se que sejam conectados os seguintes pontos: o resgate das memórias afetivas, a identidade coletiva, o sentimento de pertença e a possibilidade de mobilização para o desenvolvimento local com os ambientes escolares de Educação Básica do bairro Bacuri.

Como forma de conexão dos pontos destacados, a proposta de contribuição é a elaboração de Projeto interdisciplinar a ser executado nas escolas do bairro. O projeto terá uma temática única: *Bacuri: resgate de memórias para construção de futuros*.

Os sujeitos envolvidos no projeto interdisciplinar são os seguintes: multiplicadores - alunos do curso de pedagogia da Faculdade de Educação Santa Teresinha, localizada no bairro Bacuri; público-alvo: alunos das escolas de Educação Básica localizadas no bairro; e o poder público municipal por meio da Secretaria de Educação Municipal.

Por ser interdisciplinar, o projeto seria desenvolvido nas próprias disciplinas do currículo normal das escolas, por exemplo, na disciplina de História os alunos poderiam estudar a formação do bairro; já em Língua Portuguesa poderia ser organizado um dicionário de linguagem específica do bairro; em Geografia, poderia se discutir os recursos naturais, a ocupação irregular e o meio ambiente do bairro; na disciplina de Matemática poderia se propor o estudo da área do bairro, a dimensão dos lotes irregulares, as estatísticas quanto ao número de migrantes; na disciplina de Arte, poderia se discutir o artesanato, a culinária, entre outros muitos pontos possíveis.

Esse projeto deverá constar no planejamento anual dos professores, feitos no início do ano letivo e deverá ser programada uma cerimônia no final do referido ano letivo para a culminância do projeto e a exposição dos trabalhos, pesquisas e materiais elaborados pelos alunos no decorrer do ano.

O motivo da escolha por escolas de Educação Básica se justifica pela possibilidade de desenvolver nas crianças e nos adolescentes moradores do bairro, um sentimento de pertença ainda mais forte e mais eficaz com o local onde moram, pois quanto mais esse sentimento se aprimora, mas essas crianças, quando se tornarem adultos, poderão se mobilizar, se unirem e lutarem por melhores condições de vida no bairro, maior desenvolvimento.

Ressalte-se, mais uma vez, que existe uma faculdade de educação no bairro e que a presente proposta de projeto, além de necessitar do apoio de órgãos públicos, pode ser conduzida pelo Curso de Pedagogia da referida faculdade e a culminância ou ápice do projeto poderia ser organizado em forma de Eventos Culturais temáticos desenvolvidos na faculdade

com a exposição final de cada etapa do projeto interdisciplinar, com a participação direta da comunidade e com o objetivo de sensibilização para se despertar para futuras mobilizações.

Além da proposta de projeto interdisciplinar já descrita, outros atos, ações ou eventos podem ser desenvolvidos, entre eles, por exemplo, exposição de fotografias antigas do bairro e dos habitantes, saraus com exposição e declamação de poesias e músicas locais. Note-se que esses eventos poderiam ser organizados pelos próprios moradores, inicialmente em ruas ou agrupamentos de ruas próximas e, em seguida, com o bairro todo.

Dentre tantas oportunidades de resgate das memórias com a intenção de sensibilização do morador para uma possível mobilização em prol do melhoramento das condições de vida do local, destaca-se, também a possibilidade de organização de um diário de bordo, no qual, os moradores mais antigos do bairro, escolhidos pelos organizadores, contariam os detalhes da sua viagem e, principalmente da sua chegada ao bairro, sendo os relatos colecionados e reunidos em um livro, sendo este divulgado para a população a partir de eventos e reuniões da população do bairro. A importância desse livro, estruturado como uma espécie de diário de bordo, é que além de resgatar memórias dos anos iniciais no bairro, ainda poderia ser utilizado como material de consulta e pesquisa para os habitantes do bairro e da cidade de Imperatriz.

Assim, três propostas foram aqui apresentadas e demonstram uma concreta possibilidade de realização. O projeto aplicado nas escolas de ensino fundamental, os eventos e exposições e a elaboração conjunta do diário de bordo, e todas essas hipóteses possuem um efetivo potencial para resgatar as memórias, impulsionar o reconhecimento da identidade coletiva do morador e o desenvolver o sentimento de pertença, sensibilizando e mobilizando os moradores à concretização de melhores condições de vida por eles e para eles.

CONCLUSÃO

A identidade individual é a consciência própria acerca do que a pessoa de fato é ou como se reconhece, é vista como a subjetividade individualizada e descrita como a percepção de si mesmo. Porém, mesmo em situações que priorizem a individualidade, a formação da identidade individual não se concretiza sem um contexto social, destacando-se, assim, a importância do meio social para a formação da consciência individual.

Destaque-se, também, que a identidade é vista como a própria personalidade, que por vezes são predisposições inatas, às vezes, são experiências de vida, ou seja, são fatores fisiológicos e fatores sociais. Mas, a maioria dos estudiosos aponta que a formação das identidades individuais é influenciada ou transformada por fatores sociais e territoriais.

Além do reconhecimento da subjetividade como identidade individual, é também importante o entendimento da identidade coletiva que faz com que a pessoa se reconheça nos outros, ou seja, se reconheça como parte de um grupo. Assim, as identidades sociais são inserções de identidades individuais nos contextos sociais de outras pessoas.

Assim, identidade social representa um grupo de características observadas de forma intensa e marcante em um determinado grupo social. Ressalta-se, no entanto, que existe um predomínio de algumas práticas sobre outras, por serem aprendidas no grupo. Compreende-se, portanto, que o indivíduo reflete o meio social e o lugar em que vive.

É importante refletir sobre a concepção moderna do mundo, incluindo os avanços e descobertas tecnológicas que impulsionam o desenvolvimento de novas práticas de vida, tendo em vista que o contato é facilitado, as pessoas se comunicam constantemente sem dificuldade, o que favorece a introdução de aspectos distintos, de características e modos de vida individuais e sociais, impossíveis de se evidenciar em outras épocas da vida, em razão das barreiras de tempo e espaço que proporcionavam a preservação de individualidades e particularidades dos povos, sendo, portanto, mais simples a abordagem e conceituação do que seria identidade.

Assim como a identidade, a memória também pode ser individual e coletiva. São as lembranças afetivas, formadas de diversas memórias oferecidas pelo grupo. Assim, a memória é uma elaboração conjunta e tende a impulsionar a formação das identidades coletivas, é o elemento básico da tradição familiar, pois é, por meio da memória, que se preservam hábitos de vida, práticas, condutas que foram ensinadas e, normalmente, se tentam preservar, rituais diários, evitando-se o esquecimento.

Há, portanto, uma conexão muito forte entre memória e identidade. Pensar em uma memória que seja substrato para uma identidade social é pensar em uma memória coletiva, ou seja, a memória individual está inserida em uma coletividade. Daí, a importância que a memória seja vista em relação à intrínseca conexão que é estabelecida entre o homem, a sociedade e os espaços físicos ocupados, principalmente quando se ressalta a convivência e a troca constante de hábitos de vida e meios de se enfrentar dificuldades oriundas de vários aspectos.

Identidade e memória, também, se relacionam à formação do sentimento de pertença do homem com o local onde vive, sendo este sentimento entendido como a sensação que as pessoas desenvolvem quando se entendem como componentes de uma coletividade, identificando-se por terem os mesmos valores, mesmos medos e anseios comuns. A sensação de pertencimento significa que o morador se sente como parte integrante do lugar e que esse espaço também lhe pertence, e que assim desenvolve o poder de interferência na rotina e nos rumos desse tal lugar.

O sentimento de pertença surge da vivência e dos acontecimentos entre os moradores de determinado território. Assim, os encontros cotidianos geram afetividade e identidade coletiva, motivados pelas lembranças afetivas cultivadas na memória.

O pertencimento pode ainda ser interpretado como um aliado do desenvolvimento ou da preservação local, uma vez que, além de criar forte identificação do indivíduo com os elementos ambientais, os socioculturais, as memórias, as crenças, os valores e o jeito de se viver em um determinado lugar, pode inclusive despertar a participar das formulações e decisões sobre seus destinos.

Convém destacar que os conceitos de identidade coletiva, memória afetiva e sentimento de pertença são mais facilmente reconhecidos em locais que apresentam uma convivência contínua e duradoura dos moradores. O local de estudo foi o bairro Bacuri de Imperatriz – MA e a população local foi formada a partir de 1960, justamente por a cidade representar um ponto de chegada para muitas famílias migrantes que procuravam melhores condições de vida, principalmente melhores e mais acessíveis terras para o desenvolvimento da agricultura e pecuária.

Na cidade de Imperatriz, na época da chegada dos migrantes, somente na região central poderia se encontrar um pouco mais de estrutura física e organização urbana, no entanto, as famílias de migrantes voluntários que chegaram à Imperatriz, em maioria, não possuíam boas condições financeiras, sendo obrigados a se instalarem em locais mais distantes do centro,

surgindo assim, a primeira periferia, o bairro Bacuri, com oferta de lotes de preços baixos e que poderiam ser trocados até por animais.

Os recém chegados foram se agrupando e convivendo na faixa de terras que hoje forma o bairro analisado. E como as famílias possuíam um nível econômico semelhante, as pessoas foram se comunicando e convivendo mais proximamente, pois as casas não tinham muros e muitas possuíam a mesma parede para duas residências, a chamada “paredemeia”, os quintais, por vezes se conjugavam e as crianças brincavam juntas nas ruas e calçadas e frequentavam as mesmas escolas.

Mais de quatro décadas de convivência próxima entre pessoas, oriundas das mais variadas localidades do país, foi suficiente para se aprender e se ensinar muitas posturas de vida, muita cultura, muitas brincadeiras, muitos hábitos alimentares. E foi também responsável por desenvolver nesse povo um reconhecimento de uma identidade coletiva, quando os mesmos se reconhecem moradores preocupados com o bairro Bacuri. Assim como, um sentimento de pertencimento quando os mesmos defendem, zelam, elogiam e demonstram apego ao local onde moram e muita presença de memórias afetivas, quando mencionam as lembranças da infância ou da época em que chegaram ao bairro.

Afirma-se, portanto, que mesmo os moradores tendo origens diversificadas, já demonstram pertença e afeto com o bairro, já se entendem como “imperatrizenses”, e já identificam marcas do lugar como suas também, como a popular Feirinha do Bacuri e a, comida típica de Imperatriz, a panelada, apesar de muitos afirmarem que a galinha caipira desbanca a panelada e que o povo do Bacuri prefere uma galinha caipira bem preparada e bem temperada.

No entanto, é notória a falta de conscientização, principalmente de mobilização dos próprios moradores do bairro, pois ninguém conhece qualquer Associação de Moradores, salvo as que estão ligadas às igrejas, como o clube de mães. Os moradores são sabedores e lamentam os problemas estruturais do bairro, apontam a figura do próprio morador como responsável pela ocorrência de muitos deles, principalmente os problemas com saneamento básico, segurança e a conservação dos recursos naturais do local. Apesar de muitos ainda apontarem a culpa exclusiva do Poder Público para a resolução dos problemas existentes no bairro.

Resta ao povo, que já se sente integrante desse lugar, se conscientizar do poder que o mesmo possui na transformação do lugar em que vive. Esse sentimento de pertença pode ser uma motivação muito forte para a mobilização social, tanto para a cobrança das atuações por parte do Poder Público, quanto da própria ação dos moradores que podem ser sensibilizados,

evitando, assim, comportamentos degradantes, como o da moradora que mesmo tendo coleta de lixo regular realizada pela Prefeitura, até hoje ainda despeja o lixo da sua residência nos córregos, ou daquele que constrói sua casa na margem ou até mesmo no leito dos rios do bairro.

É preciso organizar projetos de resgate de memórias afetivas e canalizar esses sentimentos para a mobilização social, para que o morador se integre mais e se importe cada vez mais como o lugar que já é seu, pois já o adotou. É preciso se motivar e se conscientizar que as mudanças mais efetivas são as que partem do próprio homem e que por ele são conservadas, só assim, o bairro Bacuri terá mais proximidade com o desenvolvimento social e, de fato, os moradores terão melhores qualidades de vida, fato que os mesmos buscam desde a chegada à cidade de Imperatriz- MA.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R. **Bases para a formulação da política brasileira de desenvolvimento rural**: agricultura familiar e desenvolvimento territorial. Brasília: IPEA, 1998. 25p.

ABRAMOVAY, R. Desenvolvimento rural territorial e capital social. In: SABOURIN, E. e TEIXEIRA, O.A.(eds). **Planejamento e desenvolvimento dos territórios rurais** – conceitos, controversas e experiências. Brasília: Embrapa, 2002.p. 113-128.

ABREU, M. **Evolução Urbana do Rio de Janeiro**. RJ: IPLAN-RIO / Editora Zahar, 1987.

ACADEMIA IMPERATRIZENSE DE LETRAS. **Imperatriz**: 150 anos – Imperatriz, AIL, 2002.

ACQUAVIVA, Marcus Cláudio. **Dicionário Acadêmico de Direito**. 2. ed. São Paulo: Editora Jurídica Brasileira, 2001.

ALBERNAZ, K.; BRETAS, M.; MOURA, A. M. **Rio de Janeiro em mapas** – Santa Teresa. RJ: Arco/ Arquitetura 7 produções, 2004.

ALBERTI, Verena. **História Oral**: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: FGV, 1990.

ANDRADE, M. C. de. **Espaço, polarização e desenvolvimento**. São Paulo, Atlas, 1987.

ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL. **Ceilândia**: resgate histórico. Brasília: ArPDF, 2003.

ARRAIS, Tadeu Alencar. **A cidade e a região/a cidade-região**: reconhecer processos, construir políticas. cadernos metrópole 20 pp. 81-91, 2008.

ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL. Perfil dos municípios, 2013.

BANDEIRA, Pedro (Org.). **Atores Sociais, Capital Social e Desenvolvimento Regional**: O Caso dos Conselhos Regionais de Desenvolvimento do Rio Grande do Sul Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais. Desigualdades regionais, Salvador, v. 67, p. 219-250, 2004.

BARCELLOS, T; JARDIM, M. **Os movimentos populacionais no Rio Grande do Sul: uma visão inter e intrarregional através dos Conselhos Regionais de Desenvolvimento Econômico (Coredes)**. Trabalho apresentado Encontro de Economia Gaúcha. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Fundação de Economia e Estatística, Porto Alegre, 2004. Disponível em: <<http://www.abep.ncpo.unicamp.br>>. Acesso em: 5 abril de 2015.

_____. **Migrações no Rio Grande do Sul**. *IGEPEC*, v. 15, número especial, Toledo, 2011. 326-341p. Disponível em: <<http://www.iperdes.pr.gov.br>>. Acesso em 1 maio de 2014.

BARROS, Edelvira Marques de Moraes. **Eu, Imperatriz**. Imperatriz-Ma, 1972.

_____. **História da Fundação de Imperatriz**. 1. ed.. Imperatriz: Ética, 1993.

_____. **Imperatriz memória e registro**. Imperatriz: Ética, 1996.

BAUMAN, Z. **Comunidade: A busca por segurança no mundo atual**. RJ: Jorge Zahar Editor, 2003.

_____. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchio**. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 2005

BECKER, Bertha K. **Geopolítica da Amazônia: a nova fronteira de recursos**. Jorge. Zahar editores: Rio de Janeiro, 1982.

BONNEMAISON, Joel. Viagem em torno do Território. In ROSENDHAL, Zeny e CORRÊA Roberto Lobato (orgs.) **Geografia Cultural** (3). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002.

BOSI, Eclea. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. 5 ed.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 7 ed, RJ: Bertrand Brasil, 2004.

BRASIL. Constituição Federal. **Artigo 182: Política urbana**. Disponível em: <http://www.dji.com.br/constituicao_federal/cf182a183.htm> acesso em: 22. Dezembro. 2007.

_____. **Estatuto das cidades.** Lei 10.267/2001. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/Leis/LEIS_2001/L10267.htm> acesso em 23. Dezembro. 2007.

BUARQUE , Sergio C. **Construindo o Desenvolvimento Local.** 4 ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

CABRAL, Maria do Socorro Coelho. **Caminhos do gado.** São Luís: Sioge, 1992.

CANEPA, Carla. **Cidades sustentáveis.** 1. ed. RCS: São Paulo, 2007.

CARLOS, Ana Fani. A cidade e a organização do espaço. **Revista do Dep. de Geografia.** FFLCH/USP, São Paulo, 1982.

_____. **Caminhos da construção da cidade e do urbano.** São Paulo: EDUSP, 1994.

_____. **Espaço-tempo na metrópole:** A fragmentação da vida cotidiana. São Paulo: Ed. Contexto , 2001.

CARVALHO, Carlota. **O sertão:** subsídios para a história e a geografia do Brasil. 2. ed. Imperatriz: Ética, 2000.

CARVALHO, Ivaldo. **O funcionamento do espaço urbano e a preservação Ambiental em Imperatriz:** Críticas e sugestões. Monografia. UEMA-CESI, 1999.

CASSAR, Volia Bomfim. **Direito do Trabalho.** Rio de Janeiro: Impetus, 2011.

CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social.** Uma crônica do salário. 11. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

COUTINHO, Milton. **Imperatriz:** Subsídios para a história da cidade. São Luís, Sioge, 1994, 240 p.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos Históricos**. São Paulo: Contexto, 2006.

DURHAN, Eunice Ribeiro. **A caminho da cidade – A vida rural e a migração para São Paulo**. São Paulo, Perspectiva, 1973.

ESTRELA, Ely Souza. **Os Sampauleiros: cotidiano e representações**. São Paulo, Humanitas, 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 4. ed. Curitiba - PR: Positivo, 2009.

FERREIRA, Jurandy Pires. **Imperatriz Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. Vol. XV, IBGE. Rio de Janeiro, 1959.

FERREIRA, Márcia Milena Galdez. **Construção do Eldorado Maranhense: experiência e narrativa de migrantes nordestinos em municípios do Médio –Mearim (1930 – 1970)**. 2015. 337f.

FRANKLIN, Adalberto. **Apontamentos e fontes para a história econômica de Imperatriz. Imperatriz: Ética, 2008.**

_____. **Breve história de Imperatriz**. Imperatriz: Ética, 2005

_____. De povoado a metrópole. In: **Imperatriz: 150 anos**. Imperatriz: ALL, 2000.

_____. **Imperatriz: 150 anos**. Imperatriz, AIL, 2002.

FREIRE, José Célio. **A Psicologia a Serviço do Outro: Ética e Cidadania na Prática Psicológica**. Psicologia: ciência e profissão. Conselho Federal de Psicologia – v.23, n.4. Brasília: CFP, 2003.

FREITAS, César Gomes de. **Desenvolvimento local e sentimento de pertença na comunidade Cruzeiro do Sul** – Acre/César Gomes de Freitas – Campo Grande, MS: (s.n) 208, 104 f.

GEHLEN, Ivaldo. TERRITÓRIO, CIDADANIA, IDENTIDADES E DESENVOLVIMENTO LOCAL SUSTENTÁVEL - In RIELLA, Alberto (org.) **Glabolización, desarrollo y territorios menos favorecidos**. Montevidéo: Universidad de La República, 2006.

GIDDENS, Anthony, 1938. **Modernidade e Identidade**; Tradução de Plínio Dentzien – Rio de Janeiro. Zahar, 2002.

GIUGLIANO, Rogério. **Os dilemas da identidade e da cultura na contemporaneidade**. Brasília: UnB, 2002. Dissertação.

GOETTERT, Jones Dari. **O espaço e o vento: olhares da migração gaúcha para Mato grosso de quem partiu e de quem ficou**. Dourados, MS: Editora da UFGD, 2008, 488p

GONÇALVES, Luciléa Ferreira Lopes. **Emancipações municipais e aplicação de recursos públicos: um estudo de caso no setor educacional em Cinelândia e São Pedro da Água Branca no Maranhão**. 2010. 165 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Programa de Pós-graduação em Geografia., Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010. Disponível em: <[http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/24918/dissertacao Lucilea - UFPR.pdf?sequence=1](http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/24918/dissertacao%20Lucilea%20UFPR.pdf?sequence=1)>. Acesso em: 25 jan. 2016.

HAESBAERT, Rogério. Identidades Territoriais. In: ROSENDAHL, Zeny (org). **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A, 2002. 7. ed.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2001.

IANNI, Octávio. **Industrialização e desenvolvimento social no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.

IMPERATRIZ. **Lei Complementar Municipal nº 002/2004**. Disponível em: Acesso: 05 Ago 2004.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/industria/paic/2006/comentario.pdf>> Acesso em 08 de março de 2014.

_____. Estimativa da População em 2013. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>> Acesso em 11 de Out. de 2015.

_____. Produto Interno Bruto dos Municípios 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>> Acesso em: 01 de Out. de 2015.

_____. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 19 de Set. de 2015.

INSTITUTO PÓLIS. **Estatuto da cidade**: guia para a implementação pelos municípios e cidadãos. 2. ed. Brasília: Instituto Polis, 2002. p. 21.

JAPIASSÚ, Hilton & MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de Filosofia**. 3.ed. ver. E ampliada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editora, 1996.

JUCÁ, Gisafra Nazareno Mota. **A memória como expressão das sensibilidades** – Coletânea: Sentimentos e ressentimentos em cidades brasileiras – Francisco Alcides do Nascimento (org.)- Imperatriz – MA: Ética, 2010.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LE BOURLEGAT, C. A. Ordem local como força interna de desenvolvimento. **Revista Internacional de Desenvolvimento Local** - Interações. Campo Grande, v. 01, n. 01, p. 13-20, set. 2000

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. (Bernardo Leitão...[et. Al.] 4.ed. Campinas-SP: Editora UNICAMP, 1996.

LIMA, Rosirene Martins. **Políticas Públicas e uso do solo urbano em Imperatriz**. 1996

LOPES, Juarez. **Desenvolvimento e migrações: uma abordagem histórico-estrutural**. Estudos CEBRAP, no. 6.

LUCENA, Célia Toledo; GUSMÃO, Neusa M. Mendes de, orgs. **Discutindo identidades** Neusa M. Mendes de orgs. São Paulo: Humanitas/ CERU, 2006. 278 p.

MARCONI, Maria de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2010

MARTINE, G. A evolução espacial da população brasileira. In: AFONSO & SILVA (orgs.) **Desigualdades regionais e desenvolvimento**. Federalismo no Brasil. São Paulo, FUND/UNESP, 1995.

MARTINS, F. R. S.; KAMIMURA, Q. P. Análise da ocupação do espaço territorial do município de Imperatriz – MA. In: **The 4th International Congress on University Industry Cooperation** – Taubate, SP – Brazil – December 5th through 7th, 2012. Disponível em: <<http://www.unitau.br/unindu/artigos/pdf515.pdf>>. Acesso em 11 de outubro de 2015.

MARTINS, Sérgio Ricardo Oliveira. **DESENVOLVIMENTO LOCAL E PARTICIPAÇÃO SOCIOPOLÍTICA: UMA CONTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA** - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Disponível em: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Geografiasocioeconomica/Geografiapolitica/48.pdf>>. Acesso em 21 out. 2015.

MENDONÇA, Alzino Furtado de. ROCHA, Cláudia Regina Ribeiro. NUNES, Heliane Prudente. **Trabalhos Acadêmicos: planejamento, execução e avaliação**. Goiânia: Faculdade Alves Faria, 2008.

MENDONÇA, Alzino Furtado de. ROCHA, Cláudia Regina Ribeiro. NUNES, Heliane Prudente. **Trabalhos Acadêmicos: planejamento, execução e avaliação**. Goiânia: Faculdade Alves Faria, 2008.

Migração de nordestinos para o Médio Mearim-MA (1930-1960): literatura regional e narrativas orais. MÁRCIA MILENA GALDEZ FERREIRA Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011.

MOLETTA, Vânia Florentino. **Turismo Cultural**. Porto Alegre: SEBRAE/RS. 1998.

MORAES, José Geraldo Vinci de. **História Geral e Brasil**. 3. ed. – São Paulo: Atual Editora, 2009.

MOREIRA, Zequinha. Simplício Moreira. **Precursor do desenvolvimento de Imperatriz / Zequinha Moreira**. – Imperatriz: Ética, 1997.

NEGREIROS, Sebastião. **A história de um jornalista despretenso** – Fatos que marcaram a história de Imperatriz: Ética, 1996, 201p.

NOLETO, Agostinho. Desenvolvimento urbano. In: ACADEMIA IMPERATRIZENSE DE LETRAS (AIL). **Imperatriz 150 anos**. Imperatriz: AIL, 2002

OLIVEIRA, Silvio Luiz de. **Tratado de Metodologia Científica**. São Paulo: Pioneira, 2002.

PAGNEZ, Karina Soledad Maldonado Molina. **Apostila de Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo – 2007

PATARRA, Neide. "**Migração Internacional**: questão relevante para a Região Centro Oeste". Departamento de Sociologia e NEPO/UNICAP, 2003.

PELUSO, Marília Luiza. **As espacialidades do morar**: conforto, intimidade e privacidade entre os pobres de Brasília/ Distrito Federal. Boletim Goiano de Geografia. 22(1).Jan/Jun.2002.

PENNA, Maura. **O que faz ser nordestino**. São Paulo: Cortez, 1992.

PEREIRA, Waldemar Gomes. **Meu pé de tarumã florido**. Imperatriz: Ética, 1997.

POLLAK, Michel. Memória e Identidade Social. In **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro . vol. 5 nº 10, 1992; p 200 – 212.

RATTNER, Henrique. **Sustentabilidade revisitada**. 2001. Disponível em: <<http://www.lead.org.br/article/articleview/186/1/97/>>. Acesso em: 20 ago. 2015

RIBEIRO, Núbia Braga . **Becos da Memória, Desenhos da Cidadania** – Pedreira PradoLopes: a vila no trajeto de sua história oral. Belo Horizonte: Centro Universitário de Belo Horizonte / Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, 2001.

SANCHES, Edimilson. **Enciclopédia de Imperatriz: 150 anos: 1852 – 2002**. Imperatriz MA: Instituto Imperatriz, 2003

SANTOS, Larisse Antônia Moraes. CARDOSO, Valdileia Pereira. VELOSO, Suely Santana. **Identidades sul-maranhense: subsídios à prática didático-pedagógica no Ensino Médio**. Imperatriz – MA: Ética, 2009.

SANTOS, Milton. SOUZA, Maria Adélia de. SILVEIRA, Maria Laura. **A natureza do espaço: espaço e tempo; razão e emoção**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Vida independente: história, movimento, liderança, conceito, reabilitação, emprego e terminologia**. São Paulo: Revista Nacional de Reabilitação, 2003, p. 1236.

SILVA, Mariana Polidoro da; ANDRADE, Patrícia Adriana Marques de; PRIORI, Priscila. **TOPOFILIA E PRESERVAÇÃO TERRITORIAL: IDENTIDADE LOCAL E GLOBALIZAÇÃO**. Disponível em: <http://www.usc.br/biblioteca/pdf/jor_2009_hga_topofilia_e_preservacao_territorial_identidade.pdf> Acesso em 21 out. 2015.

SOUSA, Jailson Macedo de. **A cidade na região e a região na cidade: a dinâmica socioeconômica de Imperatriz e suas implicações na Região Tocantina** / Jailson Macedo de Sousa. – Imperatriz, MA: Ética, 2009, 318p

SPINELLI JUNIOR, Vamberto. Bauman e a impossibilidade da comunidade. **Revista Eletrônica de Ciências Sociais – CAOS**. n. 11. p. 01-13. Out. 2006. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/caos.>> Acesso em 21 out. 2015.

TEIXEIRA, Vanessa Moura de Lacerda. **A cidade e a lagoa: memória e identidade urbana em Araruama**. Niterói : [s. n.], 2006. 140f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal Fluminense, 2006.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

TROVÃO, José Ribamar. **O processo de ocupação do território maranhense**. São Luís: IMESC, 2008.

TUAN, Y. **Topofilia um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Rio Claro: DIFEL, 1980.

VALADARES, L. **Análise da drenagem no perímetro urbano de Imperatriz – MA**.

Disponível .2010 em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/geografiaematos/article/viewFile/1735/MARC>

<Acesso em 09 de outubro de 2015

VALE, Ana Lia Farias; LIMA, Luís Cruz; BONFIM, Maria Geovaní. Século XX: 70 anos de migração interna no Brasil. **Textos e Debates**: Revista de Filosofia e Ciências Sociais da UFRR, Boa Vista, v. 1, n. 7, p. 22-43, 10 jan. 2004. Semestral. Disponível em:

<<http://revista.ufr.br/index.php/textosedebates/issue/view/84>>. Acesso em: 26 jan. 2016.

VALVERDE, Orlando e DIAS, Catarina Vergolina. **A Rodovia Belém Brasília**: Estudo de Geografia Regional. Fundação IBGE. 1967

WAGNER, Peter. **Crises da modernidade** – a sociologia política no contexto histórico. RBCS, v.11, n.31, p. 29-43, jun. 1996

WEBER, Max. **Economia e sociedade**. Brasília: Ed. UnB, 1991.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTA

FACULDADES ALVES FARIA

ALUNA: ROSA DE FÁTIMA TAVARES SOUZA

CURSO: MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL

PROPOSTAS DE PERGUNTAS

ENTREVISTA ABERTA – Para as pessoas-chave do bairro

01 Identificação do entrevistado:

Nome

Idade

Profissão

Naturalidade

02 Qual o tempo de residência no bairro e o qual o motivo que o levou morar no bairro Bacuri? Você conhece a feirinha do Bacuri e costuma ir lá? Existem bancas de panelada no Bacuri? Quem costuma frequentar as bancas de panelada? As pessoas gostam dessa comida?

03 Você conhece moradores do bairro que não sejam de Imperatriz? Essas pessoas são de onde? Por que existem tantos mineiros e piauienses no Bairro? Você consegue perceber uma predominância em relação à origem das pessoas com as quais você convive?

04 Na convivência diária, os habitantes mencionam facilmente ou conversam sobre o local de onde vieram? Do que elas falam normalmente? Demonstrem saudades ou lembranças e/ou relatam facilmente suas memórias do passado, como seus parentes, os costumes do lugar de origem, as comidas e os hábitos de vida?

05 No caso de resposta afirmativa para a questão anterior, você conseguiria identificar se os habitantes do bairro conservam hábitos alimentares, culturais e de convivência ainda vinculados com o seu local de origem? Ou já perderam tais práticas?

06 O que mudou na vida e nos hábitos dessas pessoas com o passar dos anos? É possível se perceber alguns hábitos e práticas que foram esquecidos? Pode-se afirmar que alguns hábitos e costumes foram aprendidos? Quais?

07 Os moradores sabem como se formou o bairro Bacuri? Esses habitantes demonstram conhecimento sobre a diferença entre ocupação planejada e desordenada de um determinado local?

08 O que os moradores do bairro acham das ruas desorganizadas e despadronizadas, vielas e becos sem saídas, ocupação das margens e dos leitos dos riachos, da falta de saneamento básico e do desrespeito ao meio ambiente local? Os moradores sabem que contribuem para muitos desses problemas?

09 No caso de resposta afirmativa para a questão anterior, existem organizações ou associações de moradores no bairro que se mobilizem em cobranças coletivas ao Poder Público com o intuito de se obter melhoria na condição de vida ou desenvolvimento do bairro?

10 Os moradores do bairro demonstram afetividade e sentimento de pertencimento com a localidade? Como se dar a interação entre os moradores e entre estes e o meio em que moram? Ou é como as pessoas ainda se sentirem muito ligados afetivamente ao local de onde vieram?

APÊNDICE B – ENTREVISTA 1

ENTREVISTAS REALIZADAS

FACULDADES ALVES FARIA

ALUNA: ROSA DE FÁTIMA TAVARES SOUZA

CURSO: MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL

PROPOSTAS DE PERGUNTAS

ENTREVISTA ABERTA – Para as pessoas-chave do bairro

01 Identificação do entrevistado:

Nome: Edinaldo Melo

Idade: 52

Profissão: Padre, Pároco da Comunidade de Santa Tereza

Naturalidade: Cearense – Da cidade de Flexeirinhas – “Nasceu lá, mas cresceu no Maranhão”

02 Qual o tempo de residência no bairro e o qual o motivo que o levou morar no bairro Bacuri? Você conhece a feirinha do Bacuri e costuma ir lá? Existem bancas de panelada no Bacuri? Quem costuma frequentar as bancas de panelada? As pessoas gostam dessa comida?

- “42 (quarenta e dois anos) de Maranhão. 11 (onze) anos no Bairro Bacuri”.

- “Meu pai faleceu em 1974, minha mãe tinha vários irmãos aqui e o lugar de referência era Imperatriz, foi realmente pela ocasião da perda do meu pai, que nós viemos morar aqui, porque a condição financeira era muito ruim e também porque lá não tinha escola e no Maranhão tinha possibilidade da gente estudar e mamãe veio embora pra cá pro Maranhão. Alguns dos irmãos de minha mãe vieram por conta da Serra Pelada e outros por causa da Construção da Belém Brasília. Normalmente as pessoas que moram no Bacuri chegaram a Imperatriz procurando melhorar a vida, ouço muitas histórias de pessoas que passaram meses na viagem de animal para chegarem aqui, e muitos contam essas histórias com muitos detalhes.

Feirinha do Bacuri:

- “Conheço a feirinha do Bacuri e tenho costume de ir lá, andei muito na feirinha do Bacuri, em todo o tempo, logo após a missa eu gosto de ir lá comprar sempre alguma coisa. A feirinha tem banca de panelada, galinha caipira e sarapatel, não é muito comum, não é característica

de lá, aqui em Imperatriz o forte das paneladas é as quatro bocas, a feirinha do Bacuri tem mais frutas e verduras e tem muito pequi, pequi é a carne do pobre. As pessoas se conhecem, são feirante antigos, e alguns novo também, mas normalmente trato muitos pelo nome, se tornaram conhecidos”.

Panelada:

A panelada foi com o tempo se tornando um aspecto de aculturação, porque era o alimento mais prático que se encontra, a origem da panelada se deu por ocasião das grandes festas e boates que existiam no Centro da cidade, então as pessoas que iam e voltavam elas voltavam com a necessidade de um alimento e o primeiro alimento que se encontrava mais fácil e mais em conta era esse tipo de comida, então a população foi vendo que era um comércio rendável e daí foi se espalhando com rapidez e a panelada se tornou assim uma característica da nossa região né, o que na verdade ela é consumida em vários lugares, mas recebe nomes diferentes, recebe outros nomes né, aqui se deu o nome de panelada por causa dessa mistura de vários tipos de partes do boi e daí se colocou tudo dentro de uma panela e virou uma panelada, na verdade a palavra certa era “panelaço”, só que no popularmente foi se tomando conta de outro nome e se tornou a panelada”.

“As pessoas gostam muito e principalmente pelo tempero, como é preparada e tal, claro que existem paneladas e paneladas, tem aqueles locais que são mais limpos, mais caprichados e tal e é bastante procurado, é a última opção de alimentação é correr para panelada.”

- É princípio era mais a classe pobre mesmo até por conta da questão econômica, por ser uma comida barata, com mais ou menos três reais você comia uma panelada e ficava satisfeito, entendeu, então alguém da elite não ia sentar em um lugar desses, aquele local nas Quatro Bocas, ganhou até o nome de “De costa pra rua ou D Cost pra ru” para chique, foi um apelido que as pessoas colocaram, então uma pessoa de classe média ou de classe média alta, ela tinha vergonha de sentar ali para comer aquela comida né, e também, claro, que a elite optava pelos restaurantes, é, sempre foi e sempre será uma comida da classe média, da classe simples mesmo, da classe mais necessitada, por causa do preço e o volume em si de comida atende as necessidade de qualquer pessoa em qualquer hora, mas hoje, ela já é comercializada para todas as classes, as pessoas hoje, já se tornou tão popular que as pessoas quando recebem amigos na cidade, já levam pra comer panelada, vai se pensando que é uma grande coisa, chegando lá, são as vísceras na verdade.”

- “Eu morei dezoito anos em São Luís e na periferia a panelada lá é bastante vendida, só que lá recebe outro nome, lá é mocotó, você manda botar um mocotó, tem festival de mocotó, não recebe esse nome, o nome panelada é característico de Imperatriz.

03 Você conhece moradores do bairro que não sejam de Imperatriz? Essas pessoas são de onde? Por que existem tantos mineiros e piauienses no Bairro? Você consegue perceber uma predominância em relação à origem das pessoas com as quais você convive?

- “A cidade de Imperatriz é bem mesclada, apesar de que eu diria que a maioria são pessoas que vieram de outras regiões de outras culturas, por exemplo, mais do interior do estado, da baixada, tem muita gente aqui da baixada que migraram por causa da situação do campo, não oferecia mais condições de permanecer no campo, e as terras se concentravam nas mãos de poucos donos, e o local de referência, pelo fato da Belém-Brasil, era Imperatriz, na época do crescimento da Serra Pelada, a Serra Pelada trouxe, a Serra pelada fez Imperatriz inchar da noite pro dia, aí sim, quando se tratar de Serra Pelada, aí a expansão é bem mais vasta, Teresina, Piauí, Ceará, Pará, etc, todos esses estados que são vizinhos, houve uma migração muito grande dessas famílias, e após o fechamento e a decepção para alguns da Serra Pelada, o local mais próximo era Imperatriz, então por aqui eles ficaram, construíram, já não tinham nada mesmo e começaram do zero”

“Imperatriz tem hoje uma variação muito grande de pessoas, paraenses, cearenses, piauienses, diria até que cearense tem muito mais, mas tem muito piauiense também, tem gente de todo lugar.”

04 Na convivência diária, os habitantes mencionam facilmente ou conversam sobre o local de onde vieram? Do que elas falam normalmente? Demonstam saudades ou lembranças e/ou relatam facilmente suas memórias do passado, como seus parentes, os costumes do lugar de origem, as comidas e os hábitos de vida?

- Os moradores não demonstram boas lembranças ou saudades do local onde moravam antes de vim pra cá, as lembranças mais mencionadas são de sofrimento, até mesmo, aí a justificativa de terem deixado a sua terra de nascimento, os relatos de sofrimento e pobreza são muito presentes. Lembram e falam muito de parentes, relembram muito pouco do local onde moravam, mas as comidas são praticamente as mesmas, sempre muito simples, comida de sempre, comida de pessoas comuns de pouca renda, arroz, feijão, poucas verduras e frutas. Não mencionam muito sobre costumes, ou hábitos, nada que supere as histórias da pobreza e do sofrimento enfrentando antes das mudanças, em sua grande maioria”.

05 No caso de resposta afirmativa para a questão anterior, você conseguiria identificar se os habitantes do bairro conservam hábitos alimentares, culturais e de convivência ainda vinculados com o seu local de origem? Ou já perderam tais práticas?

- Raros são os casos em que se conserva alguma prática ou hábito alimentar ou cultural, o “hábito” mais comum que alguns ainda falam são os relacionados à roça, a luta diária nos trabalhos de roça. Como as comidas são muito simples, identifico em raríssimas vezes algum traço ou prato que eles contam ter aprendido ou ter comido nos lugares de onde vieram. Mas eu sempre como na casa dessas famílias e sempre peço pra que nada seja feito de forma especial pra mim, que eu me encaixe na rotina deles, no dia-a-dia da casa deles. Durante onze anos de paróquia, cada dia eu almoçava na casa de uma família, foram muitas casa, poderia dizer que seriam milhões de família, como exagero, mas realmente o número de família seria muito alto, nem dar pra dizer quantas.

06 O que mudou na vida dessas pessoas com o passar dos anos? É possível se perceber alguns hábitos e práticas que foram esquecidos? Pode-se afirmar que alguns hábitos e costumes foram aprendidos? Quais?

- Os moradores são pessoas muito simples, a mudança maior se deu pela melhoria da qualidade de vida, muitos moravam na roça, e a vida no campo era muito pobre escassa, aqui as oportunidades apareceram. Eles trocam muitas informações, gostam de ensinar, os vizinhos mais próximos se ajudam, há uma interação muito grande, outro dia eu presenciei em umas dessas casas em que eu almoço rotineiramente que os ovos eram fritos de maneira especial, no azeite de coco e que isso era desde os tempos que moravam na roça, no íntimo algumas coisas são conservadas, outras coisas, essas pessoas fazem questão de esquecer, são muitas histórias de fome, de seca, de pobreza, de fuga. As mães, mulheres, donas de casa são as que mais convivem e mais se ajudam, muitas casa são “paredemeia” onde uma só parede serve para duas moradias, as vezes as conversas são gritadas de um quintal para o outro, é muita proximidade física, não tem como não se envolver, não se contaminar com modos de vida diferentes daqueles que você conheceu quando criança, na terra onde nasceu.

07 Os moradores sabem como se formou o bairro Bacuri? Esses habitantes demonstram conhecimento sobre a diferença entre ocupação planejada e desordenada de um determinado local?

- Não sabem, um grande número de moradores não sabe

08 O que os moradores do bairro acham das ruas desorganizadas e despadronizadas, vielas e becos sem saídas, ocupação das margens e dos leitos dos riachos, da falta de saneamento básico e do desrespeito ao meio ambiente local? Os moradores sabem que contribuem para muitos desses problemas?

- Estão tão acostumados que não reclamam, na verdade o que fica bem claro é que de onde vieram era pior, muito mais difícil a vida... Em terra de cego, quem tem um olho é rei.

09 No caso de resposta afirmativa para a questão anterior, existem organizações ou associações de moradores no bairro que se mobilizem em cobranças coletivas ao Poder Público com o intuito de se obter melhoria na condição de vida ou desenvolvimento do bairro?

- Existe sim associação de moradores, mas eu vejo essa associação muito passiva, esperam que as pessoas o procurem, não tem preocupação de intermediar e procurar o poder público...

10 Os moradores do bairro demonstram afetividade e sentimento de pertencimento com a localidade? Como se dar a interação entre os moradores e entre estes e o meio em que moram? Ou é como as pessoas ainda se sentirem muito ligados afetivamente ao local de onde vieram?

- Demonstram sentimento sim, outro dia passaram asfalto em uma rua e eu sempre passava por ela, e sempre via, principalmente no final da tarde as mulheres moradoras varrendo a rua, nas frentes de suas casas, é uma coisa bonita de se ver. As pessoas gostam muito daqui, não demonstram vontade de mudar e de viver em outro lugar.

APÊNDICE C – ENTREVISTA 2

FACULDADES ALVES FARIA

ALUNA: ROSA DE FÁTIMA TAVARES SOUZA

CURSO: MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Entevistada: Polyana Mota Sá Kamada

ENTREVISTA ABERTA – Para as pessoas-chave do bairro

01 Identificação do entrevistado:

Nome: Polyana Mota Sá Kamada

Idade: 32

Profissão: Gerente de banco e Advogada

Naturalidade: Imperatriz - MA

02 Qual o tempo de residência no bairro e o qual o motivo que o levou morar no bairro Bacuri? Você conhece a feirinha do Bacuri e costuma ir lá? Existem bancas de panelada no Bacuri? Quem costuma frequentar as bancas de panelada? As pessoas gostam dessa comida?

Eu moro na mesma casa desde que eu nasci e aí por razões de proximidade desse bairro com o Centro, mesmo depois de casada eu continuei morando no bairro, eu gosto muito de lá, minha família inteira mora no bairro, é meu referencial de casa. Na época em que nós mudamos era um local que estava em formação, as primeiras pessoas foram comprando casa lá mais voltada pra 15 de novembro, escuto muitas histórias de que os terrenos eram trocados por animais, inclusive, por exemplo, a casa do meu pai foi comprada pela troca de 5 porcos na época, muito diferente de hoje, tudo muito mais valorizado, qualquer pedacinho de terra no Bacuri vale um monte de dinheiro, mas na época.

Minha mãe veio em 74, mais precisamente em 23/09/1974 porque o irmão dela veio na frente, eles eram do inteiro do Ceará (Parambu) pela dificuldade de vida lá, ou era roça ou ia embora, e já tinha outros familiares já vieram pra Imperatriz por conta da Belém Brasília, o irmão veio trazendo os demais irmãos. Pai (1958) – veio de São João dos Patos – MA, porque a mãe veio, comprou uma terra depois de Açailândia (Buriticupu), a fazenda ficou lá e a morada aqui, depois vendeu e comprou outra na beira do rio Tocantins (vieram de animal)

Conheço a feirinha do Bacuri, desde a infância, vende-se de tudo, é o centro de compras que abastece o bairro todo, todo morador do Bacuri vai na feirinha do Bacuri pelo menos duas ou três vezes por semana porque tem tudo, hortifrúti, carne, minha mãe vai muito lá, as pessoas mais velhas vão mais.

Tem banca de panelada e há a prática de muita gente que trabalha nas proximidades se alimentarem nessas bancas desde o café da manhã. As pessoas gostam muito de panelada em Imperatriz, com certeza é o prato que se tornou típico. Eu não sei contar do surgimento da panelada, mas sei dizer que todo imperatrizense conhece e gosta da panelada, mesmo os que não gostam mesmo assim conhecem e indicam a panelada pra quem vem de fora. O imperatrizense até quando viaja, sente falta da panelada, é um prato que é assim, tu saiu da festa, tu vai comer panelada, de manhã cedo, tu tá com fome, tu vai comer panelada, aí tu tá num grupo de viagem com pessoas daqui e o povo comenta, eita que falta que faz a panelada.

A banca de panelada é o único lugar que vai o patrão e o funcionário, o professor e o aluno, todo mundo vai e não tem vergonha, não tem preconceito na banca de panelada.

03 Você conhece moradores do bairro que não sejam de Imperatriz? Essas pessoas são de onde? Por que existem tantos mineiros e piauienses no Bairro? Você consegue perceber uma predominância em relação à origem das pessoas com as quais você convive?

Imperatriz tem gente de todo lugar do mundo, parece um caldeirão, não consigo identificar predominância, talvez só de maranhenses de outras cidades.

04 Na convivência diária, os habitantes mencionam facilmente ou conversam sobre o local de onde vieram? Do que elas falam normalmente? Demonstrem saudades ou lembranças e/ou relatam facilmente suas memórias do passado, como seus parentes, os costumes do lugar de origem, as comidas e os hábitos de vida?

Facilmente não, mas já ouvi relatos, não é um ato diário, mas os mais idosos gostam de comentar como era aqui no início, eles demonstram um ar de mais desenvolvimento, contam como era aqui antes, tipo, quando eu cheguei aqui não tinha nada, tinha que tomar banho no rio, não tinha rua, não tinha esse tanto de gente. Não se vejo relatos de mudança de tipo

comida, mas sim de aspectos econômicos, tipo, antes era uma bacia de comida pra tantos filhos comerem juntos e hoje é diferente, tem mais meios de vida.

05 No caso de resposta afirmativa para a questão anterior, você conseguiria identificar se os habitantes do bairro conservam hábitos alimentares, culturais e de convivência ainda vinculados com o seu local de origem? Ou já perderam tais práticas?

Eles falam assim, lá no Ceará a gente tinha costume de comer na tapiquinha o torresmo frito de porco, no sentido de saudade, eu lembro muito que papai matava um animal e usava a gordura, porque não tinha o industrializado de hoje, eles lembram, mas não é mais muito comum se comentar, mas as vezes repetem as mesmas histórias. Meu pai conta que passou 32 dias de viagem em animal, em cavalo burro, pra chegar de São João dos Patos até aqui, como foi a viagem, como foi a chegada, esse fato tem muitos e muitos anos, mas não saiu da sua memória, penso que pelo fato de ter sido muito marcante.

06 O que mudou na vida dessas pessoas com o passar dos anos? É possível se perceber alguns hábitos e práticas que foram esquecidos? Pode-se afirmar que alguns hábitos e costumes foram aprendidos? Quais?

Aquelas práticas mais características, mais marcantes, eles mantem, eu vejo ainda lá, nas proximidades com as pessoas que algumas ainda fazem comidas ao modo do local onde vieram, então eu vejo que ainda se mantem algo, por exemplo, o povo que veio de São João dos Patos tem um negócio de comer rapadura com farinha então dar três horas da tarde eles param o que estiverem fazendo e vão comer sua rapadura com farinha, assim aquela coisa da farinha seca mesmo, crua mesmo com café, pra muitos parece grosseiro, mas eles não vivem sem, os que vieram do Ceará, a tapioca como beiju com carne frita dentro até hoje eles gostam muito e fazem do mesmo jeito que era feito lá, então pro mais que tenha melhorado com alguns industrializados que a gente tem hoje, mas a essência de lá eles mantêm ainda, botar a nata no feijão ainda, são coisas que eu vejo que vêm de lá, que eles aprenderam lá.

As mudanças mais observáveis é que as pessoas sentavam nas calçadas no finalzinho da tarde, reunião de vizinhos, na porta de um e de outro quando chegavam do trabalho isso não acontece mais, as crianças brincavam nas ruas, não se ver mais de jeito nenhum jogando bola, lata, elástico. As pessoas conviviam mais, se conheciam mais, hoje é mais um bom dia, ou fulano, as pessoas não convivem mais. Voltando pra feirinha, as crianças iam sozinhas fazer

compra, hoje não vão mais de jeito nenhum, eu ia com 10, 11 anos, comprar um tomate, um cheiro verde, se mandar um menino hoje ele se perde.

07 Os moradores sabem como se formou o bairro Bacuri? Esses habitantes demonstram conhecimento sobre a diferença entre ocupação planejada e desordenada de um determinado local?

-Os mais idosos conseguem falar, bem direitinho, por exemplo, essa rua aqui passavam os carros indo e voltando, eles querem dizer mão dupla, fulano cercou alí, fulano passou a máquina, abriu a rua tal, aquela história, alí era mato. Eles sabem dizer das mudanças, mas para a maioria só pelo fato de ser mão única já é muito organizado. Morador não sabe diferenciar

08 O que os moradores do bairro acham das ruas desorganizadas e despadronizadas, vielas e becos sem saídas, ocupação das margens e dos leitos dos riachos, da falta de saneamento básico e do desrespeito ao meio ambiente local? Os moradores sabem que contribuem para muitos desses problemas?

Sabem apontar o erro, mas não sabem reconhecer que fazem parte desse processo. Como não tinha coleta de lixo, jogar no rio era uma forma rápida de se livrar dele, a correnteza levava. Muitos contam que banhava e pescavam os peixes para comer do Riacho Bacuri. É a memória mais viva. Mas ainda hoje jogam lixo por falta de vergonha e educação, porque tem coleta hoje.

09 No caso de resposta afirmativa para a questão anterior, existem organizações ou associações de moradores no bairro que se mobilizem em cobranças coletivas ao Poder Público com o intuito de se obter melhoria na condição de vida ou desenvolvimento do bairro?

-Não conheço associação de moradores no Bacuri. Só os grupos ligados à igreja, de outro tipo eu nunca vi.

10 Os moradores do bairro demonstram afetividade e sentimento de pertencimento com a localidade? Como se dar a interação entre os moradores e entre estes e o meio em que moram? Ou é como as pessoas ainda se sentem muito ligados afetivamente ao local de onde vieram?

Afetividade – tem um umbigo enterrado no Bairro, todo mundo quer morar, todo mundo q vai casar e que vai constituir uma nova família faz o possível para adquirir um imóvel no bairro pra se manter no bairro, é um lugar acessível, perto de tudo, com todas as dificuldades dele, ele tem tudo, tem boas escolas, faculdades, supermercado, posto de gasolina, tipo uma cidade independente, na feirinha tem tudo, eletrodoméstico tudo, tem bombeiros, quartel da polícia, tem tudo, facilita a vida, transporte público.

- Interação - ainda há interação, deixaram de sentar na calçada, mas a própria construção das casas facilita, a mesma parede pra duas casa, as portas são coladas uma na outra, não tem como não conviver. Não são casas fechadas de muros altas, são casa com as portas pra rua.

APÊNDICE D – ENTREVISTA 3

FACULDADES ALVES FARIA

ALUNA: ROSA DE FÁTIMA TAVARES SOUZA

CURSO: MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL

PROPOSTAS DE PERGUNTAS

Entrevistada: Veríssima Dilma Nunes Clímaco

ENTREVISTA ABERTA – Para as pessoas-chave do bairro

01 Identificação do entrevistado:

Nome: Veríssima Dilma Nunes Clímaco

Idade: 49 anos

Profissão: Professora, pesquisadora de temáticas relativas a comunidades quilombolas do Maranhão, moradora do Bacuri a 40 anos.

Naturalidade: Ipiauçu –Minas Gerais

02 Qual o tempo de residência no bairro e o qual o motivo que o levou morar no bairro Bacuri? Você conhece a feirinha do Bacuri e costuma ir lá? Existem bancas de panelada no Bacuri? Quem costuma frequentar as bancas de panelada? As pessoas gostam dessa comida?

40 anos de residência

Bacuri – Bacuri era a periferia da cidade. A cidade estava começando a criar aqueles locais mais distantes do Centro, não era invasão, eu lembro que eram usinas de arroz, eu lembro que na casa do meu avô quando foi aterrar para construir, tinha muita palha de arroz, aqui era o limite da cidade, daqui pra frente não tinha nada do que tem hoje, não tinha Parque Anhanguera.

Meu pai veio morar aqui no Maranhão a procura de terras, então ele queria muito mexer com terra e a terra em Minas era muito cara, ele dizia que as terras daqui eram muito produtivas e baratas, ele foi morar na terra que comprou e eu fiquei em Imperatriz com meu avô que já morava no Bacuri. De Minas para o Maranhão era uma distância absurda, eu lembro que papai comprou uma Kombi, ele trouxe um ajudante para dirigir com ele, ela no ano de 71 por ai, aí eu lembro que nós trouxemos o fogão dentro da Kombi, muitas latas com comida, gibi, onde tivesse um riacho a gente parava pra fazer comida, lavar louça, tomar banho

Feirinha do Bacuri – Local de trabalho, a maioria dos feirantes são do bairro, é um local de encontro, convivência, comadres, compadres, famílias inteiras, cada um com uma banca. Eu saio na feira dizendo oi pra todo mundo, se eu for na feira sem dinheiro eu compro, a feira é um dos melhores lugares do mundo, são pessoas humildes e trabalhadoras.

Tem espetinho, peixe, tem as mulheres que fazem comida.

Quem mais frequenta as bancas de comidas são os trabalhadores, na maioria são homens que moram sozinhos ou autônomos;

Panelada – é uma coisa cultural, mas depende do público que se pergunta, porque tem gente que tem vergonha. Acho que Imperatriz não tem comida típica. Começou essa história de panelada com as pessoas que chegavam da festa. É um momento de convivência, espaço de relacionamento. Sem ritual, sem normas de etiqueta, de qualquer jeito, o esgoto corre debaixo do banco. Sempre nas bancas tem galinha caipira e sarapatel, esses dois seriam mais típicos.

03 Você conhece moradores do bairro que não sejam de Imperatriz? Essas pessoas são de onde? Por que existem tantos mineiros e piauienses no Bairro? Você consegue perceber uma predominância em relação à origem das pessoas com as quais você convive?

Muitos

Não consegue ver predominância, o que eu vejo mais são pessoas do entorno de Imperatriz, maranhenses de outras cidades. Não ver essa predominância de piauiense e mineiros

04 Na convivência diária, os habitantes mencionam facilmente ou conversam sobre o local de onde vieram? Do que elas falam normalmente? Demonstrem saudades ou lembranças e/ou relatam facilmente suas memórias do passado, como seus parentes, os costumes do lugar de origem, as comidas e os hábitos de vida?

Não conversam muito sobre o lugar de onde vieram. Eles vieram de lugares inferiores economicamente, não tinham laços, ou não reconheciam a riqueza do lugar onde moravam, e também não demonstram saudosismo, o lugar onde estão é o mais importante. Só se a vida anterior fosse melhor.

Não falam normalmente, há o esquecimento, talvez pela pobreza maior anterior

05 No caso de resposta afirmativa para a questão anterior, você conseguiria identificar se os habitantes do bairro conservam hábitos alimentares, culturais e de convivência ainda vinculados com o seu local de origem? Ou já perderam tais práticas?

Não tem como desincorporar da pessoa, quando a pessoa deixa o local, a cultura não fica lá, vem com a pessoa, a cultura e pessoa é uma coisa só. O tempero é mesmo, as músicas, as roupas, a identidade vem. Dizem muito, eu fui criada comendo isso, nem sempre se reporta ao lugar

06 O que mudou na vida dessas pessoas com o passar dos anos? É possível se perceber alguns hábitos e práticas que foram esquecidos? Pode-se afirmar que alguns hábitos e costumes foram aprendidos? Quais?

O bairro mudou muito. Estrutura física, sem asfalto, casas sem muro, cercas de bambu, quintais juntos, conjugados, iam lavar roupas no riacho, não tinha essa questão de ficar preso em casa, pelo contrário, se brincavam muito na rua, eu ainda tenho vizinhos desse tempo. Alguns hábitos, são evitados devido a questão da violência, como sentar na porta. As rezas não são mais feitas nas casas, eram as novenas, mês de Maria, rezávamos e tomávamos café.

A religiosidade era mais forte

As tendências eram aprendidas, por exemplo, brincadeiras de épocas, bambolê, elástico, a escola apresentava a brincadeira e todas as crianças aprendiam.

Pedir emprestado coisas da vizinha, não se faz mais hoje. Hoje o coletivo não mais prepondera.

A escola era unificadora, padronizava os comportamentos.

Os vesperais, era uma festa domingo de tarde, não tinha esse negócio de show, as festas eram em casas, com radiola, LP, compactos e danças, que aqui no Maranhão era carimbó, em Minas, MPB e Sertanejo de moda de Viola

Hoje a Mídia e redes sociais padronizam tudo.

Hoje o rio Bacuri é um esgoto a céu aberto. Antes eu tomava banho, pescava e admirava o rio.

07 Os moradores sabem como se formou o bairro Bacuri? Esses habitantes demonstram conhecimento sobre a diferença entre ocupação planejada e desordenada de um determinado local?

As pessoas não tem noção de planejamento, mas reclamam da falta de saneamento. As pessoas não tem ideia do que seja isso.

08 O que os moradores do bairro acham das ruas desorganizadas e despadroneadas, vielas e becos sem saídas, ocupação das margens e dos leitos dos riachos, da falta de saneamento

básico e do desrespeito ao meio ambiente local? Os moradores sabem que contribuem para muitos desses problemas?

O que os moradores reclamam é muito do lixo nos riacho pelo transbordamento ocasionado pela chuva, vem cobra, o carro do lixo passa terça, quinta e sábado. As próprias pessoas limpam as porta, mas há uma resistência em arborizar, mas varrem as portas. Não há consciência dos moradores, quanto à contribuição, tem algumas pessoas que sim, a vizinha disse: achei foi que a vizinha foi jogar o lixo no riacho e caiu. Não necessidade de se jogar esse lixo, pois existe coleta regular.

O riacho era local de diversão, as mulheres lavavam roupas, pescavam, nós tomávamos banho, os meninos, os homens eles iam lá pra BR pra passar por baixo do bueiro

09 No caso de resposta afirmativa para a questão anterior, existem organizações ou associações de moradores no bairro que se mobilizem em cobranças coletivas ao Poder Público com o intuito de se obter melhoria na condição de vida ou desenvolvimento do bairro?

Associações: Conheci uma associação na década de 90, inclusive havia um espaço coberto perto da feirinha do Bacuri. Era organizada por freiras. Elas cuidavam das crianças. Não sei se existe. O Bacuri virou um bairro elitizado, próximo de centro. Não existem líderes comunitários. Tem só os líderes religiosos.

10 Os moradores do bairro demonstram afetividade e sentimento de pertencimento com a localidade? Como se dar a interação entre os moradores e entre estes e o meio em que moram? Ou é como as pessoas ainda se sentirem muito ligados afetivamente ao local de onde vieram?

Afetividade: Há um carinho muito grande pelo local. Na época da copa, o bairro ficou todo enfeitado, pelos moradores, é um povo muito alegre. Quem tá no Bacuri não quer sair, tem tudo que se precisa pra viver, é muito organizado no sentido comercial e de serviços.

Lazer: Bar da mangueira, perto da feirinha, com feijoada ao sábado. Só tem bares e igrejas, muitos bares e igrejas. Ainda tem quitanda, comercio pequeno.

Pertença - Se tivesse que desapropriar seria confusão. Tem uma senhora que vende cuscuz a 40 anos. Os ladrões do bairro não assaltam os moradores. Os vizinhos se ajudam em caso de enchente, ajudam em tudo

APÊNDICE E – ENTREVISTA 4

FACULDADES ALVES FARIA

ALUNA: ROSA DE FÁTIMA TAVARES SOUZA

CURSO: MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL

ENTREVISTA ABERTA – Para as pessoas-chave do bairro

ENTREVISTA ABERTA – Para as pessoas-chave do bairro

01 Identificação do entrevistado:

Nome – Francielma Silva Cardoso

Idade – 46 anos

Profissão - Comerciante

Naturalidade – Belém - PA

02 Qual o tempo de residência no bairro e o qual o motivo que o levou morar no bairro Bacuri? Você conhece a feirinha do Bacuri e costuma ir lá? Existem bancas de panelada no Bacuri? Quem costuma frequentar as bancas de panelada? As pessoas gostam dessa comida?

32 anos

O meu pai, hoje já falecido, resolveu vim pra cá com a intenção de arrumar terra pra plantio, dois irmãos mais velhos dele já tinham vindo dois anos antes e tinham melhorado de vida, tinha muita fartura nessas terras, tudo muito sofrido, sem muito conforto, mas terra tinha e quem tinha muitos filhos colocava todos pra trabalhar, aí a produção era grande, faziam muitas roças de meio (metade do que plantava era do dono da terra);

Vou na feirinha do Bacuri desde sempre, meus filhos começaram a ir muito pequenos, moravam bem pertinho, em outra casa que fui morar depois que me casei. Hoje a feirinha fica um pouco mais longe, mas ainda vou quando tenho tempo, tem coisas que só acho lá, outro dia precisei fazer um remédio de fava de sucupira, que é bom pra tudo, só acha lá e no mercadinho.

Sei que lá tem muita banca de comida, já fui muitas vezes, hoje não costumo muito ir, mas meus filhos, que são novos e aguentam muita comida apimentada ainda vão e muito, gostam muito.

A banca de panelada é um território sem classes sociais aqui no Bacuri, vai todo mundo, patrão e empregado sentam de costas pra rua e comem a delícia imperatrizense, que não sei se

a origem é daqui, mas o costume de tomar café com panelada, farinha e pimenta não tem em nenhum outro lugar do mundo. Todos gostam, elogiam e repetem a ida até o local.

03 Você conhece moradores do bairro que não sejam de Imperatriz? Essas pessoas são de onde? Por que existem tantos mineiros e piauienses no Bairro? Você consegue perceber uma predominância em relação à origem das pessoas com as quais você convive?

Difícil encontrar alguém com mais de 40 anos que tenha nascido aqui, a maioria veio quando criança, adolescente, outros depois que casaram, tentando construir uma nova vida.

Não consigo enxergar predominância, vejo gente de muitos lugares, mas cearense e piauiense consigo ver com mais facilidade.

04 Na convivência diária, os habitantes mencionam facilmente ou conversam sobre o local de onde vieram? Do que elas falam normalmente? Demonstram saudades ou lembranças e/ou relatam facilmente suas memórias do passado, como seus parentes, os costumes do lugar de origem, as comidas e os hábitos de vida?

As pessoas contam muitas histórias de onde vieram, não todos, mas normalmente contam sim, coisas marcantes da sua história, não costumam narrar pontos do dia a dia. Essas histórias nem sempre são boas, muitas relatam sofrimento, dificuldades financeiras, misérias as vezes. Costumes e comidas são lembrados sim, mas com mais frequência antes, hoje as pessoas já esqueceram muitas coisas, já não mencionam os hábitos com muita frequência. Outro dia ouvi a história de um homem de mais de 80 anos, dizendo que veio comer carne de boi aqui em Imperatriz, que seu pai criava porco, galinha, mas que caçavam muito e a carne de caça era a mais consumida.

05 No caso de resposta afirmativa para a questão anterior, você conseguiria identificar se os habitantes do bairro conservam hábitos alimentares, culturais e de convivência ainda vinculados com o seu local de origem? Ou já perderam tais práticas?

Algumas práticas são impossíveis de serem conservadas, como consumir carne de caça nos dias de hoje, o IBAMA não deixa. Mas algumas coisas são preservadas, mesmo que pequenas, tem uma vizinha minha que ela e o marido só fritam ovo no azeite de coco até hoje. Eu fui experimentar e gostei muito, então comecei a fazer igual. O certo que a mistura é tão grande que a gente nem sabe mais o que trouxemos e que aprendemos, a convivência com

outros meios de levar a vida era muito intensa quando chegamos e foi assim por muito tempo, antes que as casas ganhassem muros.

06 O que mudou na vida e nos hábitos dessas pessoas com o passar dos anos? É possível se perceber alguns hábitos e práticas que foram esquecidos? Pode-se afirmar que alguns hábitos e costumes foram aprendidos? Quais?

As casas ganharam muros altos, mas antes disso muitas convivências nos quintais, nas calçadas, nos locais onde lavávamos roupa, nas escolas, coisas foram esquecidas, outras aprendidas, muitas, com muita força, na escola principalmente e claro com as donas de casa, aquelas que gerenciavam a casa. Lembro com muita nitidez de uma vez que entrei na casa de uma vizinha que veio do Ceará e a mesma estava raspando rapadura para colocar na comida que fazia pro almoço, uma mistura com farinha, rapadura e água, experimentei e achei maravilhoso, em pouco tempo já repetia a prática de triturar a rapadura na minha casa. Muitos e muitos outros.

07 Os moradores sabem como se formou o bairro Bacuri? Esses habitantes demonstram conhecimento sobre a diferença entre ocupação planejada e desordenada de um determinado local?

Os moradores sabem que o Bacuri foi formado pelo povo, sabem que aqui é uma mistura grande de gente de todo lugar, e sabem que falta muito pra ser um lugar melhor pra se viver, não devido às pessoas, mas por coisas da política.

08 O que os moradores do bairro acham das ruas desorganizadas e despadroneadas, vielas e becos sem saídas, ocupação das margens e dos leitos dos riachos, da falta de saneamento básico e do desrespeito ao meio ambiente local? Os moradores sabem que contribuem para muitos desses problemas?

Acham que essa desordem é fruto de falta de organização dos poderes públicos que não deram conta de colocar limites no povo, porque nem todo mundo veio pra ficar, muitos estavam de passagem, e nem aí pro lugar.

09 No caso de resposta afirmativa para a questão anterior, existem organizações ou associações de moradores no bairro que se mobilizem em cobranças coletivas ao Poder

Público com o intuito de se obter melhoria na condição de vida ou desenvolvimento do bairro?

Eu já ouvi falar que tem sim, mas nem sei onde funciona, também não vejo ações nenhuma.

10 Os moradores do bairro demonstram afetividade e sentimento de pertencimento com a localidade? Como se dar a interação entre os moradores e entre estes e o meio em que moram? Ou é como as pessoas ainda se sentirem muito ligados afetivamente ao local de onde vieram?

Aquelas pessoas que vieram pra ficar, pra estabelecer suas vidas aqui, gostam e demonstram isso desde logo que chegaram. Muitos não ligam muito pro local de onde vieram, despegar com um lugar onde a vida não era muito fácil é muito rápido, muitos nem lembram que não nasceram aqui.

Mas existem problemas, na minha rua passa o carro do lixo a muito tempo, várias vezes por semana, mas tenho uma vizinha que mesmo passando o carro, ela ainda joga o lixo no rio, é triste ver isso, principalmente porque tomei banho naqueles riachos, tenho lembranças dele limpo, era o local de lazer quando chegamos. Comi muito “mandi” frito com farinha, pescados lá.

APÊNDICE F – ENTREVISTA 5

FACULDADES ALVES FARIA

ALUNA: ROSA DE FÁTIMA TAVARES SOUZA

CURSO: MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL

ENTREVISTA ABERTA – Para as pessoas-chave do bairro

01 Identificação do entrevistado:

Nome – Adailton de Sousa

Idade – 42

Profissão – Eletricista

Naturalidade – Teresina - PI

02 Qual o tempo de residência no bairro e o qual o motivo que o levou morar no bairro Bacuri? Você conhece a feirinha do Bacuri e costuma ir lá? Existem bancas de panelada no Bacuri? Quem costuma frequentar as bancas de panelada? As pessoas gostam dessa comida?

33 anos

O pai trabalhava na empresa BAHEMA (de máquinas pesadas) foi transferido pra cá. A família teve que acompanhar. Quando chegaram alugaram uma casa na Rua Maranhão, bem no final, as ruas eram todas de terra, e o bairro era bem menor. Já tinha escola no bairro e as crianças já foram estudar.

Feirinha do Bacuri tem muita coisa da terra, muita fruta, vende panelada.

Panelada – Comida típica de Imperatriz, não conhecia no Piauí, lá só tinha carne de bode.

Todas as classes sociais frequentam a panelada, tem um dono de supermercado.

03 Você conhece moradores do bairro que não sejam de Imperatriz? Essas pessoas são de onde? Por que existem tantos mineiros e piauienses no Bairro? Você consegue perceber uma predominância em relação à origem das pessoas com as quais você convive?

Sim, maioria das pessoas não são daqui, tem gente que veio da baixada de São Luís, de Pernambuco, Ceará, Pará. Muito mineiro. É muito misturado, tem gente de tudo quanto é lugar, como se fosse uma São Paulo da vida.

04 Na convivência diária, os habitantes mencionam facilmente ou conversam sobre o local de onde vieram? Do que elas falam normalmente? Demonstram saudades ou lembranças e/ou relatam facilmente suas memórias do passado, como seus parentes, os costumes do lugar de origem, as comidas e os hábitos de vida?

Contam muitas história, nós éramos doidos pra voltar pro Piauí, todas as férias a gente ia. Falam muito das pessoas, família dos parentes. Primeira vez que eu vi cupuaçu, lá no Piauí não tem, minha foi na feirinha e comprou e colocamos para amadurecer e não precisa e aí apodreceu, sem costume de ver.

05 No caso de resposta afirmativa para a questão anterior, você conseguiria identificar se os habitantes do bairro conservam hábitos alimentares, culturais e de convivência ainda vinculados com o seu local de origem? Ou já perderam tais práticas?

Eu esqueci e aprendi outras, eu era pequeno, tinha 8 anos, quem veio maior lembra de muita coisa.

06 O que mudou na vida e nos hábitos dessas pessoas com o passar dos anos? É possível se perceber alguns hábitos e práticas que foram esquecidos? Pode-se afirmar que alguns hábitos e costumes foram aprendidos? Quais?

Aqui a gente aprendeu a brincadeira da barra, do garrafão, do salva latinha, cai no poço, lá não tinha nada dessas brincadeiras. Aqui no Bacuri tinha muitos campos de futebol, hoje não tem mais nada. Os rios davam muito pra pescar, nadar, aqui mesmo nesse local era lagoa. Já tinha gente que morava nas beiras dos rios.

07 Os moradores sabem como se formou o bairro Bacuri? Esses habitantes demonstram conhecimento sobre a diferença entre ocupação planejada e desordenada de um determinado local?

Para o povo esse lugar era como outro qualquer. Tinha nada de especial. O povo já sabia diferenciar o que era invasão e o que era planejamento, aqui em Imperatriz planejado só foi o Centro.

08 O que os moradores do bairro acham das ruas desorganizadas e despadronizadas, vielas e becos sem saídas, ocupação das margens e dos leitos dos riachos, da falta de saneamento básico e do desrespeito ao meio ambiente local? Os moradores sabem que contribuem para muitos desses problemas?

Os moradores são conscientes que poluem os riachos, mas culpam sempre o prefeito.

09 No caso de resposta afirmativa para a questão anterior, existem organizações ou associações de moradores no bairro que se mobilizem em cobranças coletivas ao Poder Público com o intuito de se obter melhoria na condição de vida ou desenvolvimento do bairro?

Tem sim, lá no final da praça do Anhanguera tem uma Associação, mas eu não sei detalhes. Aqui tinha o Clube de Mães.

10 Os moradores do bairro demonstram afetividade e sentimento de pertencimento com a localidade? Como se dar a interação entre os moradores e entre estes e o meio em que moram? Ou é como as pessoas ainda se sentem muito ligados afetivamente ao local de onde vieram?

Tem sentimento de pertença sim. Quando foram construir a praça da Bíblia, que antes era Praça dos Migrantes, tinha quadra de esportes, tinha gramado, algumas ruas eram fechadas com bloquetes pro pessoal brincar, não passava carro de jeito nenhum e para viabilizar o trânsito. Sentávamos na porta, brincava na rua, hoje você não ver mais ninguém na porta da rua, todo mundo assistindo TV em casa.

APÊNDICE G – ENTREVISTA 6

FACULDADES ALVES FARIA

ALUNA: ROSA DE FÁTIMA TAVARES SOUZA

CURSO: MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL

ENTREVISTA ABERTA – Para as pessoas-chave do bairro

01 Identificação do entrevistado:

Nome – Raimundo Nonato Teixeira de Sousa

Idade – 50 anos

Profissão – Pastor

Naturalidade – Grajaú - MA

02 Qual o tempo de residência no bairro e o qual o motivo que o levou morar no bairro Bacuri? Você conhece a feirinha do Bacuri e costuma ir lá? Existem bancas de panelada no Bacuri? Quem costuma frequentar as bancas de panelada? As pessoas gostam dessa comida?

33 anos

Minha família sobrevivia da roça, morávamos no interior em uma localidade denominada Jabuti, alguns dos meus irmãos mais velhos foram pra Serra Pelada e aos poucos foram retornando com a notícia de muitos lugares por onde tinham passado, depois de algum tempo, alguns parentes de papai mudaram-se para Imperatriz e corria notícias de que tinha conseguido riqueza e papai foi influenciado por essa ideia e desbravamos o Maranhão no seu sentido sul, nos deparamos alguns dias depois no lombo de animais a bem mais tímida Imperatriz.

Conheço a nossa feirinha sim, vou desde o começo, conheço muitos comerciantes, algumas pessoas da igreja têm bancas lá, lá eu compro até fiado e vende-se de tudo, tem muita panelada sim, sarapatel, buchada, mocotó e o delicioso caldo de ovo, além da galinha caipira. Na minha opinião as pessoas gostam mais da galinha caipira do que da panelada, mas a panelada é mais barata, mais fácil de achar. Todos frequentam tanto a feirinha como as bancas que vendem comida pronta, em tempos muito antigos, não tínhamos restaurantes na cidade e se tinham alguns eram muito caros pro povo, comer fora de casa era ir na banca. Eu adoro o meu desjejum com panelada, mas estou impedido pelo médico, é uma comida muito forte, de muita sustância, minha saúde não permite.

03 Você conhece moradores do bairro que não sejam de Imperatriz? Essas pessoas são de onde? Por que existem tantos mineiros e piauienses no Bairro? Você consegue perceber uma predominância em relação à origem das pessoas com as quais você convive?

Por onde já passei, nas congregações que já comandeï, a grande maioria das pessoas nasceram em outro lugar, mas se denominam de Imperatriz, já se naturalizaram, amam essa terra. Não vejo predominância de origem, talvez um pouco mais incidente as pessoas que vieram de outros locais no próprio Maranhão, tem muita gente da baixada, da região dos cocais, entre outros.

04 Na convivência diária, os habitantes mencionam facilmente ou conversam sobre o local de onde vieram? Do que elas falam normalmente? Demonstam saudades ou lembranças e/ou relatam facilmente suas memórias do passado, como seus parentes, os costumes do lugar de origem, as comidas e os hábitos de vida?

Muito raro. Talvez os mais velhos, aqueles que vieram já crescidos pra cá, mencionem vez ou outra alguma coisa, mas não muito. Saudades das pessoas, do lugar em si não, gostam de falar dos seus familiares, alguns visitam a terra natal as vezes, outros nunca mais voltaram.

05 No caso de resposta afirmativa para a questão anterior, você conseguiria identificar se os habitantes do bairro conservam hábitos alimentares, culturais e de convivência ainda vinculados com o seu local de origem? Ou já perderam tais práticas?

Os hábitos alimentares hoje são quase os mesmos pra todos, muita galinha caipira, quando o dinheiro dá, porque hoje custa 50 reais, panelada, sarapatel, buchada, feijão misturado, cozidão com macaxeira e muito piqui, quando é tempo da fruta. Não sei dizer se essas coisas são daqui ou de outro lugar, ou se representam um produto dessa mistura de vidas. O que eu observo muito raramente uma família seguir uma dieta diferente desses alimentos que eu falei. Ah e o churrasquinho, o bairro Bacuri é o lugar dos espetinhos, não sei de onde vem essa ideia, mas podemos encontrar muitos pontos comerciais vendendo o espetinho.

06 O que mudou na vida e nos hábitos dessas pessoas com o passar dos anos? É possível se perceber alguns hábitos e práticas que foram esquecidos? Pode-se afirmar que alguns hábitos e costumes foram aprendidos? Quais?

Já percebo uma coisa unificada, fiz parte dessa mistura, não sei dizer onde e como as coisas foram inseridas na nossa cultura, porque foram muitas e ao longo de alguns anos. Hoje todos temos uma vida meio parecida, não se destaca nada com muita diferença, a não ser algumas famílias árabes que eu conheço que moram no bairro.

07 Os moradores sabem como se formou o bairro Bacuri? Esses habitantes demonstram conhecimento sobre a diferença entre ocupação planejada e desordenada de um determinado local?

Alguns sim, sabem que muitas pessoas chegaram e épocas próximas e foram fazendo morada. Algumas não viviam em lugares melhores antes, o Bacuri é o melhor lugar que já moraram, acho que a maioria não um parâmetro para comparar, são pessoas simples, é um bairro pobre, de pessoas que lutam pela vida todo dia, alguns com muita dificuldade, quase todos sem luxo.

08 O que os moradores do bairro acham das ruas desorganizadas e despadronizadas, vielas e becos sem saídas, ocupação das margens e dos leitos dos riachos, da falta de saneamento básico e do desrespeito ao meio ambiente local? Os moradores sabem que contribuem para muitos desses problemas?

A grande maioria só coloca culpa no prefeito.

É moda colocar a culpa na política, nos políticos.

Ninguém coloca a culpa por alguns problemas em si mesmo..

09 No caso de resposta afirmativa para a questão anterior, existem organizações ou associações de moradores no bairro que se mobilizem em cobranças coletivas ao Poder Público com o intuito de se obter melhoria na condição de vida ou desenvolvimento do bairro?

Eu sei que tem, fica lá perto da praça Tiradente (ou tinha), mas não sei falar sobre o seu funcionamento.

10 Os moradores do bairro demonstram afetividade e sentimento de pertencimento com a localidade? Como se dar a interação entre os moradores e entre estes e o meio em que moram? Ou é como as pessoas ainda se sentem muito ligados afetivamente ao local de onde vieram?

Sim. Muito. O Bacuri significou melhoria de vida pra muitas famílias. São apegadas com as casas, mais com as coisas conquistadas de forma individualizadas, não sinto muita preocupação com as riquezas naturais, estão todas destruídas hoje. Mas, é um povo unida, vi uma casa de uma irmã enchendo de água durante uma grande chuva e vi muitos vizinhos ajudando a salvar os móveis e as coisas daquela família, foi bonito, me marcou, ainda temos muitas pessoas boas, que se colocam no lugar dos outros.

APÊNDICE H – ENTREVISTA 7

ENTREVISTA ABERTA – Para as pessoas-chave do bairro

01 Identificação do entrevistado:

Nome – Maria Albertina Carvalho de Lima

Idade – 86 anos

Profissão – Moradora antiga 01

Naturalidade – Itacajá – GO (Atualmente Tocantins)

02 Qual o tempo de residência no bairro e o qual o motivo que o levou morar no bairro Bacuri? Você conhece a feirinha do Bacuri e costuma ir lá? Existem bancas de panelada no Bacuri? Quem costuma frequentar as bancas de panelada? As pessoas gostam dessa comida?

Casei muito nova, com 15 anos, e morei na Fazenda do meu avô durante 07 anos depois do casamento, esse tempo houve o falecimento do meu avô e eu e meu marido e mais 03 filhos já nascidos nos mudamos com alguns irmãos dele e outros meus para a cidade de Sucupira já no Maranhão, moramos lá por alguns anos, vivendo sempre de roça e muitas pessoas vinham do Piauí e passavam por lá vindo em direção a Imperatriz, com esse contato com essas pessoas, resolvemos, aliás meu marido resolveu que ele ia conhecer essa cidade, veio com os viajantes e passou mais de 6 meses sem dá notícia e quando retornou já foi pra nos buscar e viemos todos, já no total de 7 filhos. Depois de semanas no lombo de animais, chegamos e já tínhamos uma roça no ponto de colheita.

Conheço a feira, da vida inteira, de quando começou, mas não vou mais lá não, saio muito pouco de casa, só pra ir pra igreja, mas sei contar de lá, porque vi se formarem aquelas barracas. Tem banca de comida, de comida caseira, de galinha, panelada, carne de porco, sarapatel e tudo mais. A panelada é de Imperatriz também, mas é também de outros lugares, com outros nomes, tem dobradinha, mocotó, mas em Imperatriz o povo se orgulha e conta histórias e leva os amigos que vem de fora, começou quando o povo vinha das festas e das farras e paravam nas bancas de panelada pra curar a bebida e voltar as forças.

03 Você conhece moradores do bairro que não sejam de Imperatriz? Essas pessoas são de onde? Por que existem tantos mineiros e piauienses no Bairro? Você consegue perceber uma predominância em relação à origem das pessoas com as quais você convive?

Demais, quando eu cheguei aqui, difícil era achar alguém que fosse daqui mesmo. Gente de todo lugar, minha vizinha de parede era da Bahia, de uma cidadezinha chamada Itarantim, chorava muito a pobre com saudade do povo dela, convivemos muito e nunca vi ela falando em ir visitá-los, as condições não deixavam, perdi o contato, quando ela se mudou pra outra casa, mas me lembro muito das suas história e fomos até comadres de fogueira.

Eu sempre vi muita mistura gente de muitos lugares, não sei dizer se tinha mais de um lugar ou de outro, muito maranhense, cearense e piauiense eu conheci, e convivi.

04 Na convivência diária, os habitantes mencionam facilmente ou conversam sobre o local de onde vieram? Do que elas falam normalmente? Demonstram saudades ou lembranças e/ou relatam facilmente suas memórias do passado, como seus parentes, os costumes do lugar de origem, as comidas e os hábitos de vida?

Antigamente nos sentávamos na porta, nas calçadas, e conversávamos sobre tudo, passado e presente, falávamos de tudo do que ficou pra trás, eu mesma me lembro dos casos da fazenda de Goiás, coisas da minha infância, de Sucupira também. As vizinhas também contavam suas histórias, casos alegres e tristes, de fome, da luta da viagem, muitas no começo queriam voltar, muitas choravam e diziam que nunca se acostuariam, mas isso aos poucos foi diminuindo, aos poucos as histórias se tornaram lembranças que as poucos foram sumindo da nossa memória, foram trocadas pelas histórias já daqui, da nova casa, da nova vida, muitas de nós, já tivemos filhos aqui.

05 No caso de resposta afirmativa para a questão anterior, você conseguiria identificar se os habitantes do bairro conservam hábitos alimentares, culturais e de convivência ainda vinculados com o seu local de origem? Ou já perderam tais práticas?

Dos mais próximos sim, dessa minha comadre baiana tinha algumas coisas que eu não comia, era uma coisas muito diferentes, o vatapá a primeira vez que eu vi foi na casa dela. Mas no geral a comida do povo é arroz, feijão, carne, ovo, coisas muito simples, isso quando se tinha, no Maranhão assim como no Goiás comiam muito pequi. Nas brincadeiras nas portas a noite, muitas crianças de fora mostravam brincadeiras novas, isso ainda quando as pessoas não tinham televisão em casa, a convivência era maior, era tudo misturado. Mas hoje não tem

mais nada disso, hoje as pessoas nem se conhecem, só se são moradores antigos, porque hoje em dia é tudo diferente.

06 O que mudou na vida e nos hábitos dessas pessoas com o passar dos anos? É possível se perceber alguns hábitos e práticas que foram esquecidos? Pode-se afirmar que alguns hábitos e costumes foram aprendidos? Quais?

Esquecemos sim, e aprendemos, teve muita mistura, a gente esquece as vezes se aprendeu aqui, ou se aprendeu antes, tem fase da vida que a gente nem lembra onde aprendeu. Mas algumas coisas são muito marcantes, aprendi a fazer a arroz com a minha mãe e até hoje faço igual. Minha filha sabe fazer do mesmo jeito, mas agora comprou uma panela de arroz de energia. Poucas pessoas mantem a vida do mesmo jeito, raras vezes. .

07 Os moradores sabem como se formou o bairro Bacuri? Esses habitantes demonstram conhecimento sobre a diferença entre ocupação planejada e desordenada de um determinado local?

Quem era daquele tempo antigo, sabe que aqui é invasão e depois a prefeitura tomou as rédeas. Mas o povo de hoje, sei não, os mais novos não conhecem nem sua própria história.

08 O que os moradores do bairro acham das ruas desorganizadas e despadroneadas, vielas e becos sem saídas, ocupação das margens e dos leitos dos riachos, da falta de saneamento básico e do desrespeito ao meio ambiente local? Os moradores sabem que contribuem para muitos desses problemas?

A maioria não para pra reparar essas coisas, hoje em dia é só correria, tem gente que sai cedo e chega de noite, não pensam ou reparam no lugar onde vivem. Alguns problemas são causados pelos moradores, mas eles não param muito pra pensar nisso não.

09 No caso de resposta afirmativa para a questão anterior, existem organizações ou associações de moradores no bairro que se mobilizem em cobranças coletivas ao Poder Público com o intuito de se obter melhoria na condição de vida ou desenvolvimento do bairro?

Não sei bem responder.

10 Os moradores do bairro demonstram afetividade e sentimento de pertencimento com a localidade? Como se dar a interação entre os moradores e entre estes e o meio em que moram? Ou é como as pessoas ainda se sentirem muito ligados afetivamente ao local de onde vieram?

Alguns sim, mas não muito. Não vejo muito apego, só vejo uma vida muito corrida. Podiam morar aqui ou em qualquer outro lugar que era a mesma coisa, falo isso principalmente tomando por exemplo meus filhos e netos, as pessoas são desgarradas hoje, não querem aprender mais nada, hoje é tudo pronto, é tudo diferente.

APÊNDICE I – ENTREVISTA 8

ENTREVISTA ABERTA – Para as pessoas-chave do bairro

01 Identificação do entrevistado:

Nome – Josenildo de Assis Santos

Idade – 24

Profissão – Estudante universitário

Naturalidade – Imperatriz - MA

02 Qual o tempo de residência no bairro e o qual o motivo que o levou morar no bairro Bacuri? Você conhece a feirinha do Bacuri e costuma ir lá? Existem bancas de panelada no Bacuri? Quem costuma frequentar as bancas de panelada? As pessoas gostam dessa comida? Desde que nasceu mora no Bacuri.

Meus pais vieram de São João dos Patos a 30 anos atrás e fixaram residência no bairro, pois as condições financeiras da época não permitiam moradia no Centro da cidade, que já era mais ou menos organizado.

Meu pai conheceu Imperatriz na passagem para os Garimpos de Serra Pelada e resolveu trazer minha mãe e meus dois irmãos mais velhos que já eram nascidos.

Fui criado quase dentro da feirinha.

Sempre teve banca de comida, não só panelada, de tudo, comida boa, bem temperada, que sustenta mesmo.

Todo mundo de Imperatriz senta na banca de comida, de costas pra rua e gosta.

Não tem comida melhor do que a panelada com arroz branco, farinha de puba, limão e pimenta e depois beber uma água bem gelada em um copo de alumínio bem areadinho, só aqui na Imperosa tem isso.

03 Você conhece moradores do bairro que não sejam de Imperatriz? Essas pessoas são de onde? Por que existem tantos mineiros e piauienses no Bairro? Você consegue perceber uma predominância em relação à origem das pessoas com as quais você convive?

Muitos amigos meus já nasceram aqui, mas os pais não.

Tem mais gente é do próprio Maranhão, de outros lugares, da baixada, de pedreiras, mas tem gente do Nordeste todo, também.

04 Na convivência diária, os habitantes mencionam facilmente ou conversam sobre o local de onde vieram? Do que elas falam normalmente? Demonstram saudades ou lembranças e/ou relatam facilmente suas memórias do passado, como seus parentes, os costumes do lugar de origem, as comidas e os hábitos de vida?

Já ouvi muitas histórias das pessoas que moram perto de casa. Na grande maioria das vezes, essas histórias eram contadas na calçada, antes as pessoas falavam mais das suas vidas, , conviviam e se conheciam mais, hoje isso é raro, não vejo mais histórias. Os mais velhos contavam principalmente de como chegaram, do sofrimento pela condição financeira, lembro de histórias das festas dos lugares, festejos

05 No caso de resposta afirmativa para a questão anterior, você conseguiria identificar se os habitantes do bairro conservam hábitos alimentares, culturais e de convivência ainda vinculados com o seu local de origem? Ou já perderam tais práticas?

Hoje todo mundo faz quase tudo igual, sem muitas diferenças, o bairro é pobre, as comidas são simples. Tem uma coisinha ou outra, como carne de caça que aqui acolá ainda se ver, como tatu no leite de coco que meu pai ainda faz e sempre lembra da terra dele, a paçoca de carne de sol também, mas são poucas coisa, tudo é muito igual hoje em dia, as pessoas nem conversam mais, tem vizinho que a gente nem conhece.

06 O que mudou na vida e nos hábitos dessas pessoas com o passar dos anos? É possível se perceber alguns hábitos e práticas que foram esquecidos? Pode-se afirmar que alguns hábitos e costumes foram aprendidos? Quais?

Pra mim, foi uma padronização quase geral. Raríssimos traços diferenciam uma prática familiar da outra. A panelada e a galinha caipira, enquanto hábito alimentar é de cem por centos dos que eu conheço aqui que gostam e que eu digo que foi aprendido como uma comida de tradição daqui.

07 Os moradores sabem como se formou o bairro Bacuri? Esses habitantes demonstram conhecimento sobre a diferença entre ocupação planejada e desordenada de um determinado local?

“Namm”. Eu penso que não. O povo foi se chegando e se chegando e o bairro foi crescendo naturalmente. O que se sabe por aqui é que não tem muita coisa de organização do poder municipal e estadual.

08 O que os moradores do bairro acham das ruas desorganizadas e despadronizadas, vielas e becos sem saídas, ocupação das margens e dos leitos dos riachos, da falta de saneamento básico e do desrespeito ao meio ambiente local? Os moradores sabem que contribuem para muitos desses problemas?

A maioria é conformada e acredita que é normal um bairro de gente pobre ser assim. Tem gente que mora quase dentro dos rios, joga dejetos de banheiro, de pia, e joga porque quer, não se importa de fazer um fossa, nada, mas acha que estão certas, que são pobre e que o prefeito é que tem que organizar, o povo não se culpa por nada não.

09 No caso de resposta afirmativa para a questão anterior, existem organizações ou associações de moradores no bairro que se mobilizem em cobranças coletivas ao Poder Público com o intuito de se obter melhoria na condição de vida ou desenvolvimento do bairro?

Que eu saiba só os grupos das igrejas mesmo, não conheço outros não.

10 Os moradores do bairro demonstram afetividade e sentimento de pertencimento com a localidade? Como se dar a interação entre os moradores e entre estes e o meio em que moram? Ou é como as pessoas ainda se sentem muito ligados afetivamente ao local de onde vieram?

Não sei não viu, muitos sim, outros nem aí. Aqui é a minha casa, minha terra, mas também não me vejo preocupado em fazer nada para melhorar, pra ter afetividade é preciso se preocupar, eu acho, e olha que o que eu menos vejo aqui é gente preocupada com alguma coisa além das suas casas e das suas famílias, do seu terreiro.

APÊNDICE J – ENTREVISTA 9

ENTREVISTA ABERTA – Para as pessoas-chave do bairro

01 Identificação do entrevistado:

Nome – Rosângela Moreira Borges

Idade – 22

Profissão – Estudante universitária

Naturalidade – Imperatriz - MA

02 Qual o tempo de residência no bairro e o qual o motivo que o levou morar no bairro Bacuri? Você conhece a feirinha do Bacuri e costuma ir lá? Existem bancas de panelada no Bacuri? Quem costuma frequentar as bancas de panelada? As pessoas gostam dessa comida?

Sou Imperatrizense, mas meus pais são de Minas Gerais, de Uberaba.

Conheço bem a feirinha, minha mãe e meu pai vão sempre.

Sim, tem bancas de comidas caseiras, de tudo, não só panelada.

Olha, é difícil alguém de Imperatriz não gostar de panelada, acho que só quem não gosta não vai, porque vai gente de todo lugar e toda classe social.

03 Você conhece moradores do bairro que não sejam de Imperatriz? Essas pessoas são de onde? Por que existem tantos mineiros e piauienses no Bairro? Você consegue perceber uma predominância em relação à origem das pessoas com as quais você convive?

Conheço muitas pessoas de fora, minha família mesmo, mas não consigo identificar predominância não.

04 Na convivência diária, os habitantes mencionam facilmente ou conversam sobre o local de onde vieram? Do que elas falam normalmente? Demonstrem saudades ou lembranças e/ou relatam facilmente suas memórias do passado, como seus parentes, os costumes do lugar de origem, as comidas e os hábitos de vida?

Meus pais sentem muitas saudades do tempo deles em Minas, mas não falam de voltar, gostam daqui. Meu pai, que veio com meu avô ainda, conta muito da viagem pra cá que foi de

muitos dias e de muito sofrimento. As outras pessoas eu não observo falarem nada de onde moravam, acho que muitas se adaptaram total aqui.

05 No caso de resposta afirmativa para a questão anterior, você conseguiria identificar se os habitantes do bairro conservam hábitos alimentares, culturais e de convivência ainda vinculados com o seu local de origem? Ou já perderam tais práticas?

Lá em casa o pão de queijo feito com polvilho doce ainda é uma estrela, doce de leite também, isso meus pais nunca esqueceram, o torresminho também, mas não é uma coisa só lá de casa, algumas famílias tem hábitos e comidas das suas terras, mas já tem outras que aprenderam aqui também, ninguém é mais o mesmo que chegou.

06 O que mudou na vida e nos hábitos dessas pessoas com o passar dos anos? É possível se perceber alguns hábitos e práticas que foram esquecidos? Pode-se afirmar que alguns hábitos e costumes foram aprendidos? Quais?

Pouco se conservou, e muito se misturou. Talvez já se criou um característica própria de Imperatriz, com a panelada, a galinha caipira, o sarapatel. Mas é difícil identificar quando se esqueceu, ou quando se aprendeu alguma coisa, por exemplo, o Bacuri é cheio de locais que vendem espetinho, de onde veio essa prática, ninguém pensa sobre isso, mas com certeza alguém trouxe essa ideia, mas hoje isso já é daqui

07 Os moradores sabem como se formou o bairro Bacuri? Esses habitantes demonstram conhecimento sobre a diferença entre ocupação planejada e desordenada de um determinado local?

Alguns pensam e refletem sobre isso, mas com certeza é um porcentagem bem pequena da população, a maioria não para pra pensar nisso.

08 O que os moradores do bairro acham das ruas desorganizadas e despadronezadas, vielas e becos sem saídas, ocupação das margens e dos leitos dos riachos, da falta de saneamento básico e do desrespeito ao meio ambiente local? Os moradores sabem que contribuem para muitos desses problemas?

Acredita que todos esses problemas o povo do Bacuri ainda querem continuar morando aqui, mesmo quando as coisas melhoram, é incrível, mas é verdade. Alguns moradores contribuem para o problema sim, é notório, mas não refletem sobre isso.

09 No caso de resposta afirmativa para a questão anterior, existem organizações ou associações de moradores no bairro que se mobilizem em cobranças coletivas ao Poder Público com o intuito de se obter melhoria na condição de vida ou desenvolvimento do bairro?

Não sei responder.

10 Os moradores do bairro demonstram afetividade e sentimento de pertencimento com a localidade? Como se dar a interação entre os moradores e entre estes e o meio em que moram? Ou é como as pessoas ainda se sentirem muito ligados afetivamente ao local de onde vieram?

Acho que sim, porque o povo gosta daqui apesar de tudo. Eu gosto e sou feliz, só queria que melhorasse algumas coisas, isso precisa..

APÊNDICE K – ENTREVISTA 10ENTREVISTA ABERTA – Para as pessoas-chave do bairro

01 Identificação do entrevistado:

Nome –

Idade –

Profissão –

Naturalidade –

02 Qual o tempo de residência no bairro e o qual o motivo que o levou morar no bairro Bacuri? Você conhece a feirinha do Bacuri e costuma ir lá? Existem bancas de panelada no Bacuri? Quem costuma frequentar as bancas de panelada? As pessoas gostam dessa comida?

03 Você conhece moradores do bairro que não sejam de Imperatriz? Essas pessoas são de onde? Por que existem tantos mineiros e piauienses no Bairro? Você consegue perceber uma predominância em relação à origem das pessoas com as quais você convive?

04 Na convivência diária, os habitantes mencionam facilmente ou conversam sobre o local de onde vieram? Do que elas falam normalmente? Demonstram saudades ou lembranças e/ou relatam facilmente suas memórias do passado, como seus parentes, os costumes do lugar de origem, as comidas e os hábitos de vida?

05 No caso de resposta afirmativa para a questão anterior, você conseguiria identificar se os habitantes do bairro conservam hábitos alimentares, culturais e de convivência ainda vinculados com o seu local de origem? Ou já perderam tais práticas?

06 O que mudou na vida e nos hábitos dessas pessoas com o passar dos anos? É possível se perceber alguns hábitos e práticas que foram esquecidos? Pode-se afirmar que alguns hábitos e costumes foram aprendidos? Quais?

07 Os moradores sabem como se formou o bairro Bacuri? Esses habitantes demonstram conhecimento sobre a diferença entre ocupação planejada e desordenada de um determinado local?

08 O que os moradores do bairro acham das ruas desorganizadas e despadronizadas, vielas e becos sem saídas, ocupação das margens e dos leitos dos riachos, da falta de saneamento básico e do desrespeito ao meio ambiente local? Os moradores sabem que contribuem para muitos desses problemas?

09 No caso de resposta afirmativa para a questão anterior, existem organizações ou associações de moradores no bairro que se mobilizem em cobranças coletivas ao Poder Público com o intuito de se obter melhoria na condição de vida ou desenvolvimento do bairro?

10 Os moradores do bairro demonstram afetividade e sentimento de pertencimento com a localidade? Como se dar a interação entre os moradores e entre estes e o meio em que moram? Ou é como as pessoas ainda se sentirem muito ligados afetivamente ao local de onde vieram?

APÊNDICE L – FORMULÁRIO DO QUESTIONÁRIO FECHADO**QUESTIONÁRIO FECHADO PARA ENTREVISTA****1. Situação econômica antes da mudança para Imperatriz – MA.**

- () Renda familiar maior que 05 (cinco) salários mínimos
- () Renda familiar maior que 02 (dois) salários mínimos
- () Renda familiar igual ou menor que 01 (um) salário mínimo
- () Sem renda familiar fixa

2. Motivo da mudança

- () Busca por Terras para agricultura
- () Existência de familiares na região de Imperatriz
- () Oferta de emprego no local
- () Conhecia alguém que tinha vindo para Imperatriz

3. Sobre a conservação dos hábitos de vida do local de origem

- () Nenhuma, nem lembra de hábitos
- () Mínima, conservação apenas de alguns hábitos alimentares
- () Média, conservação de alguns hábitos alimentares e de comportamento
- () Completa, conservação de todos os hábitos de vida
- () Já não conseguem diferenciar se os hábitos são do lugar de origem ou se aprenderam na nova terra

4. Preocupação do morador/migrante com os problemas do bairro

- () Nenhuma. Não entende que o morador deve se preocupar, isso é coisa para o Poder Público
- () Só com os problemas da sua rua
- () Somente com os problemas que o afetem diretamente
- () Apresenta uma preocupação constante com o bairro em sua completude

5. Quanto à afetividade migrante / bairro

- Demonstra afetividade com o Bairro
- Não demonstra afetividade com o Bairro

6. Escolha as 3 (três) prioridades do Bairro Bacuri:

- Segurança Pública
- Serviços de Saúde Pública
- Educação Regular
- Atuação do Poder Público
- Atuação dos Moradores
- Saneamento básico
- Trânsito
- Coleta de lixo
- Recursos naturais e do meio ambiente
- Desemprego
- Lazer/ Atividades culturais
- Crescimento econômico

7. Quanto à participação popular para a efetivação de mudanças

- Impossível
- Possível
- Somente em conjunto com o Poder Público
- Somente o Poder Público pode mudar a realidade de um lugar

8. A vida melhorou ou piorou com a decisão de migrar para Imperatriz

- Nada
- Muito pouco
- Mudou muito
- Mudou completamente